

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

JOSÉ AUGUSTO BANDEIRA DE BARROS

ANTES E DEPOIS:

**ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE ARTISTAS DE PERIFERIA EM MATÉRIAS DO *DIÁRIO
GAÚCHO***

Porto Alegre
2016

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Orientador:

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JOSÉ AUGUSTO BARROS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 25 de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gerbase

Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy (PUCRS)

Prof. Dr. João Guilherme Barone (PUCRS)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Michael Jackson	64
Figura 2 – Nota ao Leitor	66
Figura 3 – Eurofunk.....	67
Figura 4 – Eurofunk (Capa).....	68
Figura 5 – Balanço Estrelas da Periferia	70
Figura 6 – Gangster.....	72
Figura 7 – Max & Rodrigo	74
Figura 8 – Max & Rodrigo (Capa).....	75
Figura 9 – Jader & Gustavo	78
Figura 10 – MC Dino.....	82
Figura 11 – Sandro Saldanha	86
Figura 12 – Grupo do Bola.....	89
Figura 13 – Ônibus Grupo do Bola	90
Figura 14 – Grupo do Bola SuperStar	91
Figura 15 – Grupo do Bola SuperStar II	91
Figura 16 – Grupo do Bola no Gshow	93
Figura 17 – Grupo do Bola no Gshow II	94
Figura 18 – Pitaco sobre Marcus & Fabiano	96
Figura 19 – MC Dudinha.....	97
Figura 20 – Rock Santo Forte.....	99
Figura 21 – Absinto	100
Figura 22 – Amigos do Santo	102
Figura 23 – Infuria no <i>Site do Diário Gaúcho</i>	103
Figura 24 – Vídeo Infuria.....	104
Figura 25 – Vídeo Infuria II.....	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JORNALISMO POPULAR.....	13
2.1 <i>DIÁRIO GAÚCHO</i> E JORNALISMO POPULAR.....	16
3 JORNALISMO CULTURAL	22
3.1 JORNALISMO CULTURAL NO MUNDO	22
3.2 JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL	29
4 BREVE HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA.....	38
4.1 SAMBA.....	42
4.2 BOSSA NOVA.....	45
4.3 <i>ROCK</i>	46
4.4 CHORO	50
4.5 PAGODE	52
4.6 SERTANEJO.....	54
4.7 MPB	58
4.8 MÚSICA POPULAR GAÚCHA.....	60
5 ESTRELAS DA PERIFERIA	62
6 CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE A – Entrevista com Carlos Etchichurry.....	113
APÊNDICE B – Entrevista com Claudio Thomas.....	115
APÊNDICE C – Entrevista com a Dupla Sertaneja Max & Rodrigo	117
APÊNDICE D – Entrevista com Sandro Saldanha, do Projeto John Folk	119
APÊNDICE E – Entrevista com MC Dino	121
APÊNDICE F – Entrevista com a Dupla Sertaneja Jader & Gustavo.....	124
APÊNDICE G – Entrevista com Saimon, do Grupo do Bola	1256
APÊNDICE H – Entrevista com Flávia Requião	1278

APÊNDICE I – Entrevista com Mauri Grandó 1312

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a seção Estrelas da Periferia, do jornal *Diário Gaúcho*, que gira em torno de artistas da música que vivem na periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana. O objetivo é verificar como músicos de periferia, que não tinham espaço na mídia anteriormente, que são objeto de matéria da seção, se divulgavam antes de ter suas matérias ali publicadas, como se deu o processo de publicação de tais reportagens e o que aconteceu com eles após a publicação de suas reportagens, ou o que não aconteceu. Ainda, verificar a importância jornalística e social do veículo ao dar um espaço fixo, semanal, para artistas de todos os gêneros que não dispunham de divulgação em mídias tradicionais até então. Como recorte para a análise, selecionamos cinco artistas em diferentes épocas, que foram objeto de matérias em Estrelas da Periferia, entre os anos de 2009, quando a seção começou, até 2016. Representantes de *funk*, *pop*, pagode e sertanejo, que foram entrevistados pessoalmente e por *e-mail*, relataram suas histórias antes de terem suas matérias publicadas e trouxeram impressões e fatos para sustentar o que aconteceu depois. Depois de contextualizar jornalismo, jornalismo popular, de falar sobre jornais populares no mundo, e no país, nos primeiros capítulos, a pesquisa esmiúça a história do jornal *Diário Gaúcho*, suas particularidades enquanto jornal popular e seu funcionamento. Adiante, o trabalho conta a história do surgimento da seção que dá espaço para artistas de periferia, explica suas diversas fases e mostra as mudanças pelas quais passou ao longo de sete anos. Nas entrevistas, a dissertação procura analisar, de maneira crítica, como o jornal tratou os artistas em suas matérias, se fez acompanhamento deles depois e se a evolução que eles apresentaram, ou não, foi efeito. Para entender como os artistas se viam antes da matéria, qual era o seu discurso, essa dissertação se socorre do conceito utilizado por Dominique Maingueneau, em *Análise do Discurso*, que defende que o discurso do orador revela a imagem que ele deixa entrever de si no processo. Identificamos, nessa análise, que o jornal cumpre uma função mais social do que propriamente jornalística ao dar espaço para os artistas iniciantes de periferia, pois não aplica alguns rigores jornalísticos ao acompanhá-los depois da publicação de suas matérias, por exemplo. O jornal ainda ressalta seu papel social frente ao leitor quando tenta uma aproximação ainda maior com sua comunidade, ao publicar histórias de artistas de periferia, novatos, que são, muitas vezes, vizinhos daquele leitor que compra diariamente o jornal, fazendo com que ele se enxergue, vendo que sua comunidade é “percebida” pelo veículo de comunicação.

Palavras-chave: Jornal. Periferia. Música. *Diário Gaúcho*. Estrelas da Periferia.

ABSTRACT

This work has as its theme the Stars outskirts section, the *Diário Gaúcho* newspaper, which revolves around music artists living on the outskirts of Porto Alegre and the Metropolitan Region. The goal is to see how the outskirts of musicians, who had no space in the media before and who are the section of object to be published, reacted before having their stories published there. How was the process of publishing such reports and what happened to them after the publication of their reports, or what did not happen, are questions to be answered as well. The goal is also to check the news and social importance of the vehicle in order to give a fixed, weekly space for artists of all genres, which had no disclosure in traditional media until then. Aiming to represent or take a look in the analysis, we selected five artists at different times, which were the subject of materials in Stars outskirts, between 2009, when the section began, and 2016. Funk Representatives, pop, pagoda and frontiersman, who were interviewed in person and by email, told their stories before they have their material published and brought impressions and facts to support what happened next. After contextualizing journalism, popular journalism, and talking about popular newspapers in the world and the country in the first chapters, research dissects the history of *Diário Gaúcho* newspaper, its peculiarities as popular newspaper and its operation. Ahead, the work tells the story of the emergence of the section that gives space to the outskirts of artists, explains its various stages and shows the changes that Outskirts of Stars spent over seven years. In the interviews, the dissertation tries to analyze critically how the newspaper treated the artists in their stories, if the journal monitorized them and the progress that they had or not after the publication. In order to understand how artists saw themselves before the matter, which was his speech, this dissertation bails concepts used by Dominique Maingueneau in *Discourse Analysis*, which argues that the speaker's speech reveals the image he gives us a glimpse of himself in process. We identified through this analysis that the paper fulfills a social function more than proper news, aiming to make room for the young artists of the periphery as it does not apply some journalistic rigor to accompany them after the publication of their materials, for example. The newspaper also highlights his social front paper the reader when you try an even closer relationship with your community, by publishing stories outskirts of artists, beginners, who are often neighbors that reader who buys daily newspaper, making it sees in the newspaper, seeing that their community is "perceived" by the communication vehicle.

Keywords: Newspaper. Periphery. Music. *Diário Gaúcho*. Star Outskirts.

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a periferia e artistas iniciantes, historicamente, têm pouco espaço na imprensa do país. Entre os vários motivos existentes para que essa realidade tenha durado tanto tempo, podemos apresentar duas hipóteses, de imediato. Uma delas é que, durante muitos anos, os maiores jornais do país não atendiam às camadas mais populares predominantes no país. A outra é que essas camadas historicamente têm menos espaço na sociedade. Porém, para que essa realidade fosse transformada, não bastava simplesmente destinar um espaço em um grande jornal brasileiro para divulgar novos artistas de periferia, para que ele comece a tentar se enxergar de maneira diferente, alterando assim seu *ethos* discursivo.

Afinal, qual a responsabilidade de um veículo que encontra-se entre os 10 maiores do país, em circulação, ao destinar um espaço fixo semanal exclusivo para reportagens sobre novos artistas de periferia? De que maneira ele acompanha a trajetória destes artistas, que têm suas esperanças acalentadas depois de serem objeto de uma matéria no jornal? O jornal efetivamente cumpre um papel jornalístico, com os rigores que se exige de tal, ou cumpre uma função mais social, de propiciar um espaço para quem estava à margem do mundo musical, e até da sociedade, sem um acompanhamento mais específico, depois? Respostas virão ao analisar *cases* de artistas de periferia que tiveram suas histórias contadas na seção Estrelas da Periferia, do *Diário Gaúcho*, de 2009 até 2016.

O trabalho pode contribuir, principalmente, para mostrar pontos falhos da iniciativa, mas também para encontrar pontos em que ela tenha sido efetivamente importante, cumprindo seu papel jornalístico, de dar espaço para novos artistas que até então não tinham espaço dentro de comunidades de periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana, e também para verificar o caráter democrático da seção, conferir se ela dá espaço para os mais variados gêneros da música feita no país.

A seção, denominada Estrelas da Periferia, alvo de estudo desta dissertação, existe desde 2009. O jornal foi escolhido pelo fato de ser o único entre os 10 maiores jornais em circulação no Brasil a destinar semanalmente um espaço fixo para novos artistas de periferia, que até então não tinham espaço fixo nas mídias tradicionais.

Independentemente da qualidade de cada um deles, a pesquisa se justifica porque o trabalho, durante as entrevistas, mostrará como era a realidade de cada artista de periferia antes que fosse objeto de matéria no *Diário Gaúcho*.

No segundo e terceiro capítulos, avançamos na contextualização da história do jornalismo, do jornalismo popular, do *Diário Gaúcho*, jornal que a seção Estrelas da Periferia está inserida, e do jornalismo cultural no Brasil e no mundo, itens fundamentais para que se faça a introdução do tema, inserido em um jornal popular, e que está abrigado sob o guarda-chuva da Editoria de Variedades.

No quarto capítulo, o trabalho faz um breve histórico dos principais gêneros musicais do país, tendo em vista que esta dissertação faz análise de músicos desses gêneros e que têm influências de nomes importantes da história da música e da cultura nacional.

O quinto capítulo dedica-se a relatar como a seção Estrelas da Periferia surgiu. Traz entrevistas com editores do jornal, que contam o funcionamento da Editoria de Variedades, na qual a seção está inserida, cuja editora Flávia Requião é a responsável, e contextualizam como Estrelas da Periferia surgiu. Esse capítulo mergulha na análise de cinco artistas que foram objeto de matéria em Estrelas da Periferia e que tiveram destino diferente depois que suas reportagens foram publicadas.

Alguns desses artistas tiveram maior repercussão ao longo do tempo, como é o caso do Grupo do Bola e do MC Dino. Já outros, como as duplas Jader & Gustavo e Max & Rodrigo, tiveram um relativo destaque em suas cidades e regiões, mas nada que chamasse atenção em outras localidades, mostrando aí a importância de trazer para a pesquisa nomes que, aos olhos da

grande mídia e até do público em geral, seguiram num mesmo patamar, digamos assim, mesmo depois de terem sido objeto de matéria do *Diário Gaúcho*.

O capítulo também apresenta um levantamento completo que demonstra, ano a ano, quais gêneros predominam na seção; analisa de maneira crítica matérias e apura de que maneira o jornal acompanha o que aconteceu com os artistas depois da publicação da história.

O referido capítulo mostrará, principalmente, se efetivamente aconteceu alguma mudança na carreira desses artistas, já que antes eram desconhecidos do grande público e não tinham divulgação nos meios tradicionais de comunicação. Mostrará, ainda, de que maneira o jornal levou isso ao conhecimento do público e, principalmente, como embasou tais evoluções dos artistas. O capítulo analisará o depoimento de alguns artistas sob o prisma do *ethos* discursivo, conceito de Aristóteles utilizado por Dominique Maingueneau, em *Análise do Discurso*, que defende que o discurso do orador revela a imagem que ele deixa entrever de si no processo.

Adiante, o trabalho aponta as conclusões a que se chegou após todas essas análises.

Quanto à metodologia, a pesquisa empregada neste trabalho acadêmico é tanto qualitativa quanto quantitativa, tendo em vista que não seria possível entrevistar todos os artistas que tiveram suas histórias contadas na seção, na medida em que, ao longo de sete anos, mais de 300 músicos, duplas e bandas foram objeto de reportagem de Estrelas da Periferia.

Embora difiram quanto à forma e à ênfase, os métodos qualitativos trazem como contribuição à pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos.

As duas pesquisas acabam complementando-se e podem contribuir para um melhor entendimento do objeto estudado. A pesquisa qualitativa evita

números e lida com interpretações das realidades sociais ou com fatos de determinados contextos. Segundo Godoy (1995), esse tipo de pesquisa

considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

A pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Essa técnica envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Como não existe a possibilidade de contemplar entrevistas com todos os artistas que foram objeto de matéria na seção, foram selecionados sete artistas de diferentes gêneros. Foram entrevistas realizadas pessoalmente e por *e-mail*. Na entrevista, eles contarão um pouco da história de seus grupos, da realidade que enfrentavam antes de terem sua história contada em Estrelas da Periferia, como se viam antes enquanto artistas e o que mudou depois da publicação da matéria. Da mesma maneira, editores de área envolvidos com a publicação de matérias na seção darão seus depoimentos (sobre esta), explicando como ela mudou a maneira como o jornal lidava com novos artistas que, até então, não tinham espaço na mídia. Para a pesquisa quantitativa, será apresentada uma tabela, que mostra, ano a ano, o número de artistas com matérias publicadas no jornal e o gênero ao qual pertencem, mostrando se existe predominância de algum gênero.

A pesquisa abrange os sete anos de existência da seção, que começou em julho de 2009 e segue até hoje em atividade, pelo fato de que essa passou por muitas mudanças ao longo do tempo. Analisar todo esse período é importante, pois quando a seção iniciou no jornal, por exemplo, o *site do Diário*

Gaúcho funcionava de uma maneira completamente diferente da atual, e a matéria estava inserida em um lugar diferente dentro do jornal impresso. O avanço da tecnologia fez com que a seção tivesse acréscimos ao longo dos sete anos, o que justifica sua análise ao longo deste período. Serão entrevistados cinco artistas, utilizando alguns critérios preestabelecidos. Dentre eles, a pesquisa entrevistou um por ano de publicação de matéria. Um de cada gênero predominante no levantamento feito na tabela (*rock*, sertanejo, *funk* e pagode).

Outro critério utilizado foi o de visibilidade posterior à publicação da matéria. Um dos grupos entrevistados, por exemplo, o Grupo do Bola, participou de um *reality show* de bandas com alcance nacional, o *SuperStar*, da TV Globo, e teve mais destaque, naturalmente, que os demais que tiveram sua história contada em *Estrelas da Periferia*, pois foi o único a alcançar uma projeção nacional, por conta do programa. Outros escolhidos, porém, como as duplas Jader & Gustavo e Max & Rodrigo, não tiveram reconhecimento tão expressivo, o que levou a pesquisa a entrevistá-los para entender o que aconteceu com eles após a publicação da matéria. Uma das entrevistas, com o Grupo do Bola, foi gravada. As demais foram feitas por *e-mail* e sempre com as mesmas perguntas. A exceção foi a com o Grupo do Bola, que teve mais perguntas, pois, na avaliação do pesquisador e de seu orientador, foi o que obteve mais destaque, tendo exposição posterior no programa *SuperStar*, na TV Globo.

Nossos principais problemas de pesquisa podem ser resumidos com as seguintes perguntas: Que espaço artistas que antes não tinham penetração na mídia e não conseguiam fazer *shows* fora de suas comunidades conseguiram ocupar em outras regiões da cidade, em outras cidades, outras regiões e até fora do Rio Grande do Sul, depois que a seção teve início? Eles conseguiram fazer isso ou suas carreiras seguiram exatamente iguais ao período anterior ao da publicação? A matéria teve tanta relevância assim ou está inserida dentro de um contexto que levou o artista, ou não, para rumos diferentes? Como eles se divulgavam antes?

Em relação ao objetivo geral, pode-se dizer que a dissertação busca evidenciar a relevância da mídia na promoção de artistas de periferia, analisando o papel do jornal impresso e da cobertura musical feita em jornais populares.

Quanto aos objetivos específicos, são os seguintes:

- Evidenciar a relevância da mídia na divulgação de músicos;
- Identificar como surgiu o interesse das bandas em enviar seu material de divulgação, via *e-mail*, para a seção, e qual era a expectativa em relação à publicação de suas matérias;
- Após as entrevistas com editores e artistas, com base na análise das matérias e com base no que aconteceu com artistas de periferia, ou não, verificar o que mudou em suas trajetórias depois que tiveram sua história contada em Estrelas da Periferia.

2 JORNALISMO POPULAR

Segundo Amaral (2006), para falar de jornalismo popular é preciso retomar o rótulo do sensacionalismo, que enraizou-se na imprensa desde os seus primórdios. Na França do século XIX, por exemplo, os veículos populares de uma página eram conhecidos como *canards*, termo que significa um conto absurdo ou um fato que não é verdadeiro (ANGRIMANI 1994 apud AMARAL, 2006). Os que mais faziam sucesso, de acordo com Amaral (2006), eram os sensacionalistas que contavam histórias de catástrofes, crianças violentadas e eclipses. Os primeiros jornais franceses, a autora destaca, surgidos entre 1560 e 1631, como *Gazette de France* e *Nouvelles Ordinaires*, eram semelhantes aos jornais sensacionalistas atuais e traziam aquele tipo de informação definida como fantástica, que acaba chamando a atenção do público. Em 1836, dois jornais inauguraram de fato a imprensa popular francesa: o *La Presse* e o *Le Siècle*, com seus folhetins sensacionalistas (AMARAL, 2006).

Já nos Estados Unidos, o primeiro jornal surgiu em 1690, o *Publick Occurrences*, que já tinha características sensacionalistas (AMARAL, 2006).

Mas foi no final do século XIX que o sensacionalismo se efetivou na imprensa, com a popularização dos jornais por intermédio do aperfeiçoamento das técnicas de impressão, da expansão do telégrafo e das redes de cabos submarinos, do desenvolvimento do telefone e do surgimento dos anúncios. Com o telégrafo, passou a ser possível que o jornal publicasse as notícias do dia. A criação do sistema público de ensino também foi importante para criar um público leitor de jornais. (AMARAL, 2006)

De acordo ainda com a autora, muitos jornais que antes eram limitados à política, passaram a tratar de temas definidos como de interesse humano, com o relato repleto de detalhes de feitos reais, crimes e dramas de família, deixando os artigos opinativos de lado e passando a tentar retratar o cotidiano da população. O *New York Sun*, fundado em 1833, trazia como *slogan* ser um jornal que “brilha para todos” e que era destinado “aos mecânicos e às massas

em geral”; foi o precursor da definição de *penny press*, por custar um centavo – ou um *penny*.

O tédio dos jornais tradicionais foi substituído por notícias sobre assassinatos, incêndios, suicídios e distúrbios de rua. Se antes a imprensa era destinada às classes sociais mais abastadas, o Sun passou a atender um público leitor que buscava informações ligadas ao seu cotidiano, relacionadas a dramas de pessoas comuns, a polícia e ao dia a dia nos parlamentos. Todos os episódios sensacionais do cotidiano eram relatados extensamente para assegurar a fidelidade do público. (AMARAL, 2006).

Conforme Amaral (2006), outros jornais americanos, como o *New York Herald*, surgido em 1887, foram acusados de *lepra moral* pelo seu entretenimento barato baseado em histórias de divórcios, estupros, pecados, assassinatos brutais e fofocas sobre sacerdotes.

Porém, o marco do jornalismo sensacionalista americano aconteceu na década de 1880, quando foram lançados os jornais de Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst: o *New York World* e o *Morning Journal*. Os dois tinham preços baixos e publicavam dramas ilustrados com títulos que chamavam a atenção. As manchetes, de acordo com Amaral (2006), eram escandalosas em corpo tipográfico largo, e os jornais publicavam notícias sem importância, com informações distorcidas, e provocavam fraudes, como falsas entrevistas e histórias e artigos superficiais. Conforme Amaral, o *New York World*, dirigido por Pulitzer, era voltado para os imigrantes e para a classe operária. Em quatro anos, a circulação do jornal subiu de 15 mil para 250 mil exemplares, muito sustentado em relatos, cenas de costumes, escândalos, combate à corrupção e dramas policiais.

Batizado de sangue foi a manchete do jornal para noticiar a morte de pedestres pisoteados numa ponte recém-inaugurada. Assassinos iam para cadeia urrando por misericórdia. Por serem vendidos em bancas, as capas sempre foram importantes. Pulitzer aperfeiçoou o visual da imprensa popular com o uso de uma manchete principal, muitas vezes em vermelho, e de ilustrações e quadrinhos. Aliás, vem do *New York World* a expressão “jornalismo amarelo” e referia-se a um personagem de uma história em quadrinhos que vestia uma camisola amarela, The Yellow Kid. (AMARAL, 2006)

Amaral (2006) explica que, no Brasil, a expressão “jornalismo amarelo” é substituída por “jornalismo marrom”, que teria vindo da referência à expressão francesa *impremeur marron*, que ficou marcada pelos impressores ilegais do século XIX na Europa. Por aqui, no século XX, surgiram os jornais diários dedicados inteiramente ao público de classes B, C e D. São eles: *Folha da Noite* (São Paulo – 1921 a 1960), *O Dia* (Rio de Janeiro – 1951 até hoje), *Última Hora* (Rio de Janeiro – 1951 a 1964), *Luta Democrática* (Rio de Janeiro – 1954 a 1979) e *Notícias Populares* (Rio de Janeiro – 1963 a 2001) (AMARAL, 2006, p. 43). Conforme Amaral (2006), o jornalista Alberto Dines, em entrevistas, afirmou que a expressão ficou disseminada a partir do uso no jornal carioca *Diário da Noite*, em 1960. O veículo, de acordo com a autora, chegou a ter 200 mil exemplares de tiragem e foi nele que Nelson Rodrigues escreveu folhetins usando o pseudônimo “Suzana Flag”. O *Diário da Noite*, que foi fundado em 1929, por Assis Chateaubriand, tinha Dines como repórter na época, e o jornalista, segundo Amaral (2006), soube que alguém havia se matado por ter sido chantageado por uma revista sensacionalista e produziu uma manchete mencionando que a imprensa amarela havia levado um cineasta ao suicídio.

Calazans Fernandes, chefe de reportagem, teria alterado a manchete: trocou a expressão “imprensa amarela” por “imprensa marrom”, relacionando o marrom à “cor de merda”. Desde então, a expressão “jornalismo marrom” é usada no Brasil para designar jornais e revistas de escândalos. (AMARAL, 2006)

A principal função do jornalista, desde o princípio, foi a de repassar informações verdadeiras sobre os fatos cotidianos. Sendo assim, um jornal é, ou deveria ser, um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Porém, o jornal impresso, sendo ele popular ou não, não pode parar no tempo. Deve estar sempre se atualizando, acompanhando as transformações tecnológicas e da sociedade, para conquistar mais leitores e evoluindo de acordo com as mudanças na sociedade (NOBLAT, 2003).

No final do século XX, por volta de 1990, houve o *boom* dos novos jornais populares no Brasil. Estes periódicos buscam a sedução do leitor através do apelo visual e pela velocidade dos textos mais sintéticos. Conforme Amaral (2006), passou a existir maior aproximação com o leitor por intermédio de outras estratégias, como a prestação de serviço e o entretenimento. Nos últimos anos, o aumento desses impressos no Brasil cresceu de forma surpreendente. Entre 1997 e 2008, mais especificamente, surgiram jornais populares que viraram *cases* de sucesso, como o *Extra*, o *Meia Hora* (Rio de Janeiro), o *Agora São Paulo* (São Paulo), o *Super Notícia* (Minas Gerais) e o *Hora de Santa Catarina*, todos com tiragens expressivas em suas regiões. Além disso, priorizam a temática do cotidiano e da proximidade com o mundo do público das classes B, C e D, porém mantêm certa distância dos exageros e das fórmulas consagradas com matérias sensacionalistas. Em várias capitais brasileiras ocorre a reestruturação dos jornais populares já existentes e o surgimento de novos impressos, como é o caso do *Diário Gaúcho*, do Grupo RBS (AMARAL, 2006).

2.1 DIÁRIO GAÚCHO E JORNALISMO POPULAR

Lançado em abril de 2000, o *Diário Gaúcho* seguiu o estilo dos demais jornais populares do mundo e tinha por objetivo conquistar o público das classes B, C e D. O principal atrativo, além do preço (R\$ 0,25, inicialmente), eram as cores chamativas e as matérias com muitas fotos e ilustrações. A ideia inicial da direção do Grupo RBS era que a circulação atingisse cerca de 80 mil exemplares diários. Porém, a procura foi tanta, que o *Diário Gaúcho* rodou praticamente 200 mil exemplares inicialmente, mas foi necessária uma segunda rodagem, e o jornal tornou-se uma referência no jornalismo popular do Rio Grande do Sul (AMARAL, 2006).

O jornal tem uma linha editorial voltada à prestação de serviço, em conjunto com eventos, promoções e ações especiais. A identificação com seu público o transformou no jornal mais lido em Porto Alegre e Grande Porto Alegre, com 1,2 milhão de leitores habituais

(MARPLAN, 2013), e nas principais cidades do interior do Rio Grande do Sul, com circulação total, em fevereiro de 2013, de 161.372 exemplares (IVC, março de 2013). (GRUPO RBS, 2015)

Em seu material promocional, como lembra Amaral (2006), o jornal afirma que o veículo foi criado “com o propósito de levar dignidade e diversão ao seu leitor”. Em sua origem, o *Diário Gaúcho* foi definido como um veículo que se destinava a um casal com filhos, de 8 a 12 anos, o pai vigilante, a mãe faxineira, de renda de R\$ 1,2 mil, que buscam uma vida digna para seus filhos, preocupam-se com segurança, educação, moral, abuso sexual, diversão barata e assistência médica para os filhos. Em seu primeiro editorial, o jornal assume o compromisso de ser “barato, completo e digno, com linguagem clara e fácil”, conforme Amaral (2006).

Na época de seu lançamento, a população de Porto Alegre e da Região Metropolitana foi convidada a escolher o nome do jornal, em um concurso que teve mais de 500 mil votos, cujo prêmio era um carro zero quilômetro.

Quando o DG foi lançado, uma pesquisa do Ibope, realizada em junho de 2000, mostrava que a maioria dos leitores se situava na classe C, tinha renda de dois salários mínimos e seu grau de instrução era primeiro grau completo ou incompleto. Parte dos consumidores do DG não eram leitores do jornal, e após seu lançamento, em 2000, a região metropolitana de Porto Alegre passou a ser a primeira em índice de leitura no Brasil. (AMARAL, 2006)

A autora lembra ainda, no artigo *Imprensa Popular: Sinônimo de Jornalismo Popular?* (2006), que publicações voltadas às classes B, C e D fazem parte de um novo mercado a ser analisado, que tem um público que quer mais do que incríveis histórias, buscando também prestação de serviço e entretenimento. Ela comenta, ainda, que são jornais baratos, com baixa paginação – o *Diário Gaúcho* varia de 24 a 32 páginas –, vendidos em bancas, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda, que veio a ser denominado, posteriormente, de classe C.

Os veículos como o *Diário Gaúcho* atendem às regiões metropolitanas e apostam nas editorias de Cidade. Atualmente, o *Diário Gaúcho*, segundo

informações obtidas junto ao editor-chefe, Carlos Etchichury, em consulta via *e-mail*, tem tiragem média de 130mil exemplares por dia e é dividido nas editorias de Geral, Variedades, Esportes, Polícia e Opinião.

Amaral (2006) lembra que veículos como o *Diário Gaúcho*, para atraírem seu público, focam sua cobertura diária na inoperância do Poder Público, na vida das celebridades e no cotidiano das pessoas e do povo. Nos últimos anos, Amaral observa, o aumento desses impressos no Brasil cresceu de forma surpreendente.

O jornalismo popular tem algumas funções que fazem parte de sua essência, como a atenção às pessoas do povo, conforme Amaral (2006). Essa característica encontra especial destaque na seção Estrelas da Periferia, como destaca o editor-chefe, Carlos Etchichury: “Nenhum outro veículo gaúcho (talvez nenhum no Brasil, mas isso eu não saberia informar com precisão) possibilita tamanha visibilidade para artistas desconhecidos do grande público” (ETCHICHURY, 2015).

Ainda segundo Amaral (2006), os jornais mais populares, como o *Diário Gaúcho*, são vendidos em bancas em função do baixo poder aquisitivo dos leitores, que não dispõem de valores significativos para a assinatura de jornais tradicionais, e das dificuldades de distribuição em bairros e vilas distantes. Atualmente, a edição do jornal, de segunda a sexta-feira, custa R\$ 1,00. Já a edição conjunta de sábado e domingo custa R\$ 1,25. O jornal tem sua maior circulação em Porto Alegre e na Região Metropolitana, mas sua edição também circula nos Vales dos Sinos, Paranhana e Taquari, na Região Sul do Estado, e tem penetração no Litoral Norte do Estado (ETCHICHURY, 2015).

Como Amaral (2006) lembra, a circulação desse tipo de jornal é suscetível a promoções, como sorteios e brindes, e a cobertura de determinado assunto esportivo ou a certo fato. Uma das iniciativas que corroboram a afirmação da autora, no *Diário Gaúcho*, é a promoção *Junte & Ganhe*. Por meio do acúmulo de determinado número de selos, que constam na capa do jornal, diariamente, o leitor, ao final de cada promoção, troca os selos por brindes, em geral utensílios para casa, o que acaba ajudando na circulação do jornal. Um

dos números mais expressivos de circulação do jornal aconteceu em outubro de 2014, quando a vendagem do jornal passou de 180 mil exemplares por dia, um recorde na história do veículo. Esse número foi alavancado, em boa parte, por uma promoção chamada *Junte & Pague*, que consistia em o leitor acumular selos, pagar mais um determinado valor e, no fim daquele ano, concorrer a um carro zero quilômetro. A estratégia, mais uma vez, corrobora o que Amaral afirma sobre uma estratégia de *marketing* voltada para a distribuição de brindes.

Conforme Amaral (2006, p. 3), “muitas vezes, optam por agregar valor às notícias e reportagens e rendem-se totalmente às estratégias de *marketing* como a distribuição de brindes e a ênfase no entretenimento e fofocas televisivas”.

Já Wolf (1995) lembra que, para se tornar notícia, todo acontecimento passa pelo julgamento dos jornalistas e deve ter determinadas qualidades, conhecidas como valores-notícias. Segundo Amaral (2006), as temáticas abordadas pelos jornais populares é outra porque o lugar econômico, social e cultural do leitor é diferente do lugar do leitor dos jornais de referência.

Enquanto isso, Amaral (2006) lembra que, na chamada imprensa de referência, um acontecimento terá mais chances de ser notícia se, por exemplo, os envolvidos forem pessoas importantes e se a notícia tiver impacto sobre a nação. Na imprensa popular, como o *Diário Gaúcho*, um fato terá mais probabilidade de ser noticiado se possuir capacidade de entretenimento, for próximo cultural ou geograficamente ao leitor e tiver identificação com os leitores. Estas três características estão presentes essencialmente em Estrelas da Periferia, principalmente a questão geográfica, segundo a editora Flávia Requião.

A proximidade, de acordo com Amaral (2006), é um fator importante na imprensa popular. Conforme a autora, um fato será narrado nesse tipo de jornal se tiver proximidade com o seu leitor.

Interessam aos leitores das classes C, D e E temas que digam respeito ao seu cotidiano, especialmente atendimento à saúde, mercado de trabalho, segurança pública, televisão, futebol e as matérias conhecidas como de interesse humano. Também interessa o local em detrimento do nacional. Esse local não se refere a um espaço geográfico, mas a um lugar em que se vive. (AMARAL, 2006)

O leitor das classes C e D, como o do *Diário Gaúcho*, vive com menor renda, tem baixa escolaridade e tem mais dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Portanto, qualquer evento é coberto do ponto de vista do indivíduo, do que aquela pessoa teve, ou não, de trabalho, para, por exemplo, ir ao *show*, seja do ponto de vista do preço do ingresso, do deslocamento, da segurança ou do serviço que lhe é oferecido. Invariavelmente, conforme Amaral (2006), a abordagem não analisa a situação como um todo, mas do ponto de vista do indivíduo, do leitor, do morador de determinado local. Por exemplo: muitas vezes, o Diário Gaúcho não usa estatísticas oficiais para fazer uma matéria sobre arrombamentos em casas em uma determinada rua de algum município, segundo Carlos Etchichury (2016). O jornalista vai ao local, após ter recebido algum relato de arrombamentos naquele local, via telefone, *e-mail* ou WhatsApp, verifica se a notícia é realmente verdadeira e produz uma reportagem abordando o problema do ponto de vista do morador. Muitas vezes, aquela rua pode não ser a campeã de arrombamentos em Porto Alegre ou na Região Metropolitana, mas algum detalhe na história de algum morador chamou atenção da Redação, que decidiu por dar espaço para o drama daqueles moradores, sem se utilizar das estatísticas oficiais.

Amaral (2006) lembra, ainda, que interessam aos leitores das classes C, D e E temas que digam respeito ao seu cotidiano, especialmente atendimento à saúde, mercado de trabalho, segurança pública, televisão, futebol e matérias conhecidas como de interesse humano, que contam os dramas cotidianos da população. Essa explicação corrobora, em parte, o fato de jornais populares darem amplo espaço para assuntos como buracos de rua, falta de iluminação e pequenas obras inacabadas em bairros de Porto Alegre e da Região Metropolitana.

No próximo capítulo, o trabalho traçará um panorama do jornalismo cultural no país e no mundo, tema fundamental, já que a seção Estrelas da Periferia está inserida na Editoria de Variedades do *Diário Gaúcho*.

3 JORNALISMO CULTURAL

3.1 JORNALISMO CULTURAL NO MUNDO

O jornalismo cultural está presente no dia a dia dos leitores. Torna-se fundamental para ajudá-los a situar-se sobre o que acontece de melhor no seu bairro, região ou cidade e, muitas vezes, torna-se uma referência de auxílio ao leitor. Antes de abordar o jornalismo cultural, é preciso compreender separadamente jornalismo e cultura. Jornalismo, por seu conceito mais básico, é a atividade de noticiar dados factuais, acontecimentos de teor relevante e legítimo, sendo uma mediação entre o ocorrido e o público. Já o conceito de cultura, dentre os inúmeros já aplicados, tem como um dos mais tradicionais o de Edward Burnett Tylor: “Aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (apud LARAIA, 2009, p. 25).

Feita a distinção, Morin (2006) define jornalismo cultural como o ato de revelar com clareza que em toda obra de arte, seja ela de literatura, pintura música ou artes plásticas, existe um pensamento relacionado à condição humana. Enquanto isso, falando de maneira mais prática, Genro Filho (1889) entende jornalismo cultural como os mais variados discursos de comunicação, embasados nas características do jornalismo – atualidade, universalidade, relevância, clareza, proximidade, entre outros – que, ao tratar de assuntos da área cultural, refletem e projetam formas de pensar e de ser e de apropriação do conteúdo no meio social em que ele circula e é produzido.

Algumas dessas características estão presentes no dia a dia do *Diário Gaúcho*, sendo a tentativa de proximidade com a realidade do leitor o principal item. Uma matéria com uma banda de periferia, sobre um buraco de rua, sobre o futebol de várzea, ou um determinado crime que esteja assolando alguma comunidade terá uma cobertura diferenciada, diferente da cobertura feita por veículos que tenham essa segmentação, pois a estratégia da comunicação

popular ali presente é ter o máximo de aproximação do leitor, tentar entrar em sua realidade. Reside aí um dos grandes desafios do jornalista que escreve em jornais populares, como o *Diário Gaúcho*, pois ele acaba tendo que entrar em uma realidade que não lhe pertence, o que deixa o trabalho de descrever realidades muito diferentes da sua ainda mais difícil.

Em outra vertente, Anchieta (2009) afirma que o jornalista tem como passo fundamental o exercício qualificado da atividade, a compreensão do seu papel na sociedade: o de mediador cultural. Para tanto, é básico que ele tenha a capacidade de se apropriar intelectualmente da obra sob a qual apresentará um posicionamento. O jornalista precisa, então, revelar de forma simples a complexidade que está atrelada a cada fato, a cada instrumento da arte (ANCHIETA, 2009).

O jornalismo cultural apresenta registros no século XVII e, principalmente, na fundação da revista diária *The Spectator*, em 1711, na Inglaterra, data considerada importante para uma constituição do jornalismo cultural, conforme Piza (2003). Fundada pelos ingleses Richard Steele e Joseph Addison, conforme Piza (2003), a revista tinha o propósito de democratizar a filosofia, que antes fica restrita às bibliotecas, escolas e universidades. Eles decidiram, então, levar a *The Spectator* para bares, cafés, casas de chás, clubes e assembleias de Londres. O veículo trazia em suas páginas temas variados e relacionados a livros, música, teatro, política e todo tipo de movimento relacionado à cultura, valendo-se de uma linguagem reflexiva, mas acessível, apostando em frases charmosas e irônicas (PIZA, 2003).

Até hoje seus ensaios regem pesquisas e estudos e podem ser encontrados nas livrarias de vários países. Se considerarmos que o jornalismo cultural foi representado pelo nascimento da *The Spectator*, que se dirigia aos “homens modernos”, podemos estimar que este nicho de jornalismo nasceu na cidade e com a cidade (PIZA, 2003). Para o autor, o jornalismo dedicado à análise de ideias e valores das artes se inicia depois do Renascimento, quando a imprensa já havia sido inventada e o humanismo se propagava por toda a Europa. Piza (2003) ressalta que o jornalismo cultural inglês também foi

importante para o fortalecimento do movimento iluminista, por ter proporcionado a Londres um clima de liberdade de expressão que retratava a vida pública da capital inglesa.

O poder multiplicador da imprensa dá início a uma fase promissora do jornalismo europeu, que se torna influente na modernidade e em grandes movimentos políticos e em inovações científicas. Um importante movimento que foi bem reproduzido graças ao jornalismo, por exemplo, foi a história da Revolução Francesa. Alguns autores como o norte-americano Robert Darnton mostraram que muito mais do que se sabe foi retirado dos conteúdos presentes nos panfletos e pasquins. Com o ambiente propício, nomes de destaque do jornalismo mundial surgiram no século XVIII. Daniel Defoe, autor do clássico *Robinson Crusóé*, teve ativa participação durante quase 10 anos no periódico da Corte, intitulado *Review*. Alguns outros intelectuais consagrados da época, como Jonathan Swift, Samuel Johnson, William Hazlitt e Charles Lamb também foram destaque no jornalismo cultural no mesmo século.

Nessa área, no século XIX, aliás, o ensaísmo, gênero que hoje ainda aparece com destaque em alguns jornais, como *A Folha de S. Paulo* e *O Globo*, passou a ser explorado com maior intensidade, em uma época em que a industrialização já havia conquistado a Europa e os gêneros do jornalismo cultural acabaram tornando-se referência. Segundo Piza (2003), um novo padrão se estabelece nessa área da comunicação quando as críticas do papa francês Sainte-Beuve complementam os jornais *Le Globe* e *Le Constitutionnel*. A partir do seu trabalho, o jornalismo cultural ganhou uma espécie de *status*, agregando dignidade própria para execução da atividade. Beuve teve antecessores, mas destaca-se por estabelecer seus méritos dentro da atividade crítica (PIZA, 2003).

No Brasil, ainda conforme Piza (2003), o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX, nascendo dele um dos grandes escritores nacionais de todos os tempos: Machado de Assis (1839-1908). Machado começou sua trajetória como crítico de teatro e polemista literário, produzindo ensaios semanais como *Instinto da Nacionalidade* e fazendo resenhas de romances de outro grande nome da literatura, o português Eça de Queiroz,

resenhas (estas) recebidas de maneira controversa na época. Conforme Piza (2003) o grande resenhista da época era José Veríssimo (1857-1916), que, por sinal, era amigo de Machado de Assis e uma espécie de discípulo brasileiro de Sainte-Beuve.

Porém, foi no fim do século XIX que o jornalismo começou a mudar e, com ele, o estilo da crítica cultural feita nos periódicos da época. O famoso Caso Dreyfus, no qual um tenente judeu foi acusado de traição, acabou popularizando ainda mais o romancista naturalista francês Émile Zola (1840-1902), que se manifestou em defesa de Dreyfus, em uma carta aberta ao presidente da França. O ato o levou a uma espécie de glória jornalística, conforme Piza (2003), mas também à prisão e à multa. Porém, a carta teve um efeito positivo: acabou fazendo com que o caso fosse revisto e a inocência do tenente fosse provada.

Nesse mesmo período, quem ganhava grande destaque em Londres era o irlandês George Bernard Shaw (1856-1950). Após um início não muito exitoso como romancista e antes de ficar conhecido no mundo como dramaturgo, ele foi crítico de arte, teatro, literatura e música em publicações como *Saturday Review* e *The World*. Sua coluna semanal iniciada no *The World* em 1890 e intitulada *G.B.S.*, que misturava polêmica política, observação social e análise estética, era discutida em toda a Inglaterra, com repercussão em vários outros países, incluindo os Estados Unidos, criando um novo modelo de jornalismo cultural (PIZA, 2003).

Ainda de acordo com Piza (2003), as críticas de Shaw acabaram por mostrar um diferencial: exigiam que as artes ali citadas mostrassem compromisso com as questões humanas vivas. Um dos exemplos mostrava que uma obra de Mozart era composta por muito mais elementos do que as melodias e o figurino típico de suas obras (PIZZA, 2003).

Em Viena, na Áustria, na mesma época, surgia outro grande nome que combinava jornalismo crítico, filosofia e dramaturgia: Karl Kraus (1874-1936). Em 1899, Kraus fundou a revista *Die Fackel (A Tocha)*, que unia sátira política e comentário estético e que, mais tarde, passou a escrever sozinho. Em 1936,

a publicação foi fechada por conta da perseguição nazista. Essa nova categoria do jornalismo chega às Américas e, à medida que os Estados Unidos cresciam, começavam a surgir novos nomes da crítica americana, ajudando a concretizar sua cultura. Na época, surgiram grandes nomes, como Edgar Allan Poe e Henry James. O primeiro ficou conhecido por seus contos e poemas, sendo tratado como o crítico que fez uma espécie de renovação da intelectualidade da América. Já Henry James sempre esteve ligado a sua decisão de defender o romance como criação intelectual e reprovar o sentimentalismo escrito com cunho popular (PIZA, 2003).

Segundo Piza (2003), com a presença social conquistada pela imprensa, ainda no século XIX, mudanças começaram a acontecer no jornalismo cultural, especialmente na crítica feita nos periódicos que se tornava cada vez mais polêmica. Um dos principais nomes que surgia neste contexto era o irlandês George Bernard Shaw, que mantinha uma coluna essencialmente organizada de polêmica política, cenário social e avaliação estética. A forte crítica de seus textos repercutia em outros países, dando nova cara ao jornalismo cultural. Na virada do século XX, a categoria assume sua forma moderna, trazendo a crítica para um texto mais compacto e opinativo.

Outro elemento importante, segundo Rivera (1995), é o surgimento do periódico *Times Literary Supplement*, em 1902, tratado como um marco na história do jornalismo cultural. O veículo foi uma prolongação independente das colunas e resenhas publicadas no *The Times*. De acordo com o autor, o *Times Literary Supplement* foi um dos grandes expoentes desse tipo de jornalismo no mundo. Entre 1924 e 1933, a revista *The American Mercury*, dirigida por Henry Louis Mencken, foi porta-voz de uma posição americana reivindicadora e um dos grandes modelos do jornalismo cultural norte-americano, principalmente pelo talento genuíno da questão editorial, que valorizava as questões linguísticas, sociológicas e históricas publicadas nas suas páginas. Mencken era repórter e começou sua carreira nos jornais de Baltimore, ficando famoso por sua crítica literária e cobertura de acontecimentos históricos (RIVERA, 1995).

Tão importante quanto ele é George Orwell, que ficou famoso no mundo como o romancista de *A Revolução dos Bichos*, lançado em 1945, e *1984*, que foi importante e marcante para o jornalismo literário em ensaios críticos, resenhas críticas e por suas reportagens. *1984*, aliás, voltou à tona com força nos últimos 15 anos por conta da associação que alguns críticos de televisão fizeram do conteúdo do livro, de uma sociedade controlada quase que o tempo todo por um “grande irmão”, ao *reality show Big Brother Brasil*, exibido pela TV Globo, no qual participantes ficam confinados em uma casa cenográfica, monitorados 24 horas por dia. Piza (2003), aliás, lembra que ele era capaz de unir em seus textos muita clareza, argumentação e subjetividade.

Com o passar dos anos, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, a política acabou contaminando o jornalismo cultural feito na Europa e as revistas foram obrigadas a conviver com um cenário que não se mostrava agradável para o desenvolvimento do bom jornalismo. Neste momento, Nova York conquistou seu espaço como centro cultural e revelou nomes como Norman Mailer, Gay Talese, Truman Capote, Lilian Ross e um dos nomes tidos como referência do *New Journalism*: Tom Wolfe. Entre os veículos que marcaram época, é possível citar *New Yorker*, *Esquire*, *The New York Review of Books* e *The Crack*. Piza (2003) lembra que não é possível falar em jornalismo cultural sem lembrar-se da revista *The New Yorker*, pois nela surgiram nomes importantes do jornalismo, tendo críticos de alta qualidade. A publicação foi fundada em 1925 e sofreu algumas tentativas de cópia, mas nenhuma teve êxito a ponto de desbancá-la. A revista pode ser considerada uma das grandes incentivadoras do jornalismo literário. Entre seus jornalistas que se consagraram, é possível destacar Edmund Wilson, que foi a estrela da revista nos anos 1940 e 1950 (PIZA, 2003).

No começo da década de 1950, publicações começam a socializar experiências típicas de uma nova atmosfera cultural nos Estados Unidos. Como exemplo, é possível citarmos a *Evergreen Review* e a *Rolling Stone*, até hoje um grande destaque do jornalismo cultural, que apresentou o chamado *Jornalismo Gonzo*, que trouxe experiências consideradas inovadoras ao cruzar o tradicionalismo literário com referências de *rock*, caracterizado pela cultura

urbana em suas infinitas dimensões. “El fenómeno del llamado *new journalism* há tenido que ver, em parte, con este tipo de revistas” (RIVERA, 1995, p. 49).

Como acréscimo às ideias de Rivera, Piza (2003) destaca também que as revistas tiveram uma participação indispensável para o jornalismo cultural ao longo de sua linha do tempo. Porém, não eram somente as revistas, mas também os tabloides culturais de circulação semanal e quinzenal, que mantinham uma atuação frequente em torno do *glamour* nas cidades de forte atividade artística e cultural no século XX. Entre ensaios, crônicas, resenhas, reportagens, perfis e críticas, os veículos de comunicação mediam os acontecimentos culturais da época. Então, na segunda metade do século XX, a chamada crítica cultural começou a se aparecer de maneira constante nos jornais diários.

Desde o Iluminismo, o jornalismo cultural é uma referência para a construção de uma consciência social da cultura, função que ganhou destaque durante o século XX. O meio jornalístico passou a incorporar a relevância social dos acontecimentos culturais e da difusão dos bens simbólicos presentes nos materiais de divulgação. Deste modo, como explica Geane Alzamora (2009), o jornalista acaba tendo um lugar privilegiado nos processos contemporâneos de mediação social.

Uma tendência de segmentar os assuntos, algo muito presente no *Diário Gaúcho*, que mantém, basicamente, quatro grandes seções (*Ronda Policial, Dia a Dia, Jogo Total e Variedades*), começou a aparecer gradativamente a partir dos anos 1990 e o jornalismo cultural amplia seus temas.

Conforme Alzamora (2009), foi nesta época que a especificidade começou a perder um pouco de seu brilho. Piza (2003) ressalta, ainda, que essa mudança representa um ganho para o jornalismo cultural, que a partir de então passa a ter um campo maior nos cadernos culturais.

“Seu papel [...] nunca foi apenas o de comentar e anunciar as obras lançadas nas sete artes, mas também refletir (sobre) o comportamento, os novos hábitos parte ao mesmo tempo integrante e autônoma” (PIZA, 2003, p. 57).

Piza (2003) alerta que, nos últimos anos, o jornalismo cultural vem construindo alicerces em plataformas diferentes, como os livros, que reúnem coletâneas, biografias, história cultural e intelectual de cidades e personalidades. A internet, cujo salto de acessos impressiona, é um exemplo. Segundo mostrava a Pesquisa de Mídia – 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social em dezembro de 2014, a televisão aparecia como a mídia mais utilizada pela população brasileira e o rádio em segundo lugar. Porém, o destaque da pesquisa foi o crescimento da rede mundial de computadores, tanto em número de usuários quanto em relação ao tempo que o brasileiro permanece conectado. Conforme o levantamento, 42% dos entrevistados já consideram a internet como o meio de comunicação mais utilizado e quase metade dos brasileiros (48%) já a utiliza. Já o número de pessoas que acessam todos os dias subiu de 26% para 37% em apenas um ano.

Piza (2003) alerta, porém, que a internet é um caminho alternativo por sua dinâmica de conteúdo e interatividade, mas o excesso de conteúdo tem proporcionado uma redução na profundidade, análises e comentários, pois os conteúdos correm o risco de cair na superficialidade.

O autor ressalta, ainda, que, diante de tantos caminhos, em todo o mundo se estabelece uma noção de crise, o jornalismo cultural não é mais o mesmo e grandes nomes da imprensa são cada vez menos comuns. Instala-se, então, a recorrência de assuntos que se resumem ao fracasso ou ao sucesso de uma produção (PIZA, 2003).

3.2 JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL

Até o início do século XVIII, por volta de 1808, a imprensa nacional pautava-se basicamente pela cobertura política e a cultura não tinha espaço expressivo nas publicações em circulação (GADINI, 2003). Segundo o autor, o jornalismo tendia a seguir uma linha semelhante à dos europeus, dividindo o jornal em segmentos: política, economia e variedades.

Durante o século XIX, o Brasil enfrentou um momento importante no jornalismo cultural, com textos em estilos literatos, o chamado jornalismo literário. Dois dos principais expoentes do gênero, Machado de Assis e José Veríssimo, surgiram nesta época. Machado, nascido em 1839, no Rio de Janeiro, destacou-se como jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Foi o fundador da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL) e ocupou por mais de 10 anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. Em 1856, entrou para a *Imprensa Nacional*, como aprendiz de tipógrafo, e lá conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era revisor e colaborador no *Correio Mercantil*, e em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Escrevia regularmente, também, para a revista *O Espelho*, na qual estreou como crítico teatral, para a *Semana Ilustrada* e para o *Jornal das Famílias*, no qual publicou de preferência contos.

O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de *A Queda que as Mulheres Têm para os Tolos* (1861), escrito pelo autor belga Victor Hénau. O primeiro romance de Machado, *Ressurreição*, saiu em 1872. O autor intensificou a colaboração em jornais e revistas, como *O Cruzeiro*, *A Estação* e *Revista Brasileira* (ainda na fase Midosi), escrevendo crônicas, contos, poesias e romances, que saíam em folhetins e depois eram publicados em livros. De 1881 a 1897, publicou na *Gazeta de Notícias* as suas melhores crônicas.

Machado era amigo de José Veríssimo, que, por sua vez, foi editor da *Revista Brasileira* e teve durante a sua carreira mérito reconhecido por sua linha editorial mais crítica. Aos poucos, a geração de intelectuais brasileiros que viria a marcar a história do jornalismo brasileiro foi surgindo, com nomes como Oswald de Andrade e Mario de Andrade (ANCHIETA, 2009).

Durante todo o século XX, o jornalismo cultural no Brasil seguiu uma linha semelhante à dos demais países, mas, mesmo assim, teve alguns momentos autônomos (PIZA, 2003). No início do século, surgia um importante periódico: o carioca *Correio da Manhã*, que circulou de 1901 a 1974. Na época,

o jornal ficou marcado por fazer oposição a quase todos os presidentes brasileiros, tendo sido perseguido e fechado algumas vezes, tendo até seus presidentes presos. Em 1906, o jornal acrescentou quatro páginas que tinham textos de autores nacionais, estrangeiros, contos, crônicas e pautas culturais. A partir de 1912, as seções de cultura tornam-se diárias, tendo, inclusive, chamadas na capa do jornal. Mesmo ainda distante do jornalismo cultural praticado nos dias atuais, é um dos primeiros registros que se tem conhecimento do modelo (GADINI, 2003).

Foi na redação do *Correio da Manhã* que um dos grandes nomes do jornalismo literário e cultural, Lima Barreto, se inspirou para compor as histórias do personagem Isaías Caminha, da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o que não teve uma repercussão muito boa junto ao jornal e seus redatores. Outros nomes importantes que também atuaram no *Correio da Manhã* foram Otto Maria Carpeaux, Antônio Callado e Carlos Drummond de Andrade.

Nesta época, a cultura boêmia era estampada em páginas de revistas como *A Avenida*, *Fon-Fon*, *O Malho*, *Careta* e *D. Quixote*. João do Rio acabou sendo um dos destaques da época. Sob o pseudônimo de Paulo Barreto, falava por meio de suas crônicas sobre o cotidiano do povo que não tinha acesso aos serviços e bens culturais, sendo um dos responsáveis por introduzir reportagem e cobertura em profundidade relacionadas às manifestações cotidianas (GADINI, 2003).

As influências de expansões como o Surrealismo, Futurismo, Imaginismo estão fortemente ligadas à expansão da imprensa mundial. No Brasil, essa tendência também foi observada, já que o modernismo paulistano foi uma espécie de representante local destes movimentos. A revista *Klaxxon*, cujo nome significa “buzina”, fez parte do histórico “buzinaço”, incentivado por nomes importantes como Oswald de Andrade, Mario, seu irmão, e Victor Brecheret. A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, que ocorreu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, marcou a intelectualidade cultural do país e sua referência em pesquisas atuais ainda acontece. Com o fim da geração de Machado de Assis

e José Veríssimo, o crítico profissional e mais focado na informação passa a ter mais espaço nos jornais e revistas.

O novo perfil de profissional faz uma análise da cena cultural, mas vai além, e convoca o leitor a uma reflexão sobre a cena cultural, lançamentos e produções de grandes obras. O já citado Lima Barreto influenciou jornalistas da época e foi o responsável, por meio de seus textos, em satirizar a ignorância presente em uma redação. Já Mario de Andrade, considerado o pai da crítica musical, poeta e ensaísta, teve sua atividade jornalística destacada nos anos 1930 em suas críticas musicais no *Diário de São Paulo*, além de suas crônicas sobre a cidade, sempre escritas em primeira pessoa (PIZA, 2003).

Em 1928, é publicada a primeira edição de uma revista que viria a marcar época no jornalismo brasileiro, *O Cruzeiro*. Tendo um elenco com nomes como José Lins do Rego, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz e Mario de Andrade, este último já afirmado como nome de destaque da crônica nacional. A ilustração da publicação ficava por conta de Di Cavalcante e de Anita Malfatti.

Aqui há um rico casamento entre o poder mediador do jornalismo (como forma de narrar para todos os públicos as obras culturais) e a complexidade (como densidade estética) de vários nomes importantes da história brasileira, o que se materializa, especialmente, nas crônicas [...]. (ANCHIETA, 2009, p. 54)

Fundamental na história do jornalismo cultural do país, *O Cruzeiro*, mesmo que não haja uma completa certeza, teria chegado a uma tiragem incrível, de 700 mil exemplares, na edição especial que trazia a cobertura do suicídio do Presidente da República, Getúlio Vargas, em agosto de 1954. O periódico é considerado um dos primeiros a utilizar conceitos de reportagem investigativa (PIZA, 2003). Isabel Travancas explica que, ainda com uma linguagem próxima da literatura, o *Folhetim*, suplemento do *Jornal do Commercio*, foi também pioneiro ao praticar pautas culturais (TRAVANCAS, 2000). Já no rádio, na mesma época, começa a surgir uma programação mais voltada ao contexto cultural, o que contribuiu para a formação de novos

leitores, que buscavam na leitura compreender mais sobre radioteatro, programas de auditório e curiosidade sobre a rotina dos famosos da época, aumentando o gosto pelo consumo, especialmente musical.

Nos anos 1940, a revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer e Joel Silveira, reproduzia em suas páginas o cotidiano da alta classe paulistana. Naquela década, mais especificamente até 1946, não havia periódicos com tiragem acima de 200 mil exemplares e, nesta época, surgia o *Diário de São Paulo*, dirigido por Assis Chateaubriand, que ficou conhecido como Chatô, um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Na época, destacou-se como jornalista, empresário, político, advogado, professor de direito, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Dono dos *Diários Associados*, proprietário do *Diário de São Paulo*, o grupo do empresário chegou a ser o maior conglomerado de mídia da América Latina. Em seu auge, o grupo de Chato contou com mais de 100 jornais, emissoras de rádio e TV, revistas e agência telegráfica. Chateaubriand também foi um dos criadores, em 1947, do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e ainda foi o responsável pela chegada da televisão ao Brasil, inaugurando em 1950 a primeira emissora de televisão do país, a *Tupi*.

No primeiro exemplar do *Diário de São Paulo*, foram publicados artigos de nomes como Tarsila do Amaral e Agripino Grieco, além de um conto de Franz Kafka, com ilustração de Lívio Abramo. A publicação marcava a estreia de textos estrangeiros traduzidos para o português. A seguir, a indústria cultural dá um salto nas produções e, na esteira, o mercado livreiro cresce 46,6% entre 1936 e 1944. A indústria cinematográfica lançou seis filmes entre os anos de 1935 e 1949, mas, em 1951, esse número disparou para 27 filmes ao ano. As sessões de teatro, música e cinema ganharam reproduções e atualizações diárias, como observa Gadini:

[...] os suplementos literários e de cultura ganham mais espaço. Vive-se o auge do teatro, do rádio, da produção fonográfica, do cinema e o advento da televisão. O número de consumidores de serviços e produtos culturais aumenta consideravelmente e fortalece esse setor emergente, que viria a se transformar em um dos mais significativos segmentos econômicos. (GADINI, 2003, p. 5)

A partir de 1950, os jornais brasileiros criaram os cadernos de cultura e o conteúdo passou a circular para os leitores diariamente, com destaques nos finais de semana. Entre os mais prestigiados estava o *Diário de Notícias*, cujo suplemento, que circulava aos domingos, chegava a uma tiragem de mais de 100 mil exemplares. Em 1956, o *Estado de São Paulo* inaugura seu Suplemento Literário. Outro veículo histórico que inaugura seu suplemento de cultura na época é o *Jornal do Brasil*. Um dos mais tradicionais veículos do país, fundado em 1891, o *JB*, como ficou conhecido, reunia em suas publicações ícones da cultura brasileira, como Ferreira Gullar, Clarice Lispector e Bárbara Heliodora. Publicações como essas vieram a revelar nomes marcantes do jornalismo cultural brasileiro, como Paulo Francis (1930-1997), que começou sua trajetória no *Diário Carioca*, em 1957. Dali, ele fez carreira no *Pasquim*, na Rede Globo e no GNT (ANCHIETA, 2009).

Na época, particularmente no Rio Grande do Sul, surgia um programa de rádio que veio a contribuir para a formação do gosto cultural do local e para criar uma identidade: A *Rádio Farroupilha*, pertencente ao Grupo RBS, entre as décadas de 1950 e 1960, levou ao ar o *Grande Rodeio Coringa*, transmitido ao vivo dos estúdios da emissora, em Porto Alegre, nas noites de domingo.

O programa serviu de palco para o surgimento de expoentes da música gaúcha, como o cantor Teixeira (1927-1985), um dos maiores vendedores de discos da história da música gaúcha¹, e o grupo Os Três Xirús, que contava com o cantor Leonardo, autor de sucessos do cancionário gaúcho, como *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*, falecido em 2010.

Outro destaque local da época foi o *Programa Maurício Sobrinho*. Inicialmente, era transmitido dos estúdios da *Rádio Farroupilha* e, em pouco tempo, deixou o local para se transformar em um sucesso das manhãs de domingo, em um dos grandes cinemas da cidade dos anos 1950, o Cine

¹ Informação obtida em reportagem do jornal *Zero Hora*. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/12/nos-28-anos-da-morte-de-teixeirinha-relembre-a-carreira-e-a-vida-do-idolo-gaucha-4354003.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

Castelo, no Bairro Azenha (SCHIRMER, 2002). Uma figura frequente na atração era a cantora gaúcha Elis Regina, que surgia para o país na época.

Em 1959, nasce outra tradição da imprensa nacional. A revista *Senhor* inova com ensaios de mulheres em poses sensuais, mas vestidas (BASSO, 2006). Em 1965, o jornal gaúcho *Zero Hora* dá início ao seu caderno de cultura, que viria a se tornar referência no Estado: o *Segundo Caderno*. Desde então, as páginas do caderno registraram cenas de emoção, alegria e transgressão, aproximando os artistas do seu público e revelando novos talentos.

Em 1967, o também gaúcho *Correio do Povo*, que já tinha influência na cultura desde o final do século XIX, publica o primeiro caderno de sábado. A primeira edição sai com 12 páginas, aumentadas para 16 na segunda rodagem. Basicamente, trazia poesias e críticas literárias, de música, de cinema e de arquitetura. Entre os anos 1950 e 1970, é possível notar alterações na distribuição dos conteúdos. As páginas que antes eram ocupadas por ensaios, críticas e artigos partem para orientações ao consumo, indicações de serviço e dicas culturais (GADINI, 2003).

No final dos anos 1960, o jornalismo de serviço torna-se uma tendência nos cadernos culturais. Essa mudança traz uma alteração na maneira como a informação é repassada ao leitor, ficando mais próxima do consumo, que compõe, em partes, a dinâmica do jornalismo contemporâneo, segundo Dulcília Buitoni, que usa como exemplo o *Suplemento Feminino* do jornal *O Estado de S. Paulo*:

Até 1967, o suplemento publicava matérias sobre artes e espetáculos, literatura, eventos sociais e até alguns textos sobre questões políticas. Depois, o veículo foi se fechando em torno das editoriais femininas tradicionais, as matérias de cunho mais jornalístico cederam espaço ao serviço, às dicas sobre compras, endereços [...]. (BUITONI, 1986, p. 60)

Em 1976, o *Estado de S. Paulo* passa a editar o *Suplemento Cultura*, em substituição ao antigo *Suplemento Literário*. O objetivo principal do tabloide estava em informar o leitor, por meio de especialistas, sobre o que se faz nos

diferentes núcleos de atividade cultural (GADINI, 2003). A partir dos anos 1980, com uma frequência maior, os periódicos tendem a aproximar os conteúdos culturais aos de lazer. Essa aproximação não acontece só em relação à informação, mas também no espaço físico dos jornais. No final daquela década, os jornais diários do país agruparam os cadernos de cultura, lazer e comportamento. Desde lá, não houve significativa mudança nos padrões (GOLIN, 2009).

O jornalismo cultural, tanto no Brasil quanto no mundo, passou por etapas que vão do perfil político, passando pelo literário, periódico sazonal e pelo diário. Na avaliação de Cida Golin, não é fácil enquadrar estes discursos culturais em categorias mais rígidas, como informação, opinião e interpretação. Cada vez mais os textos em profundidade dão lugar aos de leitura rápida, que retratam agendas e produções (GOLIN, 2009).

Rivera (1995) complementa, ainda, que o jornalismo cultural depende da apropriação que o profissional faz do contexto da obra, construindo uma mediação adequada, dotado de estilo, além de exercer o desafio de estreitar a relação entre público e conteúdo.

[...] el mejor periodismo cultural es aquel que refleja lealmente las problemáticas globales de una época, satisface demandas sociales concretas e interpreta dinamicamente la creatividad potencial del hombre y la sociedad (tal como se expresa em campos tan variados como las artes, las ideas, las letras, las creencias, las técnicas, etcétera), apelando para ello a um bagaje de información, um tono, um estilo y um enfoque adecuado a la matéria tratada y a las características del público elegido. (RIVERA, 1995, p. 11)

Como o trabalho trata de uma seção ligada ao jornalismo cultural, que tem sua origem, é importante conhecer um pouco da história e dos conceitos de tal jornalismo. Historicamente, o jornalismo cultural tem como um dos temas mais tratados a crítica musical, que acaba sendo responsável pelo lançamento de muitos jovens artistas, independentes ou não. Estrelas da Periferia não se enquadra no conceito crítica musical, mas lida com diversos aspectos presentes na história do jornalismo cultural, como gêneros musicais e até uma certa dose de opinião, em geral positiva, sobre as músicas de novos artistas.

No próximo capítulo, pelo fato de o trabalho tratar de uma seção essencialmente musical dentro de um jornal, serão abordados, de maneira breve, alguns dos principais gêneros musicais do país.

4 BREVE HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA

Por se tratar de um trabalho que analisa reportagens que envolvem cantores, bandas e duplas de variados gêneros da música, é importante esmiuçar um pouco a história da música brasileira, fundamental para a construção de identidade da cultura do país e inspiradora da carreira dos artistas em questão.

A mais antiga referência da música foi encontrada em 1500, na carta de El Rey Dom Manuel, de Pero Vaz de Caminha, na qual ele explana do som de uma buzina utilizada pelos índios em seus ritos e cantos guerreiros. Acquarone chama atenção para as razões e aspecto de valoração que motivavam os cânticos indígenas que, segundo o autor, nasciam de uma tristeza profunda provocada pela angústia: “[...] que espécie de ritmos poderia esperar desta gente? Nenhuma, a não ser os ritmos bárbaros dos cantos guerreiros ou das danças em volta das tabas, para a celebração das cerimônias religiosas” (ACQUARONE, 1950, p. 86).

Impressionados com a intensidade com que os índios não somente musicavam seus ritos, mas como também os interpretavam, alguns jesuítas chegaram a classificar como diabólicas as suas canções: “[...] Os jesuítas ficaram assustados com o caráter selvagem do instrumental da música indígena – trombetas com crânio de gente nas extremidades, flautas de ossos [...]” (TINHORÃO, 1972 apud KIEFER, 1976, p. 10).

Com o objetivo de catequizar as tribos, os padres tornaram-se os primeiros professores de música europeia do país, uma injeção cultural que, no decorrer da história, foi responsável por apagar as raízes da música da terra (GALLET, 1971 apud KIEFER, 1976, p. 12).

Com a vinda dos portugueses, chegaram também novos instrumentos de corda e de percussão, que, uma vez introduzidos, deram força para a consolidação da música europeia no país. Além dos instrumentos, trouxeram as trovas de saudade, nomeadas por Acquarone de “tristeza ossiânica do mar” (*sic*), provocada pela solidão das longas viagens de exploração

(ACQUARONE, 1950). A cultura musical foi agregando estilos e identidades trazidas pelos holandeses, franceses, espanhóis e outras etnias. No século XVI, esta miscigenação da música europeia, sendo o gênero erudito um dos mais importantes cultivados nos Estados da Bahia e Pernambuco, acaba estendendo-se somente no século XVII para Pará, São Paulo, Maranhão, Paraná e Rio de Janeiro.

Na época, os navios negreiros que ancoravam no país não traziam somente escravos, mas também a música cultivada por eles. “Em círculo, emitiam grunhidos que mais pareciam súplicas de misericórdia” (ACQUARONE, 1950). A escravatura negra contribuiu para a prosperidade cultural dos primeiros núcleos de colonização portuguesa. Na época, os negros ocupavam funções musicais eruditas ou semieruditas, de caráter europeu. Então, surge a figura do negro escravo músico erudito. Músico, aqui, significa executante, reproduzidor de canções europeias (KIEFER, 1976).

Segundo Petillo (2013), conforme alguns dos principais historiadores do país, o registro mais antigo de samba, um dos principais gêneros do Brasil, apareceu na revista pernambucana *O Carapuço*, em fevereiro de 1838, em um texto em que Frei Miguel de Sacramento Lopes explicava o “samba d’almocreve”, denominando uma dança dramática praticada pelos negros daquela época.

Os diferentes tipos de dança praticados pelos negros e escravos deu em samba, sempre apoiados em batuques e recebendo influências de cada região do Brasil. Assim, na Bahia, existia o bate-baú, por exemplo. A ponga no Maranhão; o coco no Ceará; o miudinho no Rio de Janeiro e o jongo em São Paulo. (PETILLO, 2013, p. 19)

No final do século XVIII, surge, então, o gênero que se tornaria quase obrigatório nos salões do Império, a modinha. Criada em Portugal, a melancolia desse estilo é responsável pelos aspectos românticos na música brasileira (NAPOLITANO, 2005). Na mesma época, o lundu, trazido pelos escravos, ganhou espaço na Corte, dando um tempero quando o movimento das polcas, valsas e *schottisches* tomaram conta dos salões, a partir de 1840. Napolitano

(2005) complementa que, pouco depois, na virada do século XVIII para o XIX, a música religiosa lírica marcou por sua popularidade e por carregar um teor delicado e sofisticado. Em geral, os músicos que praticavam esse gênero eram mulatos e mestiços, que se reuniam em irmandades religiosas. Em meados do século XIX, a música profissional ainda era vista como uma função artesanal e somente entre os anos de 1840 e 1850 esse conceito daria seus primeiros passos de mudança, provocados pelo impacto do romantismo.

[...] logo “coisas de escravo”. A atividade de músico era vista como uma espécie de artesanato, de trabalho realizado a partir de regras, de ofício e correta manipulação do material bruto do som, e não como atividade “espiritual”, ligada ao talento natural. (NAPOLITANO, 2005, p. 42)

Em 1843, tem início a circulação do primeiro periódico musical, produzido e editado no Rio de Janeiro. O romântico, nomeado de *Ramalhete das Damas*, abre portas para outras publicações do mesmo estilo. Segundo Kiefer (1976), seus conteúdos eram basicamente de natureza teórica, histórica e estética. O autor resgata, ainda, que o ensino da música no Estado do Rio de Janeiro começou em 1847, quando a atividade foi decretada pelo Conservatório de Música do Rio de Janeiro, em 1847, que havia sido fundado oficialmente em 1841. A medida tinha como objetivo democratizar a instrução da música no país. Além do conservatório, é inaugurada, na década seguinte, a Imperial Academia de Música e a Ópera Nacional, que contribuíram para a consolidação da música erudita no país. Nessa época, o piano torna-se sinônimo de *status* social. O instrumento foi considerado o primeiro do mercado musical, como destaca Napolitano (2005, p. 43): “Toda sala de estar das boas famílias deveria possuir um piano para que as mocinhas da corte pudessem aprender a tocar o instrumento, o que não era uma questão de educação estética, mas de etiqueta social”.

Na sequência, a mistura de teatro com a música foi a responsável pelo movimento Teatro de Revista, criado em 1859. Entre os nomes que surgiram no movimento, é possível citar Chiquinha Gonzaga, Nicolino Milano, Paulino Sacramento e Antônio Sá Pereira. Segundo Kiefer (1976), o Teatro de Revista

se manteve no foco da vida musical carioca até meados dos anos 1920. Em 4 de setembro de 1861, Carlos Gomes surge como primeiro grande compositor de ópera no país. Na data, foi cantada, no Teatro da Ópera Nacional, *A Noite do Castelo*, primeiro trabalho de fôlego do artista. Empolgado com o desempenho do jovem artista, o então imperador D. Pedro II agraciou-o com a Imperial Ordem da Rosa.

Considerado o mais importante compositor de ópera brasileiro, veio a se destacar pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira de destaque na Europa. Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no Teatro alla Scala, em Milão, na Itália. Em 1870, apresenta, neste mesmo teatro, aquela que é considerada sua grande obra, *O Guarani*. Kiefer (1976) comenta que o músico foi considerado um ícone da mídia daquele contexto social.

A partir da combinação de todos os encontros culturais até então experimentados, os estilos musicais mais modernos conquistam um público mais eclético entre os séculos XIX e XX. Destacam-se, então, ritmos como polca-lundu, tango brasileiro, marchas, frevo e maxixe. Para Napolitano, entre os destaques da nova música brasileira, o choro caracterizava a mais perfeita síntese cultural da música nacional. “O choro acabou por galvanizar uma forma musical urbana brasileira, [...]. Nele, estavam presentes o pensamento contrapontístico do barroco, [...] dando-lhe um toque sensual e até jocoso” (NAPOLITANO, 2005, p. 45).

Outro nome importante da época foi Chiquinha Gonzaga, que marcou o cenário musical. Destaque em mais de seis gêneros diferentes, ela tinha um comportamento que destoava. Quando surgiu, Chiquinha popularizou marchinhas e compôs a primeira marcha carnavalesca, o clássico *Ô Abre Alas*, em 1899.

A coragem com que enfrentou a opressora sociedade patriarcal e criou uma profissão inédita para a mulher, causou escândalo em seu tempo. Atuando no rico ambiente musical do Rio de Janeiro do Segundo Reinado, no qual imperavam polcas, tangos e valsas, Chiquinha Gonzaga não hesitou em incorporar ao seu piano toda a diversidade que encontrou, sem preconceitos. (DINIZ, 2008).

Nos próximos itens, um rápido resumo dos principais gêneros presentes na música do Brasil. Este resumo se mostra fundamental para o trabalho, pois resgatará e contextualizará a história e importância dos principais gêneros dos artistas que têm suas histórias contadas na seção Estrelas da Periferia.

4.1 SAMBA

A era fonográfica foi introduzida no país em 1902 por um imigrante tcheco chamado Fred Figner, dono da primeira gravadora comercial do Brasil, a Casa Edison. Na verdade, a Casa Edison, segundo Petillo (2013), vendia máquinas de escrever e geladeiras, mas acabou entrando para a história da música brasileira como a primeira gravadora. Por meio dela, a canção *Isto é Bom*, composta pelo baiano Xisto Bahia e cantado por Manuel Pedro dos Santos, foi lançada e acabou virando um dos primeiros sucessos da música nacional. Nos primeiros 15 anos da indústria fonográfica nacional, predominam os mesmos moldes internacionais, ruptura e não de uma “volta ao passado” folclorizado (NAPOLITANO, 2005, p. 51). Entre os grandes nomes desta nova roupagem do samba estão Pixinguinha, Armando Vieira Marçal, Alcebíades Maia Barcelos, Ari Barroso, Ismael Silva, Noel Rosa e João de Barro.

No final de 1916, segundo Petillo (2013), em uma tradicional festa carioca, no quintal de Tia Ciata, nomes como o próprio Pixinguinha, Donga, Heitor dos Prazeres, Mestre Germano, Sinhô e João da Mata criaram a música *O Roceiro*, que Donga registrou com o título de *Pelo Telefone*, considerada oficialmente o primeiro samba da história e lançada no carnaval de 1917, pela Casa Edison.

Conforme Petillo (2013), ainda, além de fixar o samba como gênero, *Pelo Telefone* influenciou o carnaval brasileiro. Até então, o povo saía às ruas para dançar e rebolar ao som dos batuques. Depois do sucesso de *Pelo Telefone*, as pessoas passaram a cantar durante a bagunça. Ainda segundo o autor (2013), na época, também surgia a primeira escola de samba do país. Alguns amigos do bairro de Estácio, no Rio de Janeiro, que se encontravam no

Café do Compadre, dentre eles Brancura, Mano Edgar, Nilton Bastos, Baiaco, Bide e Ismael Silva, fundaram o que viria a ser a primeira escola de samba do país: a Deixa Falar. A Deixa Falar, aliás, deu origem a uma expressão muito usada nos dias de hoje para qualificar nomes expressivos, principalmente no samba: “bambas”.

Em 1940, aparecem as primeiras gafieiras, espécie de danceterias populares, tocando um estilo próprio de samba, com elementos do chorinho, propiciando uma dança em que as pessoas ficavam mais próximas. Segundo Petillo (2013), também é desta época o samba de breque, repleto de pausas súbitas, que são preenchidas por falas. Esse subgênero do samba tinha como lema a exaltação ao malandro brasileiro, principalmente na voz de Moreira da Silva. Em 1940, é lançada uma canção cujo refrão virou quase um hino do gênero: *O Samba da Minha Terra*.

“Ela se torna um grande sucesso e cunha uma frase muito apropriada e utilizada quando se fala do gênero: Quem não gosta de samba/ bom sujeito não é/ É ruim da cabeça/ Ou doente do pé/ [...]” (PETILLO, 2013, p. 26). O samba é de autoria de Dorival Caymmi.

Alguns anos depois, um dos nomes que viria a marcar a história da música nacional é Adoniran Barbosa, conhecido como cronista de ruas, becos e avenidas de São Paulo. “Enquanto foi o entregador de marmitas, Adoniran conheceu os personagens que fazem São Paulo e que também fizeram sua carreira artística” (PETILLO, 2012, p. 42).

Em 1951, lançou um de seus primeiros sucessos, *Saudosa Maloca*. Porém, o grande destaque de sua carreira viria em 1964, com o lançamento de *Trem das Onze*.

Entre as décadas de 1930 e 1950, surge um dos maiores nomes da história da música nacional, considerado o principal da música gaúcha: Lupicínio Rodrigues. O artista, que compôs mais de 300 músicas, imortalizou o termo “dor de cotovelo”, até hoje citado como sinônimo de uma música feita para lamentar a perda da mulher amada. Em 1960, o carioca Jorge Ben estreia uma mistura de samba e *rhythm & blues*, abrindo as portas para o nascimento

do samba *rock*, segundo Petillo (2013). A influência do samba do músico e o balanço do som de Elza Soares acabaram marcando a época e criando mais um subgênero do samba. Outros nomes que se destacaram no samba *rock* foram Wilson Simonal, Erlon Chaves, Bebeto e o Trio Mocotó e outro fenômeno da música nacional foi Tim Maia, cuja história será contada mais adiante.

Ainda conforme Petillo (2013), as décadas de 1970 e 1980 foram profícuas para o estouro de nomes que levaram o samba para as massas. Martinho da Vila, sambista da Vila Isabel, apareceu para o país com os sucessos *Casa de Bamba* e *O Pequeno Burguês*. “Martinho também introduziu os sambas-enredo como sucesso popular radiofônico” (PETILLO, 2013, p. 29).

Paulinho da Viola, dono de uma voz diferente, técnica afinada, compositor refinado, também ganhou destaque na época. Compositor de *Foi Um Rio que Passou em Minha Vida*, sucesso da Portela no carnaval de 1970, resgatou o choro, mesclando-o com samba. Também nessa época, em uma espécie de contraponto musical e de atitude a Paulinho, conforme Petillo (2013), Bezerra da Silva se destaca como uma voz da periferia. Com letras que hoje gerariam enorme polêmica, Bezerra contava a realidade nua e crua das favelas e falava da relação entre bandidos e moradores em canções como *Malandragem Dá um Tempo*, *Overdose de Cocada* e *Defunto Cagüete*.

Hoje conhecida como a “madrinha do samba”, por ter lançado nomes como Jorge Aragão, Zeca Pagodinho, Luiz Carlos da Vila e Sombrinha, Beth Carvalho foi, segundo Petillo (2013), um ponto de partida de novidades no samba da época. “Ela lançou sucessos eternos como *Coisinha do Pai* e *Vou Festejar*, mas também resgatou nomes da Velha Guarda e lançou novos compositores” (PETILLO, 2013, p. 29).

Ainda segundo o autor (2013), nos anos 2000, o samba se modernizou, sem deixar de olhar para as suas raízes. Surgem então novas vozes que dão nova roupagem a clássicos do passado. Teresa Cristina e o grupo Semente, por exemplo, surgem como novidades, deixando o samba mais jovem e também redescobrimo o bairro da Lapa, no Rio, um dos redutos do samba nacional. Nesta nova leva, surgiram nomes como Edu Krieger, Roberta Sá e a

filha de Elis Regina, Maria Rita. Já outro nome de destaque é Marcelo D2, oriundo da safra do *rock* dos anos 1990, no grupo Planet Hemp, que conhece o sucesso ao mesclar samba com *hip-hop*, chegando a gravar um disco de tributo a Bezerra da Silva. Ainda merecem registro e destaque nomes como Rogê, parceiro de Arlindo Cruz, Mart'nália, filha de Martinho da Vila, e Diogo Nogueira, filho de João Nogueira.

4.2 BOSSA NOVA

Marcado pelos saraus universitários, a bossa nova surge no fim dos anos 1950, tendo entre seus integrantes de destaque nomes da classe média. Nascida de uma forma irreverente de representar o samba, logo bebeu na fonte do *jazz* americano, segundo Petillo (2013). Durante a Ditadura Militar, que durou de 1964 a 1985, foi marcada por reprovações. “A Bossa Nova tinha adversários em todas as áreas, da imprensa ao meio musical” (CASTRO, 2008, p. 239). Em contraponto a esta afirmação, Vasco Mariz ressalta a importância da bossa para que a música brasileira atingisse visibilidade internacional. Antes deste novo viés, ela não havia se projetado tanto no exterior (MARIZ, 1997).

O marco inicial do gênero acontece em 1958, quando Elizeth Cardoso lança a música *Chega de Saudade*, com letra de Vinicius de Moraes e Tom Jobim – anos depois, João Gilberto a gravaria. De acordo com Mariz (1997), embora não tenha feito grande sucesso no lançamento, *Chega de Saudade* tornou-se um clássico, dando nome ao disco de estreia de João Gilberto, lançado em 1959. No mesmo ano, outros discos importantes do gênero chegavam: *Bossa Nova*, de Carlos Lyra, *Amor de Gente Moça*, de Sylvinha Telles, e *Apresentando Baden Powell e seu Violão*, de Baden Powell.

Uma das curiosidades da bossa nova é sobre o tom de voz empregado pelos cantores. A voz baixa, quase sussurrando, se tornou marca registrada do ritmo e as músicas eram cantadas desta maneira porque os ensaios se davam em apartamentos, na Zona Sul do Rio de Janeiro. “Caso eles cantassem muito alto, a vizinhança reclamaria. Esse evento mudou os rumos do gênero musical

que nascera anos antes na timidez do apartamento de Nara Leão, musa da Bossa Nova” (MENESCAL, 2012, p. 5).

Entre os nomes que surgiram, além da própria Nara, destacam-se Carlos Lyra, João Gilberto, Toquinho, Chico Buarque de Holanda, Edu Lobo, Vinicius de Moraes e Tom Jobim. Antônio Carlos Jobim, segundo Petillo (2013), começou sua carreira tocando na noite carioca. Na década de 1950, antes do estouro da bossa nova, emplacou o sucesso *Se Todos Fossem Iguais a Você*, composto em parceria com o amigo Vinicius de Moraes. Em 1962, surge outro marco da bossa nova: *Garota de Ipanema*, de Tom e Vinicius, gravada primeiro por Pery Ribeiro.

4.3 ROCK

Já as primeiras batidas do *rock* chegam em 1955, diretamente da Inglaterra, onde Nora Ney grava uma versão de *Rock Around the Clock*. A versão nacional viria 10 anos mais tarde, com o movimento que ficaria conhecido como Jovem Guarda, liderada por nomes como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

“Foi um período que marcou o comportamento dos jovens e a incrível transformação dos costumes nos anos 1960” (ARAÚJO, 2014).

No final dos anos 1950, segundo Petillo (2013), a gravadora RCA lançava o que batizou de Elvis Presley brasileiro, um cantor de 22 anos, Cauby Peixoto. Pouco depois, o sucesso de *Rock Around the Clock* permitiu o surgimento de outro grande nome do *rock* nacional: o carioca Erasmo Carlos. Alguns anos depois, Erasmo conhece Roberto Carlos e ambos dão início a uma das maiores parcerias de sucesso da história da música brasileira, com composições como *Eu Sou Terrível*, *O Portão* e *Além do Horizonte*.

Enquanto isso, na Bahia, no começo dos anos 1960, surge um nome que veio a mudar a cara do *rock* nacional. Nascido em Salvador, Raul Seixas

era um admirador do *rock* americano, inspirado, principalmente, em Elvis Presley e Little Richard.

Elvis Presley se tornou a primeira fixação do adolescente soteropolitano, que cultuou o ídolo montando um fã-clube e colando fotos e reportagens num caderno que deixavam entrever o seu próprio projeto artístico: ser um astro do *rock'n'roll*. (ESSINGER, 2005, p. 15)

Raul, aliás, segundo Petillo (2013), foi outro que seguiu a paixão por *Rock Around the Clock*. Na Bahia de Caetano e Gil, montou o grupo Os Panteras, sucesso na Bahia, mas que não chegou a ter destaque no centro do país. Foi aí, segundo Petillo (2013), que Raul, como diz o trecho de uma de suas músicas, viu que a música de Chuck Berry tinha ligações com Luiz Gonzaga, duas de suas referências. “Foi o ponto de partida para Raul se tornar o que sempre quis: ser um dos maiores nomes da história do *rock* nacional” (PETILLO, 2012, p. 344).

No período, Roberto Carlos, ícone do movimento, lança canções que vieram a consagrá-lo, como *Splish Splash*, *Parei na Contramão* e *Quero Que Vá Tudo Pro Inferno*, que foi considerada seu primeiro grande *hit*, no Natal de 1965. A canção é considerada marcante até por parceiros de Roberto, segundo Araújo (2014). Ele relata que, não por acaso, ele, Chico Buarque e o escritor e músico Paulo Coelho escolheram a faixa como sendo a que mais gostavam de Roberto, que viria a ser conhecido como o rei da música brasileira em razão da sua expressiva vendagem de discos.

Araújo (2014, p. 12) declara: “talvez eu até prefira outra canção, e gosto de muitas, mas foi ouvindo esta canção que conheci Roberto Carlos. Eu gostava dela, mesmo sem querer”.

O lançamento do disco que estourou a canção, segundo Araújo (2014), marcou uma mudança nos costumes do país. Na época, Roberto se beneficiou da recente promulgação da Lei do Décimo Terceiro Salário, regulamentada naquele ano, que possibilitava ao trabalhador uma renda extra justamente no fim do ano.

Em décadas passadas, o período de maior produção e faturamento das gravadoras, era no Carnaval, quando a maioria dos cantores, inclusive os românticos, gravavam sambas e marchinhas. O grande sucesso de Roberto Carlos acabaria inventando outra tradição no Brasil, a dos discos de fim de ano, data que seria escolhida para lançamento de álbuns de Chico Buarque, Simone, Milton Nascimento, Benito di Paula e vários outros artistas. (ARAÚJO, 2014, p. 19)

Com os discos de final do ano, amplamente esperados pela população, Roberto começou a marcar época na música popular brasileira. A cada Natal, seus discos ultrapassavam 500 mil cópias vendidas – em uma época que os principais artistas da MPB vendiam de 30 a 60 mil cópias –, o que começou a chamar a atenção da matriz de sua gravadora, a CBS, nos Estados Unidos, que recebia mensalmente a lista dos mais vendidos de suas filiais no mundo.

“Quando a matriz começou a ver os números alcançados por Roberto Carlos no Brasil, ficou estupefata. Nenhuma das outras filiais tinha um artista local que conseguisse vender tantas cópias a cada lançamento” (ARAÚJO, 2014, p. 25).

Em 1976, com um disco que mais uma vez leva seu nome, Roberto Carlos escreve definitivamente seu nome na história da cultura nacional. O disco lançado no Natal daquele ano atinge um milhão de cópias vendidas, uma obsessão do cantor e de sua gravadora.

E, de fato, após mais alguns meses de exposição nas lojas, o álbum de 1976 tornou-se o primeiro de Roberto Carlos- e da história da música brasileira – a obter a marca de 1 milhão de cópias vendidas. Isso apenas no Brasil, sem contar as vendas em espanhol distribuída na América Latina. Roberto Carlos ficou muito orgulhoso de seu feito mercadológico. (ARAÚJO, 2014, p. 64).

Na mesma época surgia também Rita Lee, que veio a formar, junto com Sérgio Dias e Arnaldo Baptista, a banda Os Mutantes, outra revolução no gênero nacional.

Na década de 1970, Raul Seixas veio a conhecer o sucesso em todo o país, durante uma frutífera parceria com Paulo Coelho. Raul lançou discos irreverentes, com letras polêmicas, como as das canções *Sociedade Alternativa*, *Metamorfose Ambulante* e *Ouro de Tolo*.

Nos anos 1980, uma nova geração conhece o sucesso e traz outra vertente do *rock* nacional. Segundo Petillo (2013), a Blitz, com Evandro Mesquita e Fernanda Abreu nos vocais, e que chegou a ter Lobão na bateria, no começo, traz um *rock* quase surfista, com a canção *Você Não Soube Me Amar*, cujo compacto vendeu mais de 500 mil cópias. Na mesma época, surgiram as demais bandas do chamado “*Rock Anos 80*”: Barão Vermelho, com Cazuza nos vocais, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Plebe Rude, Engenheiros do Hawaii, Nenhum de Nós, Cascavelletes, Replicantes, Lulu Santos e Nei Lisboa. As letras da época são marcadas por um viés político, principalmente por serem grupos que nasceram, ou começaram a ser gestados, durante ou pouco após o fim da Ditadura Militar.

A virada dos anos 1980 para os anos 1990 deu uma espécie de esfriada no gênero. Até que, em 1993, surgia o grupo Os Raimundos, misturando Ramones com letras de cunho quase sexual, segundo Petillo (2013), ganhando admiração da juventude da época. Logo em seguida vinha o Skank, que mistura *reggae*, *dancehall* e *pop*, o som quase proibido do Planet Hemp, que fazia uma apologia explícita ao uso e à liberação das drogas, e O Rappa, que trazia uma linguagem do morro para o asfalto.

De acordo com Petillo (2013), na chegada dos anos 2000, quem surge para o país, mostrando que a geração havia mudado, e suas letras, por consequência, eram grupos como Charlie Brown Jr. Falando para um público mais adulto, como lembra o autor, surge Los Hermanos, arrebatando multidões por onde passam e criando uma legião e fãs, verdadeiros seguidores fiéis. Na metade de década, com letras que versavam sobre relacionamentos e uma problemática adolescente, surgem grupos como NX Zero, Fresno, Cine e Restart (PETILLO, 2013).

Celeiro de nomes de destaque, o *rock gaúcho* merece um capítulo à parte. Segundo Borba (2001), a partir do estouro de *Você Não Soube me Amar*, em 1982, da Blitz, aparecem grupos como Taranatiriça e Garotos da Rua. Em 1983, o *rock* pesado dá o ar da graça, com a primeira formação dos Replicantes, que estourou com o sucesso *Surfista Calhorda*. Em 1984, chegam TNT e Prisão de Ventre. Na mesma época, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), surge o grupo Os Engenheiros do Hawaii, e Alemão Ronaldo monta a Bandaliera. Na época, os Engenheiros entraram em uma coletânea que colocou em evidência o grupo em todo o país, o disco *Rock Grande do Sul. Toda Forma de Poder e Segurança* apareciam nas rádios do país, sendo que a última integrou a trilha sonora da novela Hipertensão, em 1986 (BORBA, 2001).

Em 1986, outro caso de sucesso longo, o Nenhum de Nós, estoura para o país, com aparições no programa *Globo de Ouro*, da TV Globo, com a canção *Camila, Camila*, que conta a história de uma menina abusada. Atualmente, o grupo segue em atividade, com sua formação original.

4.4 CHORO

De maneira recorrente, o choro é denominado como o *jazz* brasileiro. Segundo Petillo, o choro surgiu bem antes do *jazz* norte-americano. “A comparação só encontra uma confluência porque ambos apostam bastante na capacidade de improviso de seus músicos. O improviso, aliás, é a essência do choro” (PETILLO, 2013, p. 91).

O gênero é considerado por muitos historiadores como a primeira manifestação de música urbana brasileira. Os precursores, conforme Petillo (2013), eram funcionários da Alfândega, dos Correios e Telégrafos, da Estrada Central Brasil. O marco inicial do gênero aconteceu em julho de 1845, quando a polca foi dançada pela primeira vez no Teatro Imperial de São Pedro, no Rio de Janeiro.

Ainda segundo Petillo (2013), o grande nome dos “chorões” é Joaquim Antônio da Silva Callado.

Flautista de qualidade rara, aprendeu a tocar aos oito anos de idade. Foi o autor de *A Flor Amorosa*, tida como a primeira composição do gênero. Callado também organizou os primeiros grupos de choro. Mas a coisa pegou fogo mesmo quando Francisca Edwiges Neves Gonzaga colocou a mão na história. Amiga de Callado, Chiquinha Gonzaga tocava piano num dos grupos do “pai do choro”. (PETILLO, 2013, p. 92)

Outro pioneiro do gênero foi Ernesto Nazareth, um dos compositores nacionais mais sofisticados, com uma mescla de sons populares e eruditos. Em um meio que revelou grandes nomes para a música brasileira, é imperioso citar Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha, considerado o maior chorão de todos os tempos. “Compôs clássicos como *Sofre Porque Queres*, *Um a Zero*, *Carinhoso*, *Lamentos*, *Rosa*, entre outros. Pela genialidade, ganhou o apelido de ‘Santo Pixinguinha’” (PETILLO, 2013, p. 92).

Segundo o mesmo autor (2013), o choro ficou muito famoso durante a chamada *Era de Ouro do Rádio*, entre 1930 e 1945, principalmente pelo fato de que os chorões eram uma espécie de chão de fábrica das emissoras, acompanhando cantores de todos os estilos. A época foi profícua para o surgimento de sucessos do gênero: Zequinha de Abreu escreveu *Tico-Tico no Fubá*, um dos choros mais conhecidos fora do país, enquanto Waldir Azevedo e seu cavaquinho trouxeram ao mundo a canção *Brasileirinho* (PETILLO, 2013). Já Jacob do Bandolim, outro destaque do gênero, apresentou *Noites Cariocas*, *Vibrações* e *Doce de Coco*. Com o passar dos anos, o gênero continuou revelando grandes nomes para a nossa música. Grupos como Galo Preto e Os Carioquinhos revelaram, entre outros, o violonista Raphael Rabello. Em 1979, foi criado o grupo Camerata Pampeana, formado por um dos destaques do choro no país, o maestro Radamés Gnattali, e a cavaquinista Luciana Rabello.

Em Porto Alegre, o choro teve como um de seus grandes destaques iniciais Otávio Dutra. No começo do século XX, revelou-se compositor, quando

tinha somente 16 anos de idade, escrevendo valsas e polcas, estudando bandolim, um dos instrumentos típicos do gênero, e violão. Em 1910 começou a lecionar música, sendo responsável pela introdução do violão e do bandolim na sociedade gaúcha. Fundou o lendário grupo Terror dos Facões, realizando, em 1913, gravações de valsas, *schottisches*, tangos, polcas e mazurcas de sua autoria para a Casa Hartlieb, representante da gravadora Odeon em Porto Alegre. Na época, Dutra era conhecido na imprensa gaúcha como maestrino e foi líder dos primeiros blocos carnavalescos de Porto Alegre, como Os Tigres, Os Batutas e Passa Fome e Anda Gordo, além de compor letras e músicas de sambas, marchas e maxixes.

Outros nomes que transitam, ao mesmo tempo, entre o choro e outros gêneros como o samba são Lupicínio Rodrigues, Túlio Piva, Bedeu, Giba-Giba, Plauto Cruz, Nelson Coelho de Castro e Paulo Barboza. Barboza, aliás, foi um dos fundadores do tradicional Clube do Choro, em Porto Alegre, e é avô de um dos nomes que despontou no gênero a partir dos anos 2000 em Porto Alegre, Elias Barboza.

Um dos fenômenos mais recentes do gênero é o gaúcho Yamandu Costa. Natural de Passo Fundo, ele aprendeu a tocar violão aos sete anos. Com 15 anos já despontava na música brasileira. Aos 21, em 2001, com o disco *Yamandu*, ganhou lugar definitivo entre os grandes da música nacional, ganhando prêmios e sendo eleito um dos melhores daquele ano. No lançamento, alterna composições próprias, como *Chamamé*, com clássicos do choro, como *Brejeiro*, de Ernesto Nazareth, e *Tristeza do Jeca*, de Angelino de Oliveira (PETILLO, 2013).

4.5 PAGODE

Petillo (2013) observa que, segundo o folclorista Câmara Cascudo, o pagode é uma festa regada a comida e bebida, de reunião íntima. A partir dos anos 1970, no país, o pagode também significa isso, como observa o autor, mas foi acrescido de uma roda de samba, em um momento em que os dois

gêneros quase se confundem. Segundo o autor (2013), o pagode é um samba diferente, com andamento mais ágil, tendo destaque o banjo com braço de cavaquinho, uma possível invenção do cantor Almir Guineto, um dos expoentes do gênero. O Cacique de Ramos, de Tia Doca, e Madureira, reduto de Arlindo Cruz, foram locais onde nasceram destaques do gênero, como o próprio Guineto, Zeca Pagodinho, o grupo Fundo de Quintal e Jovelina Pérola Negra.

Ainda segundo o autor (2013), Zeca acabou se tornando um dos maiores expoentes do pagode e um dos grandes vendedores de discos do país. O primeiro, lançado em 1986, estourou os sucessos *Quando Eu Contar (laiá)*, *Verdade* e *Posso Até me Apaixonar*, surpreendendo o Brasil e vendendo mais de um milhão de cópias.

Entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, o pagode começa a caminhar para uma vertente diferente. Com o surgimento de grupos como Raça Negra, Só Pra Contrariar, Exaltasamba, Negritude Júnior, Só Preto Sem Preconceito e Art Popular, o gênero mergulha numa época mais romântica, criando até uma espécie de rótulo: o “pagodinho romântico”.

Inicialmente, segundo Petillo (2013), mesmo gozando de popularidade, os grupos não tinham muito a simpatia da crítica e dos grupos mais puros do samba. Com a chegada dos anos 2000, essa tendência se confirma: o Exaltasamba se firma como um dos grandes grupos de pagode romântico do país, abrindo espaço para nomes como Turma do Pagode, Belo, Jeito Moleque e Sorriso Maroto. Em 2012, os líderes do Exaltasamba, Thiaguinho e Péricles, deixam o grupo para seguir carreira solo. O período marca, também, uma espécie de divisão entre os pagodeiros mais românticos, como os já citados, e nomes mais históricos do samba e do pagode, como Arlindo Cruz, Jorge Aragão, Zeca Pagodinho e Almir Guineto (PETILLO, 2013).

4.6 SERTANEJO

Se em algumas partes do país, como no Rio de Janeiro e São Paulo, o samba mostra sua força, no interior do Brasil o sertanejo é quem dá as cartas. Em junho de 2015, o relatório da Crowley, empresa que monitora a execução das músicas no país, apontava que das 100 canções mais tocadas do país, 61 são sertanejas², e as 10 primeiras colocações são todas de canções deste gênero musical.

Porém, antes de chegar em 2015, é preciso voltar no começo do século XX para entender o sucesso deste gênero. Segundo Petillo (2013), o jornalista Cornélio Pires, fanático pelas tradições caipiras, produziu, em 1929, uma série de discos que misturavam gravações de canções tradicionais com “causos” contados pelos habitantes da zona rural dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná e Mato Grosso. As letras, invariavelmente, versavam sobre a vida simples no campo e as paisagens e são marcadas por uma linguagem coloquial. “A viola caipira era a parceira universal da cantoria, ao lado da marcação do ritmo por palmas e batidas de pé” (PETILLO, 2013, p. 129).

Ao todo, foram cinco séries de discos, que traziam ritmos do interior, como lundu, caruru e catira, que tiveram um sucesso de vendas que ajudou a consolidar o mercado de vendas dos fonogramas da música nacional, em uma época em que o cenário de vendas era dominado por discos de tangos argentinos.

Notando este nicho, a gravadora norte-americana RCA Víctor, que tinha em seu elenco alguns artistas *country*, bancou um elenco de violeiros no Brasil e lançou suas gravações. Nos anos 1930, segundo Petillo (2013), alguns deles faziam *shows* em duplas, formato que é amplamente dominante até hoje. Na

² Disponível em: <<http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/07/conheca-os-cinco-novos-talentos-sertanejos-do-brasil-4804061.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

época, surgiram para o país as duplas Alvarenga & Ranchinho e Raul Torres & Serrinha, pioneiros do uso do violão no lugar da viola caipira.

A partir da década de 1940, o gênero passou a ser influenciado por outros ritmos, como boleros, mariachis e guarânicas, e outros instrumentos começaram a aparecer nas músicas, como o acordeão e a gaita (PETILLO, 2013).

Na época, também, as emissoras de rádio do país passaram a dar mais atenção para o surgimento destes nomes, e surgiram os primeiros dedicados à música sertaneja. Neste período surgem nomes como Vieira & Vieirinha, Tônico & Tinoco, considerados referência por boa parte dos novos sertanejos, Inezita Barroso, Cascatinha & Inhana e As Galvão (anteriormente Irmãs Galvão). Petillo (2013) observa que, mesmo com o crescimento do número de duplas, o alcance da música sertaneja ainda era limitado a São Paulo, Minas Gerais e aos Estados das regiões Centro-Oeste e Sul.

A partir do final dos anos 1960, nomes como Tião Carreiro & Pardinho, Léo Canhoto & Robertinho, Pena Branca & Xavantinho e Sérgio Reis foram os que levaram o mundo caipira para além de suas fronteiras:

As letras passaram a ser mais românticas e autobiográficas, enquanto a fusão com elementos de outros ritmos era acelerada: enquanto Milionário & José Rico atacavam com trompetes, Léo Canhoto & Robertinho ousavam com a guitarra roqueira e Sérgio Reis fazia um tipo *western* americano, numa época de glória para os filmes de caubói. (PETILLO, 2013, p. 130)

A chegada dos anos 1970 marca a ascensão de outros gêneros e de um momento de renovação do sertanejo. Nomes marcantes que surgiram na época foram Renato Teixeira, o violeiro que consagrou a canção *Romaria*, que viria a ser gravada por Elis Regina, e Almir Rogério, com *Fusão Preto*. Na mesma época, estreava na TV Cultura o programa *Viola, Minha Viola*, dedicado ao sertanejo de raiz, tendo como concorrente o *Som Brasil*, da TV Globo, que dedicava boa parte do programa ao gênero. Sendo um dos grandes sucessos do meio, *Viola, Minha Viola* está no ar há 35 anos.

Entretanto, o grande momento do sertanejo na história do país, que viria a dar suporte para o surgimento de uma onda do gênero, veio no fim dos anos 1980, início dos anos 1990. No meio da primeira eleição presidencial em quase 30 anos, em 1989, o país via surgir algumas duplas que marcariam o gênero: de Goiás, vinham Leandro & Leonardo, Zezé di Camargo & Luciano e Chrystian & Ralf; do Paraná, Chitãozinho & Xororó; de São Paulo, João Paulo & Daniel e Rick & Renner. Segundo Petillo (2013), estes injetaram *pop* e romantismo na música caipira.

A estrutura musical passava a ser mais parecida com a de um grupo pop, com violão, guitarra e teclados. A percussão se escorava numa bateria como as de *rock*, inclusive com os mesmos efeitos de estúdio; e a fronteira final para sair do interior do Brasil – chegar ao Nordeste e ao Rio de Janeiro – foi velozmente transposta com o sucesso das novas duplas. (PETILLO, 2013, p. 132)

A época foi tão vigorosa para o gênero que a TV Globo abriu espaço para um especial de fim de ano, intitulado *Amigos*, exibido entre 1995 e 1998, na emissora³. A base do primeiro *Amigos* foi um *show* gravado no Espaço Verde Chico Mendes, em São Caetano do Sul (São Paulo).

Na virada do século, a música sertaneja viu surgir outros nomes de destaque. Alguns, segundo Petillo (2013), que eram tachados como bregas, ganharam destaque, como Rionegro & Solimões e Bruno & Marrone.

Alguns anos mais tarde, em meados de 2008, o chamado sertanejo universitário ganha força no país, com o estouro de nomes como Victor & Leo, João Bosco & Vinícius, Luan Santana e César Menotti & Fabiano. O rótulo se deu porque boa parte dos músicos, como João Bosco & Vinícius, eram egressos dos bancos acadêmicos (o primeiro cursava Odontologia e o segundo cursava Fisioterapia) e faziam apresentações, predominantemente, em bares que tivessem esse público.

³ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/amigos.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

Um novo capítulo do sucesso da música sertaneja aconteceu em 2011, quando Michel Teló, que era conhecido em algumas partes do país como vocalista do Grupo Tradição, lançou *Ai, Se Eu Te Pego*, canção que, aproveitando a disseminação da internet, se tornou tema de comemorações de times como o Barcelona e o Real Madrid (PETILLO, 2013). Na época, o atacante português Cristiano Ronaldo chegou a dançar a música em comemorações de seus gols no Real Madrid, o que levou Michel Teló a ficar conhecido no mundo⁴.

Em 2012, Teló, escorado no sucesso de *Ai, Se Eu Te Pego*, fez sua primeira turnê europeia, tratado pela imprensa do Velho Continente como “coqueluche brasileira”. Ele fez dez *shows* na Europa, com estreia em Lisboa, passando por lugares como Luxemburgo, Espanha e Inglaterra.

Em 2015, um fato chama a atenção do país para a força da música sertaneja: aos 29 anos, o cantor sertanejo Cristiano Araújo morreu em um acidente de carro, ao voltar de um *show*, em Goiânia. Desconhecido em algumas partes do Brasil, mas um grande sucesso em Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, em parte do Nordeste e no Interior de São Paulo, a morte do jovem gerou comoção no país. O nome do cantor ficou em primeiro lugar como *trending topic* (tendência global) do *microblog* Twitter em todo o mundo, com quase 60.000 citações por hora, no dia 24 de junho de 2015, data de sua morte⁵. O cortejo do corpo do cantor, em Goiânia, foi acompanhado por uma multidão de fãs, por 15 quilômetros.

⁴ Disponível em: <<http://universosertanejo.blogosfera.uol.com.br/2012/02/24/direto-de-lisboa-michel-telo-inicia-turne-na-europa-hoje/>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

⁵ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/24/politica/1435157843_809542.html>. Acesso em: 25 nov. 2015.

4.7 MPB

Para explicar o surgimento da chamada MPB, é necessário voltar ao princípio do samba: “No princípio, basicamente, era o samba. Tudo era samba e suas variações” (PETILLO, 2013, p. 180). Os compositores mais populares do começo do século XX eram ligados ao samba, à marcha ou ao choro, gêneros que contemplamos anteriormente.

Nos anos 1930, quem chama a atenção do mundo é Carmen Miranda, ao lançar a canção *Taí*, grande sucesso carnavalesco de 1930 e que abriu as portas para a artista, nascida em Portugal e principal figura feminina da música nacional na primeira metade do século XX. Carmen Miranda era, principalmente, a cara da cultura nacional para o resto do mundo. No mesmo ano, o país conhece também o sucesso de Ary Barroso, *Dá Nela*, ficando o artista conhecido em uma geração de nomes como Francisco Alves, Mario Reis, Vicente Celestino, Orestes Barbosa, Silvio Caldas e Lupicínio Rodrigues.

Em 1939, Carmen Miranda estoura o sucesso *O Que é Que a Baiana Tem?*, composição de Dorival Caymmi. Também no último ano da chamada década dourada, Ary Barroso lançou o grande marco do que viria a se chamar de samba-exaltação: *Aquarela do Brasil*. Entre meados dos anos 1930 e durante boa parte da década de 1940, também se destacou o Trio de Ouro, formado por Herivelto Martins, sua esposa Dalva de Oliveira e Nilo Chagas (PETILLO, 2013).

Na década de 1940, segundo Petillo (2013), Ataulfo Alves, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Orestes Barbosa, Carlos Galhardo e Orlando Silva, que ficou conhecido como o “cantor das multidões”, lideravam o bloco dos cantores masculinos dos grandes sucessos dos anos 1940. Na época, a popularidade dos programas de rádio começou a chamar a atenção do público. Dois nomes que se destacaram nos programas de rádio foram os de Marlene e Emilinha Borba.

Com a chegada dos anos 1960, a instalação da Ditadura Militar trouxe um período de dificuldades para a MPB no país. Com o AI-1, que dava poder

ao Governo Militar de modificar a Constituição, anular mandados legislativos, interromper direitos políticos e controlar a sucessão presidencial, os meios de comunicação e as manifestações artísticas foram duramente reprimidos pela censura.

Para se fazer arte no Brasil com liberdade de pensamento, era preciso sofrer um pouco mais do que o normal. Ou, como dizia Marcelo Nova, décadas mais tarde, “tinha que ter cultura para mijar na escultura”. Em pronunciamento na noite de 13 de dezembro de 1968, o ministro da Justiça, Gama e Silva, apareceu na TV e, em um pronunciamento anunciou o Ato Institucional nº 5, dando início ao período mais duro da Ditadura Militar. (PETILLO, 2013, p. 185)

Com um cenário de repressão, surge uma safra de artistas que viria a se destacar no cenário da MPB. Segundo o mesmo autor (2013), a TV se popularizava no país e os programas sobre música tinham as maiores audiências. Afirma, ainda, que surgiram na época os primeiros festivais, como o da TV Excelsior, em 1965, que foi o pioneiro. As vencedoras foram *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, defendida por Elis Regina, e *Valsa do Amor que Não Vem*, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, interpretada por Elizeth Cardoso. Os festivais brindaram, ainda, os brasileiros com sucessos como *A Banda*, de Chico Buarque, com Nara Leão, e *Disparada*, de Geraldo Vandré e Théo Barros, além de *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso.

Estes eventos ainda trouxeram nomes históricos como Milton Nascimento, Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Edu Lobo, Nara Leão, Gal Costa e Tom Zé. A época, com a Ditadura no auge, fez com que músicos de renome tivessem que pedir exílio em outros países para evitar que fossem expulsos do país (PETILLO, 2013). Chico Buarque foi para Roma, Edu Lobo para os Estados Unidos e Sérgio Ricardo para o México. Já Caetano e Gil fizeram um dos exílios mais conhecidos, em Londres, durante uma temporada que acabou se tornando proveitosa do ponto de vista musical, já que lá Gil compôs *Aquele Abraço*, um de seus grandes sucessos.

Nos anos 1970, de volta ao Brasil, Chico, Caetano e Gil lançaram uma sequência de trabalhos inspirados, dando espaço, também, para o surgimento

de novos nomes, como Djavan, Gonzaguinha, João Bosco, Zé Ramalho, Alceu Valença e Fagner. Também nesta década, Elis Regina firmou-se como principal cantora do país, segundo Petillo (2013), com destaque para o sucesso do disco *Elis e Tom*, feito com Tom Jobim, em 1974.

Na mesma época, outro fenômeno da MPB estoura no país. “Gravado em apenas 15 dias, chega ao mercado o primeiro disco da banda Secos & Molhados. Uma bomba. Vendeu 900 mil cópias em pouco tempo” (PETILLO, 2013, p. 192). Os integrantes do grupo, mascarados, misturavam música brasileira com teatro, folclore português, poemas de Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes e *rock*. O grande destaque era o vocalista do grupo, Ney Matogrosso, que se apresentava seminu, segundo o autor (2013), e rebojava enquanto cantava o refrão de *O Vira*.

Já os anos 1980, depois de toda essa efervescência musical, chegaram em um ritmo mais leve. Entre o fim dos anos 1980 e o início da década de 1990, se consolidam nomes como Marisa Monte, Zelia Duncan, Adriana Calcanhoto, Chico César, Zeca Baleiro, Lenine, Joanna, Zizi Possi e Leila Pinheiro.

No início dos anos 2000, uma nova leva de cantoras, principalmente, surge, dando nova cara para a MPB. Ana Cañas, Mariana Aydar, Céu, Luiza Maita, Luiza Possi e Maria Gadú aparecem como revelações (PETILLO, 2013).

4.8 MÚSICA POPULAR GAÚCHA

Um dos marcos da música gaúcha em todos os tempos, segundo Petillo (2013), foi Teixeirinha. Conhecido como Rei do Disco, ganhou destaque com a canção *Coração de Luto*, que arrebatou fãs no Rio Grande do Sul. Um de seus grandes lançamentos foi o disco *Milonga da Fronteira*, que trazia a canção, que já era *hit*, *Coração de Luto*. Reza a lenda, de acordo com o autor (2013), que o cantor vendeu mais de 80 milhões de cópias durante sua carreira, fazendo jus ao título de “rei do disco”, que lhe foi dado na época.

Ainda no Rio Grande do Sul, *Vento Negro*, dos Almôndegas, composição de José Fogaça, em 1975, foi o ponto de partida para o sucesso da dupla Kleiton & Kleidir, que, nos anos 1980, viriam a lançar canções como *Vira Virou*, *Maria Fumaça* e *Deu Pra Ti*. Outro grupo de sucesso surgido na época, segundo Borba (2001), foi o Musical Saracura, com os integrantes Silvio Marques, Nico Nicolaiewsky, Fernando Pezão e Chaminé, tendo como alguns de seus sucessos as canções *Marcou Bobeira* e *Tango da Mãe*.

Em 1978, é gravado um disco que viria a marcar época na música gaúcha: *Paralelo 30*, que traz as primeiras gravações em vinil, de nomes como Beбето Alves, Nelson Coelho de Castro e Cláudio Vera Cruz. No final dos anos 1970, Nei Lisboa e Augusto Licks montavam o *show* que se despedia de uma época pesada do país, a Ditadura Militar, *Deu pra Ti, Anos 70!*. Depois, Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti transformaram o *show* em um filme (BORBA, 2001).

No começo dos anos 1980, Nei Lisboa ganha destaque no cenário local e nacional com a canção *Pra Viajar no Cosmos, Não Precisa Gasolina*. Na mesma época, segundo Borba (2001), surgia Vitor Ramil, com 18 anos, em 1981, lançando seu primeiro disco, com a participação de seus irmãos, Kleiton e Kleidir, e de Tetê Espíndola e Zizi Possi. Conforme o autor (2001), uma das características marcantes de Vitor Ramil é trabalhar com a estética do frio, destacando em suas letras aspectos característicos de quem viveu entre Porto Alegre, Argentina e Uruguai. A época também marca o surgimento de Beбето Alves, que faz uma mistura de milonga e *rock*.

5 ESTRELAS DA PERIFERIA

Surgida com o objetivo de dar espaço para novos talentos de bairros de periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana, a seção Estrelas da Periferia foi criada em 2009, no *Diário Gaúcho*. A proposta para a criação da nova seção para o jornal surgiu em junho daquele ano. No dia 25 daquele mês, morria Michael Jackson, um dos maiores ícones da história da música *pop* mundial.

Como o *Diário Gaúcho* é um jornal com ampla penetração nas camadas populares, a proposta do então editor-chefe do jornal, Claudio Thomas, era de que a repercussão da morte do astro norte-americano estivesse focada na falta que ele fazia nas comunidades mais populares, tendo em vista que suas danças e suas músicas tinham admiradores em todas as camadas sociais. Suas danças, inclusive, influenciaram gerações de novos músicos, como integrantes do grupo de pagode Louca Sedução, de Porto Alegre, que declaradamente se inspiravam em danças do cantor, conhecido como “rei do *pop*”, para algumas de suas canções, como se vê na figura abaixo.

somos de lá, e de milhares de outras pessoas, começamos a imaginar quantos outros artistas, estrelas, não deve haver em outras comunidades e que não estamos tanto dando valor, que não estamos prestando atenção. E deu resultado imediatamente. Quando publicamos a primeira história, já surgiram interessados (REQUIÃO, 2016, em entrevista ao autor)

Ainda conforme Requião (2016), a ideia foi levada adiante e a proposta era estimular as pessoas de bairros de Porto Alegre ou da Região Metropolitana a enviarem sugestões de artistas de suas regiões para a seção.

Achávamos que eles deviam ter músicas compostas, e até gravadas, seja em casa, de maneira mais artesanal ou em algum estúdio da região, que cartazes avisassem de *shows* por ali, em lugares populares na comunidade, mas pensamos que eles podiam não ter penetração ou muito alcance fora de suas respectivas regiões. (REQUIÃO, 2016)

Levada para a Redação do jornal, a ideia foi discutida na reunião semanal de pauta da Editoria de Variedades, chefiada pela editora Flávia Requião, seção na qual a cobertura musical está inserida no jornal. A Editoria de Variedades, conforme a jornalista, é um dos pilares do jornal e se caracteriza pela cobertura do entretenimento e do mundo dos famosos locais, nacionais e internacionais. De acordo com Requião, a editoria é composta por uma editora e três repórteres e tem uma proposta de segmentar conteúdos, na tentativa de formar repórteres mais especialistas em determinados assuntos, como novelas e música, por exemplo.

“É intenção do jornal, sim, segmentar, pois acreditamos que setorizando a cobertura de determinado assunto, o jornal leva mais qualidade para o leitor, pois se diferencia do conteúdo que está sendo difundido na internet. Mesmo assim, todos os repórteres têm treinamento para escrever sobre todos os assuntos do universo do entretenimento.” (REQUIÃO, 2016)

Inicialmente, a proposta era que a seção fosse semanal, e que cada bairro de Porto Alegre ou Região Metropolitana tivesse um artista diferente, sempre às quartas-feiras, dia que a seção começou a ser publicada, em 7 de julho de 2009, em meia página. Na estreia, a banda Eurofunk, da própria

Restinga, teve sua história contada na seção. Para que conseguissem entrar em contato com o jornal, foi publicada uma pequena nota, uma semana antes, estimulando moradores de comunidades de periferia que conhecessem algum artista dessas regiões que tivesse um destaque na comunidade, mas que ainda não fosse conhecido no restante da cidade.

Figura 2 – Nota ao Leitor

Chegou a vez das estrelas da Restinga!

Se você conhece ou faz parte de algum grupo artístico que esteja bombando na Restinga, agilize-se! Chegou a hora desta galera que virou estrela na comunidade mostrar o seu valor.

O Diário Gaúcho está atrás de novos talentos desta região especificamente. Mostre o trabalho da banda, do grupo, da oficina de teatro e de outras manifestações culturais na Tinga!

● Mande o material pela internet

Se você possuir um vídeo do talento em ação, mande-o para o e-mail jose.barros@diariogaucho.com.br. E, se tiver fotos e texto, deixe o material no site do jornal, www.diariogaucho.com.br.

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 30 de junho de 2009, p. 14.

A nota pedia que fosse enviado um *e-mail* indicando quem seriam esses nomes, com algum telefone de contato, um pequeno histórico do artista ou do grupo e alguma música, para que se pudesse ter a mínima noção de que estilo de música se tratava e se existia um mínimo padrão de qualidade na referida

gravação. É importante ressaltar que a música solicitada devia ser de autoria de algum dos integrantes, ou cedida a eles, sendo rechaçada a apresentação de releituras ou regravações de algum sucesso existente. Fãs da banda, então, enviaram *e-mail* para o jornal, falando da existência do Eurofunk.

Na estreia da seção, com o grupo Eurofunk, Estrelas da Periferia ocupava cerca de ¼ da uma página, na parte inferior, em geral nas páginas 13 ou 14 – o número desta depende do chamado espelho do jornal, definido pela Redação em parceria com a área comercial, após a comercialização de espaços publicitários. Na primeira publicação, por sugestão da editora de Variedades, Flávia Requião, a reportagem continha um *box* secundário, contendo uma entrevista com um fã-clube do grupo. A ideia, de acordo com Requião (2016), era mostrar que o artista em questão realmente era minimamente conhecido em sua comunidade.

Figura 3 – Eurofunk



Eurofunk é a cara da Restinga!

Fã-clube

JOSÉ AUGUSTO BARROS
Jose.barros@diariogaucho.com.br

Surgido da paixão de cinco amigos pela dança e pelo funk, o bonde Eurofunk, da Restinga, não faz sucesso somente entre os moradores do bairro, um dos mais populosos da Capital. Rodrigo, Jonas, Marlon, Everton e Guilherme começaram

a dançar juntos há cerca de cinco anos, nos ensaios da quadra da escola de samba da Restinga. O primeiro CD, A Pegada é Uma Só, lançado de maneira independente, tem 15 faixas. Estão lá canções como Meditação e Passinho

dos Mexicanos, com letras bem pegadas e coreografias ritmadas.

● Começou na brincadeira

O nome Eurofunk foi criado quando os integrantes perceberam que o euro valia muito mais do que o real. E o bonde teve início como uma brincadeira, com

os caras dançando ao som de DJs e ouvindo Chris Brown e Michael Jackson. Quando começaram a fazer sucesso em bailes e em festas na Restinga, a coisa ficou séria! Hoje, eles apresentam-se em algumas casas na Região Metropolitana e, claro, na quadra da escola do coração.

– Quando nós viamos um cartaz nosso em algum poste aqui, na Tinga, ficávamos muito empolgados! – conta Rodrigo.

Os caras só se queixam de uma cena recorrente no funk: o preconceito.

– O funk do Sul é diferente. As pessoas criticam sem saber, e acabamos tendo dificuldade na hora de divulgar o grupo. Ainda rola muito preconceito – constata Rodrigo.

Os integrantes

- Rodrigo Souza Rodrigues, 22 anos
- Jonas Daniel Mariano Marques, 21
- Marlon da Rosa Ferreira, 20
- Everton Dambrosi, 18
- Guilherme Schmitt, 23



FOTOS CYNTHIA VANZELLA



Brunna (E) e Andressa: amor incondicional

Confira o som dos caras!

Quem quiser dar uma olhada no som dos guris pode acessar:

- www.palcomp3.com/eurofunk
- <http://www.youtube.com/watch?v=-J2uovm1EDU>

Alô, Mathias!

● Se você conhece ou faz parte de algum grupo artístico que esteja bombando na Mathias Velho, em Canoas, mande vídeo, foto e texto para a seção Estrelas da Periferia, pelo e-mail jose.barros@diariogaucho.com.br ou site www.diariogaucho.com.br.

Da esquerda pra direita, as feras Everton, Jonas, Marlon, Rodrigo e Guilherme

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 7 de julho de 2009, p. 15.

Figura 4 – Eurofunk (Capa)

Hoje tem selo. Sirva-se.

32 ANOS

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 30 - Nº 2.872 - PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 7/7/2009 - UM JORNAL DO GRUPO RBS

0,75

PERIGO RONDA HOSPITAIS

Ladrões atacam na hora da visita

Por dia, oito carros são furtados próximo ao Cristo, Conceição, Clínicas e Santa Casa

PÁG. 28 E 29

Diário flagrou a ação irregular de vendedores de CDs

CENTRO

Caixinhas não largam o osso

PÁG. 6

EUROFUNK, OS REIS DA TINGA

PÁG. 15

MAIS DE 350 OFERTAS DE EMPREGOS

PÁG. 7

Caroline só pensa naquilo...

PÁG. 16

INTER

Má fase em dose dupla

Taison e...

PÁG. 8

D'Ale estão devendo

Bonde é uma das estrelas da periferia

Macedo: protesto na Tabaré

Gugni: tristeza na Farroupilha

Furtam escola e ainda tiram onda

A diversão está de luto

Pelezinho de Chok-Chok morreu aos 47 anos

PÁG. 3

Atividades de Amigo Redlar

Nome: _____
 CPF: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____
 Estado: _____
 Nome do Amigo: _____
 Responda a pergunta abaixo:
 Por que no aniversário do Amigo Redlar quem manda ganhar o presente é você?

Concorra a 2 milhões completos. Vença para você, uma por vez, melhor amigo.

Redlar

100% de sorte

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 7 de julho de 2009.

No começo, a expectativa dos jornalistas era de que apenas grupos dos chamados gêneros populares aparecessem na seção, o que não aconteceu, surpreendendo. Além de *hip-hop*, pagode, sertanejo, *funk*, samba e o chamado “baile”, ritmos tradicionais da periferia, começaram a aparecer histórias de bandas de *rock*, *pop*, *reggae*, metal e música nativista.

A partir de novembro de 2000, foi possível notar a primeira mudança na interação da seção com seu leitor. Como os grupos eram convocados a mandar vídeos, ou músicas em MP3, para que seu trabalho fosse analisado, esse material passou a ser hospedado no *blog* Escuta Essa, dentro do *site* do *Diário Gaúcho* (diariogaucho.com.br/escutaessa). Nitidamente, alguns trabalhos, do ponto de vista visual, eram precários, como o da banda Expressão Banda Show, em vídeo publicado no dia 17 de setembro de 2009. A banda, que era conhecida no universo dos bailes em Cachoeirinha e região, tinha como música própria a faixa *Você Tem Que Entender*. Porém, como na época a produção de clipes não era ainda tão popular, o áudio da música está presente sob imagens românticas, quase de ilustração⁶.

É possível observar, também, que, inicialmente, a matéria do grupo era publicada na íntegra somente na versão impressa do jornal. No *site*, que agregava o *blog* Escuta Essa, o internauta tinha acesso somente a um chamado extra, o vídeo ou o áudio da música do grupo em questão. A partir da mudança do *site* do jornal, em 2009, que era de certa maneira estático, pois não recebia atualizações durante o dia, a seção também mudou. Até então, o *site* abrigava somente a edição *on-line* do jornal, trazendo o mesmo conteúdo que a versão em papel oferecia ao leitor. A partir daquele ano, o *site* passou a ter atualizações mais constantes, além de manter a edição impressa disponível para o internauta.

Em dezembro de 2010, Estrelas da Periferia ganhou uma espécie de balanço anual, no qual eram destacadas, no espaço de duas páginas, oito

⁶ Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/escutaessa/page/5/?s=Estrelas+da+Periferia&topo=52%2C1%2C1%2C%2C186%2Ce186>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

bandas, duplas ou artistas solo que tiveram maior destaque naquele ano, depois de terem sua história contada na seção. As matérias mostravam ao leitor o que havia acontecido com os artistas depois da publicação das respectivas matérias. Porém, o balanço mostra alguma parcialidade, pois, na seleção dos músicos, aparecem apenas exemplos pinçados que tiveram algum sucesso depois de terem suas histórias contadas. Na estreia, as bandas entrevistadas foram a Súditus, Us Tio, Expressão Banda Show, Brilho da Lata, Gisele Espindola e Serappis.

Figura 5 – Balanço Estrelas da Periferia

Estrelas da Periferia

O som da perifa alça voos mais altos!

Expressão Banda Show entra em outro patamar

Apresentações ao lado de grupos de peso como Tati Siqueira, Brilho da Lata, Súditus e outros. A ideia é levar o disco para que o público de maior porte abraça a música.

Us Tio cai na estrada

Temos uma novidade muito boa depois de estarmos em Curitiba de volta. Us Tio, de Curitiba, está de volta e que veio de Curitiba de 2009 para cá. Com a sua música de hip hop, reggae, funk e rock, a banda grupo o primeiro CD, O Som Não Fala Mais.

Brilho da Lata: aberto o caminho

"Os projetos anteriores" como Onda e Escala do Tio de João, Raul, Sérgio, Dinho de Lata apontam no lado em outubro de 2008. Com programas de rádio, São Paulo, em Porto Alegre, e Praça Separada, em Curitiba, a banda começa a mostrar desde a publicação da primeira CD. O primeiro álbum veio para a transformação. Com a reprodução de magia, pertencem a Família de Curitiba, o Rapazão.

Serappis não tem limites

Conhecida por muitos de Porto Alegre, a banda Serappis não tem limites. Desde o primeiro álbum, a banda tem sido muito bem recebida no cenário de música independente de Porto Alegre.

Gisele vai embalar a virada em Tramandaí!

Uma das grandes novidades de Porto Alegre, a cantora Gisele Espindola, que já se apresenta em Porto Alegre, prepara-se para uma apresentação no bairro de praia, no bairro de Tramandaí.

Convites mil para Súditus

Com um mix de hip hop, funk, reggae e rock, Súditus não tem a menor dúvida de que o grupo, com programas de rádio, São Paulo, em Curitiba, e Praça Separada, em Curitiba, a banda começa a mostrar desde a publicação da primeira CD. O primeiro álbum veio para a transformação. Com a reprodução de magia, pertencem a Família de Curitiba, o Rapazão.

Deixa o som da perifa alçar voos mais altos!

Deixa o som da perifa alçar voos mais altos!

Deixa o som da perifa alçar voos mais altos!

Deixa o som da perifa alçar voos mais altos!

Ao fazer a análise de algumas reportagens, é possível encontrar a falta de uma real evolução dos artistas ou de explicações mais concretas do porquê isso aconteceu, ou não. A matéria conta um pouco da história de cada artista, questiona os mesmos sobre as mudanças que ocorreram depois da publicação da matéria em *Estrelas da Periferia* e dá exemplos de tais mudanças, como aumento no número de shows, gravação de músicas, clipes ou discos. A nota que fala de Gisele Espindola, por exemplo, afirma que ela faria um *show* na festa de Réveillon, em Tramandaí, no Litoral Norte. A reportagem trata o espetáculo como uma evolução, mas sem explicar se ela já tinha feito algum *show* do mesmo tipo e também não contextualiza qual a importância de fazer um *show* no Ano-Novo do Município litorâneo.

Porém, nas demais notas, a evolução aparece de maneira mais consistente. O Expressão Banda Show, por exemplo, conseguiu abrir *show* do grupo Tchê Garotos depois da matéria, por exemplo. O grupo Us Tio, de Gravataí, revelou que passou a fazer *shows* com cachês mais significativos do que antes. Passados quase seis anos da publicação, é fundamental ressaltar que nenhuma destas bandas atingiu um destaque nacional, por exemplo. Nos anos seguintes, nas pesquisas feitas para esta dissertação, foi possível constatar que esses grupos passaram a ter um acompanhamento minguido do jornal, quase inexistente. Hoje, não se sabe, via *Diário Gaúcho*, se esses artistas ainda estão na ativa ou não. Do ponto de vista jornalístico, falhou o jornal em não acompanhar suas trajetórias para saber o que estes grupos estavam fazendo, por exemplo, dois, três ou quatro anos depois. Mais uma vez aparece o que parece ser uma função social do jornal, em dar espaço para esses nomes, tirá-los das margens do mundo musical, e até da sociedade, e deixar que sigam suas trajetórias, sem interferências. O jornal, deveria, seguindo uma lógica jornalística, acompanhar minimamente essas bandas, dar uma espécie de satisfação ao leitor, já que foi o primeiro veículo de grande circulação a dar espaço para aquele artista e justamente levá-lo para este mesmo leitor. Quando ele não cumpre esse papel mais sistemático, de acompanhar de maneira mais próxima, se aproxima mais do papel social, que é de dar um espaço para o artista, sem um acompanhamento mais direto.

Outro exemplo ilustrativo é o do *rapper* Adriano de Souza, o Gangster, de Viamão. Ele foi objeto de reportagem em setembro de 2013. O referido balanço foi publicado em janeiro de 2014, pouco mais de três meses depois da primeira matéria. O primeiro fator a ser destacado é o pouco tempo de diferença entre uma publicação e outra. Por mais que o artista em questão fosse um fenômeno, seria quase impossível que ele se tornasse uma estrela da música regional ou nacional em um espaço tão curto de tempo. Neste ponto, aparece o primeiro erro de avaliação do jornal, no que diz respeito à escolha do entrevistado para a matéria de balanço. O escolhido, em tese, deveria ser um artista cuja matéria tivesse sido publicada um ano antes, ao menos. O segundo erro aparece na falta de explicações concretas para a real evolução, ou não, do artista. Apesar de Gangster informar, como se vê no trecho da entrevista abaixo, que notou uma mudança significativa em sua região, faltam dados concretos que embasem essa observação.

Figura 6 – Gangster



Todo mundo ligado no hip hop

Reconhecimento na comunidade

Adriano Souza dos Santos, conhecido na Lomba do Pinheiro como Gangster, conta que a mudança na sua carreira foi significativa, depois que a sua história foi publicada, em setembro. Especialmente, na sua comunidade:

- Começaram a respeitar mais o meu som, e a matéria fortaleceu o hip hop. Consegui emplacar diversos shows, como na Semana da Restinga e em uma festa da Consciência Negra.

Ném dos palcos, Gangster faz um belo trabalho social, promovendo oficinas comunitárias de hip hop na Creche Balão Mágico, na Lomba, com 40 alunos.

- Acredito que a gente pode salvar as crianças com a música e com o hip hop. Por conta deste trabalho, fui homenageado aqui na Lomba – conta o rapper.

O próximo CD de Gangster, aliás, sai em maio.

LEONARDO ASSIS/TV P&B

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 6 de janeiro de 2014, p. 14.

“Depois da entrevista, minha comunidade passou a respeitar mais meu som e fortaleceu o *hip-hop*. Consegui emplacar diversos *shows*, como na Semana da Restinga e em uma Festa da Consciência Negra” (SOUZA, 2014).

Neste momento, seria necessário que ele citasse exemplos, mostrasse por que sua comunidade passou a respeitar mais seu som, como ele afirma, ou por que ele fortaleceu o *hip-hop* em Viamão. De que maneira? Aumentaram seus alunos na oficina de *rap* que ele ministra? Ele conversou com as pessoas nas ruas, que falaram do seu trabalho, e que antes não falavam? O *rapper* fala, ainda, que conseguiu emplacar diversos *shows*, o que é muito genérico. Quantos ele fazia antes? Passou a fazer mais depois? Quantos a mais? Ele fala que emplacou diversas apresentações, mas cita apenas duas. E em qual período e espaço de tempo ele fez aquelas duas apresentações? Essas questões poderiam dar uma real dimensão se algo aconteceu, ou não, com esse artista. Nesta mesma matéria, que fazia balanço de artistas que tiveram matérias publicadas na seção em 2013, alguns demonstram um avanço efetivo. Em poucos meses, o sambista Ginter Vieira, de Gravataí, depois da publicação de sua matéria, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a integrar a banda do sambista carioca Arlindo Neto, filho de Arlindo Cruz.

A gente sabe que a seção não foi diretamente a responsável por fenômenos como esse, mas uma porta de entrada, que se abre para outra, e para mais outra. Na maior parte dos casos, quando a gente mostrou a evolução dos artistas, foi com embasamento, como no caso do Ginter ou de alguns outros que gravaram CD, EP, foram morar fora, tentar a carreira em outros Estados. Esse cuidado o jornal sempre teve. De não deixar passar a idéia de que o artista queria vender o seu peixe mas que nem sabia direito o objetivo. Mas claro, pode ter acontecido de deixar passar, de não ter “perna” para acompanhar um que tenha se destacado mais. Mas quando acompanhamos, acompanhamos à altura, com concretude. (REQUIÃO, 2016)

Ao entrevistar artistas que tiveram sua história contada na seção, foi possível perceber que não evoluíram o quanto esperavam. A dupla sertaneja Max & Rodrigo, de Capivari do Sul, no Litoral Norte, é um exemplo. Eles foram objeto de matéria em setembro de 2013, em Estrelas da Periferia.

Questionados sobre se acharam que a evolução acontecia na velocidade que esperavam, os sertanejos foram enfáticos.

Não, claro que não. Na medida em que você vai evoluindo com seu projeto, você começa a entender que o sonho da música não é fácil e que o processo é muito mais difícil do que se imagina. Por isso, o mais rápido possível, fomos atrás de pessoas que entendiam desse negócio para nos ajudar. Primeiro, fomos atrás de uma produtora de artistas que nos abriu os olhos para o mundo dos negócios da música. Depois disso, ficou um pouco mais fácil entender que querer ser artista, talvez, seja o sonho mais difícil do mundo a ser realizado. (MAX [da dupla Max & Rodrigo], 2015)

Figura 7 – Max & Rodrigo

Edição da
Periferia

Tempero para cair no gosto da galera!

RESUMO DA NOTÍCIA

Com influências litorâneas, Max & Rodrigo apostam na mescla de reggae, sertanejo e pop. A dupla tem até CD com músicas próprias.

JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogauchocom.br

Os ares de Capivari do Sul, no Litoral Norte, onde Max & Rodrigo passaram boa parte da vida, influenciaram a escolha dos dois. O sertanejo era uma paixão antiga, mas os sons do Litoral deixavam dúvidas sobre qual ritmo tocar. Em 2010, quando fizeram o primeiro show, em Capivari, começaram a experimentar a mescla que daria a tônica para a dupla seguir em frente.

– Buscamos um diferencial, misturar sertanejo, pop e reggae. Sempre tivemos a influência regueira da praia e do pop e ainda nos inspiramos no Armandinho, que deu certo tocando reggae e pop – explica Max, 23 anos, natural de São Leopoldo.

● Começo foi complicado

Até que ficassem conhecidos na região, os amigos pensaram bastante. No primeiro ano, tentaram a sorte em bares e em restaurantes, sem banda completa, só no violão e no pandeiro. A grande virada veio na Expofeira, em 2011, em Capivari.

– A partir de lá, o pessoal começou a conhecer o nosso som, e a coisa começou a melhorar. Hoje, temos uma média de dez shows mensais e levamos a nossa música para Torres, São José do Norte e Rio Grande – comemora Rodrigo, 31 anos, natural de Palmares do Sul.

De lá para o primeiro CD, foi um pulo. O disco De Corpo e Alma – bem-produtivo, com bons arranjos e 12 músicas próprias – reflete exatamente o que os parceiros curtem: mistura de pop, sertanejo e reggae.

O batidão aparece na canção Fim de Semana, que toca na Rádio Farroupilha (680 AM), enquanto o reggae é uma constante em Escute o Meu Som.

– Foi uma aposta, e sonhamos alto – afirma Rodrigo.

LINA STRUMPER

Pitaco de quem entende

Gustavo, da dupla com Cairon, fala sobre Max & Rodrigo:

– A proposta é muito legal! Eles têm um compromisso de botar todo mundo pra dançar, com pitadas de romantismo. Um tempero que promete, com músicas para dançar, mas que falam de amor. Agora, é trabalhar e aguardar o resultado!

Mostre seu trabalho aqui

Para participar da seção, mande um pequeno histórico da sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 e um telefone de contato para jose.barros@diariogauchocom.br ou via diariogauchocom.br, no link Fale com o DG.

● Para falar com a dupla Max & Rodrigo, ligue 9794-5518.

Acesse diariogauchocom.br/escutaessa e ouça um trecho de Escute o Meu Som

Figura 8 – Max & Rodrigo (Capa)



Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 11 de setembro de 2013.

Depois da publicação da matéria, segundo os artistas, a realidade mudou, pois conseguiram divulgar mais o seu CD próprio e tiveram músicas tocadas em rádios de Porto Alegre e do Litoral Norte, coisa que não acontecia antes. Porém, o que se nota, no que diz respeito ao jornal, é que este acaba não acompanhando de perto todos os músicos depois da publicação de suas matérias, prejudicando a análise do que possa ter vindo a acontecer com eles.

Por se tratar de reportagens com novos músicos, as matérias mostram certa condescendência com os artistas, a exemplo de outras reportagens que serão analisadas neste trabalho, não parecem ter o rigor que se teria com artistas já conhecidos, o que é extremamente natural, tendo em vista que alguns artistas ali apresentados estão em começo de carreira, tendo, em alguns casos, pouca estrutura e pequena capacidade de investimento. Sempre é importante lembrar que, por não se tratar de uma coluna ou um artigo, nos quais seus autores emitem opiniões, a reportagem de Estrelas da Periferia deveria buscar o máximo de isenção possível, sem emitir juízo de valor no corpo do texto. A opinião, neste caso, fica para o convidado do Pitaco de Quem Entende, um especialista chamado para opinar, elogiar ou criticar o entrevistado da semana. Como lembra Lage (2001), se forem aplicados conceitos do jornalismo interpretativo em Estrelas da Periferia, existe um risco de subordinar a matéria a teorias ou crenças não comprovadas, o que poderia transformar informação em opinião, levando o receptor a concordar ou discordar do que ali está escrito.

A matéria segue um relato temporal, desde o começo da carreira da dupla, explica a influência que o Litoral Norte, terra dos músicos, teve na escolha do gênero musical o qual eles viriam a apostar, uma mistura de *pop*, sertanejo e *reggae*. A matéria relata, sem que eles consigam comprovar como, que antes de ficarem conhecidos na região eles “penaram”:

Até que ficassem conhecidos na região, os amigos penaram bastante. No primeiro ano, tentaram a sorte em bares e em restaurantes, sem banda completa, só no violão e no pandeiro. A grande virada veio na Expofeira, em 2011, em Capivari.

“A partir de lá, o pessoal começou a conhecer o nosso som, e a coisa começou a melhorar. Hoje, temos uma média de dez *shows* mensais e levamos a nossa música para Torres, São José do Norte e Rio Grande” – comemora Rodrigo, 31 anos, natural de Palmares do Sul. (BARROS, 2015)

Nesse caso, a matéria não explica de que maneira e por que eles ficaram conhecidos em sua região. Falam que têm uma média de 10 *shows* mensais, mas não se estabelece um parâmetro com algum número anterior para que se entenda se esse número é significativo ou não. Logo em seguida, a reportagem contradiz um dos principais mantras do jornalismo, o mito da imparcialidade. A matéria fala que logo após o referido *show*, tido como fundamental na carreira da dupla, uma espécie de marco, Max & Rodrigo gravaram seu primeiro CD. Emitindo um juízo de valor, a reportagem afirma que o CD foi bem produzido, sem informar os motivos nem recorrer a uma fonte que justifique tal afirmação.

Em alguns casos, o jornal faz matérias posteriores de acontecimentos ligados aos artistas. Foi o caso de Max & Rodrigo, que tiveram um *show* divulgado em outubro de 2015, em Sapucaia do Sul, dois anos depois da primeira matéria. A nota que aparecia na seção A Boa do Dia, consideravelmente menor do que o espaço dado na matéria original de Estrelas da Periferia, relatava algumas novidades da dupla e adiantava um pouco de como seria o repertório de músicas do *show* daquela noite. Porém, falta um espaço fixo, ou acompanhamento mais próximo, do que realmente aconteceu com os artistas, se é que aconteceu.

Já a matéria que conta a história da dupla sertaneja Jader, de São Leopoldo, e Gustavo, de Novo Hamburgo, foi publicada em 25 de novembro de 2014. Em linhas gerais, segue o mesmo modelo das já analisadas. Conta a história da dupla, onde se conheceram, como começaram e suas experiências musicais.

Figura 9 – Jader & Gustavo

ESTRELAS DA PERIFERIA

Todas as terças-feiras

JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogaucha.com.br

facebook.com/diariogaucha

twitter.com/diario_gaucha

2014-1004

diariogaucha.com.br/estrelas

Nos palcos da vida, não basta cantar... Tem de BATALHAR!

Em tempos pra lá de tecnológicos, compartilhamento instantâneo e gravação rápida de músicas pelas redes sociais, tem muita dupla que ainda batalha para gravar o seu próprio CD. Os sertanejos Jader & Gustavo, de São Leopoldo, são assim.

Eles estão há cerca de um ano juntos, mas têm uma estrada anterior. Ambos integram um grupo da região, e Jader toca desde os 12 anos.

Agora, os amigos pelevam juntos para realizarem o projeto

da tão sonhada gravação. A falta de ter um disco, às vezes, dificulta o trabalho da dupla na hora de negociar shows.

– Quando a gente vai conversar com produtores e donos de casas noturnas, a primeira coisa que pedem é um CD. Temos a nossa música gravada, a Prazer Infinito, que também tem clipe. Mas não adianta: o CD ainda fala mais pela dupla. Estamos na batalha. É o nosso projeto para 2015 – afirma Jader, 28 anos.

A dupla decidiu seguir esse caminho após integrar um grupo

de baile da região. A amizade surgiu durante viagens e shows, principalmente pelo gosto em comum pelo sertanejo de raiz.

● Sertanejo de raiz sem ignorar a modernidade

Empolgado, Gustavo lembra de todos os detalhes do show a que assistiu da dupla Milionário & José Rico, em Esteio, em 2013. Quando comentou a sua paixão com Jader, começou a surgir a identificação.

– Eles são a nossa grande inspiração. Claro que não nos

desligamos da atualidade, das coisas modernas. Mas tudo sempre começa com o sertanejo de raiz – comenta Gustavo, 18 anos.

Mesmo iniciantes, os gurus cultivam uma iniciativa de veteranos do cenário musical. Uma vez por mês, realizam uma espécie de festival sertanejo da região, chamando duplas iniciantes, como eles, para uma noite regada a muita música no Kiosque dos Amigos, no Bairro Santos Dumont, onde Jader mora – Gustavo é da Scharlau.

– É a chance de todos nós crescermos juntos! – diz Jader.



Milionário & José Rico inspiram os gurus

DIVULGAÇÃO



Jader (E) & Gustavo incentivam os outros novatos

DIEGO VIANA

Pitaco de quem entende

Juliano Kleinha, empresário da dupla Lucas & Felipe, analisa o som de Jader & Gustavo.

– A música é bem condizente com a idade deles, pois é uma dupla jovem. Percebe-se um certo nervosismo e uma ansiedade de fazer algo bom, mas é algo natural e muito saudável no processo de evolução e formação do artista. Gostei da mixagem da música e dos timbres. Clipe jóia, seguindo uma tendência do mercado! – avalia.

Brilhe por aqui e mostre seu trabalho

● Para participar da seção, mande um pequeno histórico da sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 e um telefone de contato para o e-mail jose.barros@diariogaucha.com.br

● Para falar com a dupla, ligue para 95.119-9067.

Em diariogaucha.com.br/estrelas, assista ao clipe de Prazer Infinito.

O detalhe interessante é que cada matéria aparenta ter uma espécie de gancho. No caso de Jader & Gustavo, o gancho é a obsessão dos músicos em lançar um disco “físico” em uma época de intenso compartilhamento digital e de músicos que investem no lançamento de clipes e músicas na internet. Em 2015, segundo relatório da Federação Internacional da Indústria Fonográfica, conforme matéria publicada no jornal *O Globo*⁷, pela primeira vez na História, as receitas digitais (de *downloads* e *streaming*) e físicas (CDs, DVDs, LPs) tinham se igualado no mundo, em 46% (o restante vem dos direitos sobre *shows*, *filmes* e *publicidade*). Já no Brasil, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), nos primeiros seis meses de 2015, verificou-se uma queda de 11,5% na venda de música em meios físicos. Porém, esse dado não foi usado na matéria, dificultando ao leitor entender de onde saiu a afirmação “em uma época de intenso compartilhamento digital e de músicos que investem no lançamento de clipes e músicas na internet”.

Nesta matéria, especificamente, o Pitaco de Quem Entende traz uma visão um pouco mais crítica. Consultado, o produtor musical Juliano K-lcinha observa, ao ouvir uma das canções, que lhe foi enviada por *e-mail* pelo autor da matéria, que a dupla apresenta certo nervosismo e ansiedade, mas, logo em seguida, afirma que tais reações são boas e saudáveis para jovens artistas. Apesar de afirmarem que já tinham o projeto de gravar o tão sonhado CD, como foi referido na reportagem, Jader & Gustavo afirmaram que a publicação da matéria teve importância para que o sonho se realizasse.

A matéria deu um impulso para que a gente corresse atrás de nossos objetivos. Com a matéria em mãos, me lembro bem, como se fosse hoje, em todos os lugares que íamos apresentar nosso *show*, mostrávamos a reportagem. Fazíamos isso para mostrar ao pessoal que nosso trabalho era sério. Isso, com certeza, dá um olhar diferente para quem vê a dupla. (JADER [da dupla Jader & Gustavo], 2016)

⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/o-cd-completa-33-anos-com-vendas-em-queda-futuro-incerto-17130467#ixzz4GCSqlQun>>. Acesso em: 2 ago 2016.

A partir deste trecho, é possível introduzir o *ethos* discursivo, que advém da retórica de Aristóteles e foi reformulado por Maingueneau para a análise do discurso.

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008, p. 17)

A partir do conceito de *ethos*, é possível afirmar que a fala do sertanejo Jader, por exemplo, constitui um *ethos* discursivo importante, pois ele próprio constrói isso através de seu discurso, quando afirma que levava a matéria publicada com a história da dupla para quem queria conhecer o trabalho dos músicos e que isso mostrava que o trabalho deles era sério. Nesse sentido, o artista se via, de certa forma, marginalizado antes da matéria, como se precisasse de uma reportagem para comprovar que o trabalho da dupla era “sério”, como ressaltou. A evolução dos sertanejos, como já demonstrado em outras análises, como a do Grupo do Bola, passa por uma série de fatores, e não somente a matéria publicada no *Diário Gaúcho*.

O número de *shows* aumentou. Em média, fazíamos um por semana. Depois, passou para cerca de três por semana. Isso devido ao nosso trabalho claro, ao nosso CD e a matéria, pois foi tudo uma soma. Mas claro que tudo dependeu também do nosso esforço e do esforço de nossos fãs e amigos, pois temos uma galera que nos acompanha e é leal à nossa música. Tivemos um aumento de seguidores nas redes sociais. Antes da matéria, tínhamos 300 curtidas na página do Facebook. Hoje, hoje estamos com 3.000. Mas como disse anteriormente: tudo fruto de uma soma de fatores: a matéria, o esforço dos fãs, o trabalho sério, o CD. (JADER & GUSTAVO, 2016)

É possível notar que o *ethos* discursivo deles mudou sensivelmente. Ter sido objeto da matéria fez a dupla reconhecer o seu trabalho e os deixou nitidamente mais confiantes no seu trabalho, tanto é que atribuem o crescimento da dupla a uma série de fatores: a publicação da reportagem, a

gravação do CD, o esforço dos fãs e o trabalho sério feito pela dupla. Diferentemente da postura que demonstraram anteriormente, quando afirmavam que a reportagem do *Diário Gaúcho* era levada em mãos, para mostrar aos contratantes e às pessoas, como uma espécie de “prova” de que faziam um trabalho sério.

Voltando à análise da matéria de Max & Rodrigo, com o conceito de *ethos* discursivo já contextualizado, ele aparece nitidamente também nos sertanejos do Litoral Norte. Max chega a afirmar que “não sabe se as portas se abririam para a dupla, caso não tivessem sido objeto de matéria em Estrelas da Periferia”. Porém, é improvável creditar todos os avanços que o sertanejo cita abaixo para a publicação da matéria.

Podemos dizer que já alcançamos muitos de nossos objetivos. Um dos exemplos disso é que temos uma média de 10 *shows* mensais, atualmente, e nossa música roda nas principais rádios do Rio Grande do Sul, em algumas do Brasil e também em uma emissora do Uruguai, em La Paloma. Hoje, somos reconhecidos em várias cidades por onde passamos, gravamos alguns programas de tevê, como o Jornal do Almoço da cidade de Rio Grande e lançamos uma canção com a produção do cantor, compositor e produtor Sandro Coelho, chamada Amor de Verão, que é composição inédita do Max. (RODRIGO [da dupla Max & Rodrigo], 2016)

Já a matéria que conta a história do MC Dino, da Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre, foi publicada em 1º de fevereiro de 2012. A matéria começa com um julgamento logo no título, que afirma: “MC Dino, um talento do *funk*”. Mais uma vez, como afirmado anteriormente, a reportagem não tem caráter opinativo nem de crítica musical, deveria apenas se ater aos fatos, sem julgamentos positivos ou negativos sobre o artista em questão.

Figura 10 – MC Dino

Estrelas da Periferia

MC Dino, um talento do funk



Em qualquer palco,
ele lança a sua rima

ANDRÉ FELTES

RESUMO DA NOTÍCIA

Artista começou a sua carreira fazendo shows na quadra da Academia Samba Puro. Hoje, comemora o convite para participar do Planeta Atlântida.

JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogaucha.com.br

A apaixonado por rimas de funk desde a infância, MC Dino começou a mostrar o seu trabalho em um dos redutos mais tradicionais do samba, na Zona Leste da Capital. O guri, hoje com 19 anos, apresentou as primeiras rimas na quadra da Academia Samba Puro, na Vila Maria da Conceição, aos 13 anos.

– A comunidade da Vila me acolheu, meus primeiros shows por lá foram inesquecíveis – relembra o MC.

Das quadras da agremiação para as festas em outros locais da cidade, foi um pulo. Dino sempre apresenta-se ao lado do DJ Mart, e eles têm comandado as quintas-feiras do Segredo, na Cidade Baixa.

Além de entrar no circuito noturno da Capital, Dino foi eleito pela Stuttgart, no fim de 2011, o melhor artista de funk, em uma eleição realizada pela cervejaria.

– Tenho conseguido um bom espaço – comemora o talento do Bairro Partenon.

● Já rola música na Cidade

O guri já conseguiu ter a faixa Chama as Mulheres executada no Expresso da Uma, com Maicon DJ, na Cidade (92.1 FM). A canção ganhará clipe em breve.

– Quero tudo de primeira. Participei do clipe do NovoExtima (em Velocidade 100) e achei que ficou muito benfeito. Quero seguir o exemplo deles – diz Dino.

E tem mais: ao lado de MC Jean Paul, ele fará uma performance no palco PagoFunk do Planeta Atlântida:

– Será um grande passo!

● Para participar da seção, mande um pequeno histórico de sua banda ou dupla, músicas em MP3 e um telefone de contato para jose.barros@diariogaucha.com.br ou via site www.diariogaucha.com.br/falecomodiarario

● O contato com MC Dino é via Twitter: @modino

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 1º de fevereiro de 2012, p. 18.

Claro que é possível, sim, encontrar dados que mostram que Dino, mesmo novo no cenário musical, teve bons momentos, como quando foi eleito o melhor funkeiro de 2011, em uma eleição promovida por uma casa noturna. Ou, ainda, quando a reportagem revela que ele participará de um dos palcos secundários do evento Planeta Atlântida, que reúne bandas nacionais na praia de Atlântida, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Mas o julgamento deveria ser feito pelos leitores, já que a matéria não chega a ser uma crítica musical. Dino revela que a exposição foi a primeira que teve em uma mídia que não a internet. E é possível notar que ele teve uma divulgação completamente

diferente da que estava acostumado, já que costumava fazer uma espécie de divulgação boca a boca, em festas ou diretamente pela internet.

A primeira vez que saí em uma mídia que não fosse de internet foi no *Diário Gaúcho*, em Estrelas da Periferia. Fora isso, sempre me divulguei pela internet ou pedindo para cantar de graça. Ou até levando também levando um CD com minhas músicas e pedindo pros DJs tocarem. (MC DINO, 2015)

Mais uma vez, os conceitos de Maingueneau se aplicam. Dino constitui um *ethos* discursivo, pois constrói sua imagem através de seu discurso, de certa forma excluído de um sistema, pois ele próprio faz toda a cadeia de produção musical. Ele compõe e grava suas músicas, o que é normal para um artista. Entretanto, no seu discurso, ele ressalta que para se divulgar pedia até para cantar de graça em eventos e ia a festas, com seu CD, pedindo que DJs tocassem suas músicas. Analisando a maneira com que Dino foi acompanhado depois de sua matéria em Estrelas da Periferia, notou-se que o MC teve um acompanhamento diferente por parte do jornal em relação a outros artistas analisados. Na edição de 24 de fevereiro de 2013, por exemplo, pouco mais de um ano da publicação de sua reportagem em Estrelas da Periferia, Dino foi um dos destaques de uma reportagem que apontava a chegada do *funk* “ostentação” a Porto Alegre, em uma matéria que ocupava uma página. A matéria constatava que o estilo do *funk*, popular no restante do país, começava a desembarcar na capital gaúcha, tendo como um de seus representantes, aqui, justamente Dino.

Por aqui, um dos representantes do *funk* ostentação é o jovem talento MC Dino, 20 anos, do Bairro Partenon. Ele sempre quis seguir os passos de nomes como 50 Cent, que há anos fala de mulheres, carros e joias em suas letras. O primeiro clipe de Dino, o da canção *Chama as Mulheres - Vem Pro Meu Harém*, foi gravado em casas noturnas e em um motel da Capital. Resume bem o que é o estilo ostentação: nele, Dino aparece cercado de belas mulheres, em um Audi TT, com muitas joias.

“Sempre gostei dos *rappers* norte-americanos que fazem esse som”, afirma Dino, na foto acima com Talita Ramos, Suelen Albuquerque, Carla Manzini e Luciana Rosa, as três últimas participantes do clipe. (BARROS, 2013).

Novamente, a matéria faz juízo de valor do cantor, ao defini-lo como jovem talento. Porém, já é possível notar que Dino apresenta evolução em relação ao funkeiro que foi apresentado na matéria de 2012. Equivocadamente, a matéria fala que o clipe do funkeiro tinha oito mil acessos, quando, na verdade, tinha 80 mil visualizações. A correção não foi feita na edição do dia seguinte. Esse número, conforme Mauri Grando, hoje empresário do ramo musical e que durante 30 anos foi comunicador da *Rádio Cidade* (92.1 FM), especialista no meio, é significativo.

Para o Dino, eu acredito que esse número foi muito bom. Porém, depois disso, ele teve um clipe que chegou a dois milhões (de visualizações). O meu parâmetro é que se o artista conquistar, em um clipe, mais de 50 mil, visualizações, está ótimo. 80 mil para um artista consagrado, é pouco. Mas 80 mil para um artista estreante, em 2013, era bastante. (GRANDO, 2016)

Embora Dino dê valor à reportagem feita com ele, não consegue definir o quanto a publicação de sua história em *Estrelas da Periferia* tenha influenciado para que seu clipe tenha atingido 80 mil acessos no YouTube, em 2013.

Para mim, mudou bastante coisa (depois da entrevista). De lá pra cá, tudo evoluiu muito, e sou muito grato pela oportunidade que me deram de aparecer quando ainda era anônimo aos olhos de todos. Quando eu fui objeto da segunda matéria, meu clipe já tinha 80 mil acessos. Então, não sei dizer se a primeira matéria ajudou a alcançar esse número. Depois, o clipe chegou a 600 mil acessos. (MC DINO, 2015)

Diferentemente da postura que teve com outros artistas, o *Diário Gaúcho* acompanhou a trajetória de Dino de maneira mais próxima. Em matéria publicada no dia 3 de março de 2015, o funkeiro anuncia a gravação de um clipe com locações em Capão da Canoa, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e em Jurerê Internacional, praia famosa por hospedar celebridades mundiais e concentrar ricos e famosos, em Santa Catarina. Na matéria, Dino revela que a gravação do clipe teve um investimento de R\$ 30 mil para a

locação de um avião, de um *jet ski* e de um iate, um valor significativo para um artista de periferia. Nesse momento, é possível notar uma evolução em um dos cases de Estrelas da Periferia.

Na primeira matéria, em 2012, Dino fazia *shows* de graça em quadras de escola de samba de sua comunidade. Na matéria de 2015, ele relata fazer de 10 a 15 *shows* mensais, com cachê, e não mais em eventos gratuitos, como em 2012, o que demonstra uma diferença significativa em seu *ethos* discursivo. Na matéria de 2012, ele aparecia sozinho, com uma parede ao fundo, e comentando sobre o começo de sua carreira, quando fazia *shows* na quadra de uma escola de samba da Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre. Já em 2015, a foto que ilustra a matéria traz duas meninas ao seu lado, em um cenário praiano. O *site* de Dino (mcdino.com.br) também reflete a mudança de *ethos* discursivo. O mesmo funkeiro que antes se divulgava de maneira gratuita em festas agora tem fotos em jatinhos, com mulheres e carros importados.

Já a matéria que foi publicada com o cantor Sandro Saldanha, que lidera o projeto John Folk, foi publicada no dia 23 de junho de 2014. Logo no começo, contém uma afirmação que não encontra sustentação, quando afirma que *folk rock* tem poucos representantes na Região Metropolitana de Porto Alegre, mas não entrevista alguém ou traz algum dado que sustente tal afirmação. Depois, a matéria segue um padrão das anteriores aqui analisadas, contando a história do artista, suas origens e seu trabalho.

Figura 11 – Sandro Saldanha

Estrela da
Prairie

Café, amor e folk! Servido?

RESUMO DA NOTÍCIA

Cantor de Canoas, que vem de uma família de sambistas, investe no folk rock e em composições próprias. Próximo disco sai em junho!

JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogaucha.com.br

O folk rock tem representantes de peso, como Bob Dylan e Neil Young, só para citar dois dos mais célebres. Mas, na Região Metropolitana, o gênero, que combina elementos de música folclórica com rock, ainda tem poucos adeptos. Mesmo assim, Sandro Saldanha, do Bairro Niterói, em Canoas, leva adiante a paixão pelo gênero, que, aliás, o faz seguir rumos diferentes do pai e do avô.

– Eles têm uma história no samba, integraram a escola Gigantes da Orfa, de Arroio do Sal. Até toquei em camavais, mas a minha praia é outra – diz o cantor.

Combinação que inspira

Seu sonho sempre foi ter uma banda de folk inspirada nos gíngos. Daí, surgiu John Folk, projeto ao qual se dedicou inteiramente.

– Antes de colocar na rua, fiquei cerca de dois meses compondo. Saíram 40 músicas, material para uns cinco discos – recorda.

Em fevereiro, Sandro abriu o show da banda Acústicos & Valvulados, em Arroio do Sal. No dia 17 de maio, apresenta-se em Canoas, no Boteoco Pau Brasil.

A inspiração vem de dois temas bem populares: café e amor. O café, para o músico, virou fonte inesgotável para as suas composições.

– Todo mundo ama, e todo mundo toma café. Se acordo cedo e tomo um café, parece que a inspiração vem mais fácil, tudo funciona. E amor é fundamental – afirma.

Não à toa, o seu primeiro EP, que será lançado em junho, tem entre as faixas Caféina, Café Gelado e Despedida:

– Todo mundo se identifica!

Sandro caiu na estrada



Pitaco de quem entende

Carmen Dubben
analisa o trabalho de Sandro Saldanha:

– Gostei muito da música, da linguagem simples e objetiva que ele traz na faixa Caféina. Relata uma situação do dia a dia das pessoas, faz refletir, é muito interessante. Parabéns, Sandro, sucesso!

Mostre aqui seu trabalho!

- Para participar da seção, mande um pequeno histórico da sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 e um telefone de contato para jose.barros@diariogaucha.com.br.
- Para falar com Sandro, ligue para 8539-3852.

Ouça um trecho da música Caféina em diariogaucha.com.br/escuteaessa

ANDRÉ 192.735

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 23 de abril de 2014, p. 13.

O Pitaco de Quem Entende foi feito pela cantora Carmen Dubben, que não é muito crítica em sua avaliação, tecendo elogios ao cantor. A história do músico, porém, é um pouco diferente das demais analisadas neste trabalho. Depois de ter saído na seção, Sandro abriu o *show* do inglês Jake Bugg, em Porto Alegre, e levou, na função de produtor, a banda Fire Department Club para uma turnê nos Estados Unidos. Sandro afirma que organizadores do festival o procuraram, devido aos bons resultados obtidos com a John Folk. Porém, não parece haver uma relação direta entre a publicação da matéria e algo tão grandioso como uma turnê nos Estados Unidos, até porque o cantor atribuiu muito de sua evolução aos seus próprios méritos e disse que as coisas

aconteceram rápido para ele, em mais uma demonstração de como ele se enxergava pelo *ethos* discursivo.

Não posso mentir que não imaginava tal velocidade. Sou muito otimista e tenho muita crença. Acredito no foco e no planejamento. Por ser "hiperativo" (não diagnosticado) eu espero que tudo seja para ontem. Trabalho todos os dias como se fosse o meu último dia da vida. Sou *workaholic* por opção. (SALDANHA, 2015)

Já no que se refere à abertura do *show* de Jake Bugg, Sandro credita, em parte, aos resultados que teve após ter sua matéria publicada em Estrelas da Periferia.

A publicação da matéria elevou as expectativas do lançamento, gerou uma grande curiosidade do público em geral e incentivou a mídia em apostar numa nova banda. A matéria abriu muitos espaços, a usei como portfólio para me divulgar. (SALDANHA, 2015)

Mesmo não sabendo quantificar, o cantor afirma que a matéria da qual foi objeto no *Diário Gaúcho* teve um peso importante no seu crescimento.

Desde o começo pensei em levar minha música ao lugar mais longe possível, sabendo que necessitava do apoio da grande mídia de rádios, jornais e TV para alcançar este feito. Sei de toda dificuldade de se construir uma carreira artística, mas acredito que sempre haverá espaço para novos artistas que lutam e vão atrás de seus sonhos. Dois anos se passaram e muita coisa mudou. Acredito que ela realmente fez parte do meu crescimento profissional. Um tijolo importante nesta construção diária. A exposição na mídia fomentou outros canais, atraiu o público e o reconhecimento do trabalho. (SALDANHA, 2015)

Em março de 2010, foi publicada a entrevista com o Grupo do Bola, de Gravataí. A matéria é mais curta, o *box* Pitaco de Quem Entende ainda não existia e o áudio publicado no *site* do jornal é bem precário, dificultando um conhecimento melhor da música do grupo. Em linhas gerais, a matéria segue o mesmo formato das demais, contando a história dos grupos. Utiliza-se, porém, de uma expressão entre as aspas no título, afirmando que o pagode do grupo é “firmeza”. Na linha de apoio, afirma que o Grupo do Bola faz música de

qualidade, informação que, de certa forma, é justificada no texto, afirmando que tal qualidade se deve ao fato de eles usarem uma gama variada de instrumentos. Na época, o grupo já tinha uma boa penetração na sua região, o Bairro Morada do Vale I, em Gravataí. Saimon, vocalista do grupo, comenta sobre a repercussão na cidade após a matéria:

Na questão de *show*, não mudou muito, não e a reportagem não mudou nossa vida. A gente já fazia bastante *show*, naquela época. O que mudou muito para nós foi a questão de ser conhecido. “Bah, aquele grupo lá de Gravataí, os guris tão no jornal”. Normalmente, ninguém conhece o rosto dos grupos de pagode. A repercussão aqui em Gravataí foi muito boa. A gente sempre foi muito dedicado, foi um troféu, todo mundo ficou feliz. Me lembro que na época eu fazia um estágio no Hospital Cristo Redentor, e tinha um mural em um dos setores. Quando a matéria saiu, a minha chefe ia de setor em setor para mostrar que a gente tinha saído no *Diário Gaúcho*. Foi nosso primeiro contato com jornal, com mídia. Inclusive, emolduramos essa matéria na minha casa. No dia que a matéria foi publicada, o jornal se esgotou em uma padaria que fica perto da minha casa (SAIMON [do Grupo do Bola], 2014)

Novamente, o *ethos* discursivo aparece na entrevista de Saimon. Mesmo dizendo que o grupo já fazia *shows* de maneira regular antes de ter a matéria publicada em Estrelas da Periferia, ele demonstra como o grupo se via em seu discurso, ao afirmar que o Grupo do Bola tinha dinheiro para gravar apenas uma música, ou que, na época da matéria, o grupo emoldurou a reportagem, mostrando que a banda estava à margem, sem espaço para divulgação e com dificuldades, pois tinha recursos para gravar apenas uma canção. Além disso, o *ethos* aparece novamente quando Saimon diz que a matéria trouxe reconhecimento aos músicos, deixa claro o discurso que queriam, além de gravar um CD, fazer *shows* e conquistar o reconhecimento de sua cidade, seu bairro, seus amigos. Esse reconhecimento passou a existir por uma espécie de chancela de uma exposição midiática.

Figura 12 – Grupo do Bola

Estrelas da Periferia

Pagode "firmeza" é na Morada do Vale!

RESUMO DA NOTÍCIA

GDB faz som de qualidade há dois anos, mas reclama da falta de espaço para o gênero nas casas noturnas da região onde os músicos moram: Gravataí.

JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogaucha.com.br

Djonatan (percussionista), Shander (banjo), Róbson (cavaco), Leonardo (tambá), Igor (reco-reco e percussão), Mateus (pandeiro a voz), Marcelo (violão) e Bola (surdo e percussão) formam o Grupo do Bola, o GDB, da Morada do Vale I, em Gravataí. O pagode tocado pela banda é mais sofisticado, tem mais variedade de instrumentos, mas, ainda assim, eles

sentem falta de mais espaço para mostrar o seu talento pertinho de casa.

– As casas noturnas daqui não prestigiam muito o pagode. E mais fácil tocamos em Porto Alegre ou no Interior – diz Djonatan.

● **Eles estão na investida**

Na hora de definir o som que o GDB faz há dois anos, surge uma expressão curiosa entre eles: "pagode firmeza".

– Não abrimos mão das raízes. Mas tocamos o que o povo gosta – conta Bola sobre as músicas: – Estamos apostando nas faixas Essa Morena e Não tô de Bobeira. O público pede direto em shows.

Da esquerda pra direita: Igor, Leo, Djonatan, Bola, Mateus, Shander, Robson e Marcelo

● MOSTRE SEU TALENTO AQUI!
– Para participar da seção, mande e-mail para jose.barros@diariogaucha.com.br ou via site www.diariogaucha.com.br/falecomodiario

Acesse www.diariogaucha.com.br/ escutaessa e confira o GDB cantando a música *Essa Morena*

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 23 de março de 2010, p. 14.

Quatro anos depois, o Grupo do Bola foi selecionado para participar do *reality show* musical *SuperStar*, na TV Globo. O curioso, nesse período, foi notar que o Grupo do Bola não foi massivamente acompanhado pelo jornal. Já quando foi selecionado para o programa da TV Globo, passou a ter um acompanhamento intenso, com matérias semanais, por conta das etapas que o grupo passou no programa, e até com uma abordagem diferente, um pouco mais ufanista, como quando o grupo foi selecionado para o programa e, depois, quando foi publicada a notícia de que o grupo havia sido presenteado com o primeiro ônibus da banda, em uma iniciativa do empresário dos pagodeiros.

Figura 13 – Ônibus Grupo do Bola



As fãs vão fazer fila para ganhar uma carona

FÁCEBOOK/REPRODUÇÃO

Vamos de ônibus!

Se o SuperStar foi uma vitrine para as bandas que participaram do programa, o Grupo do Bola agora tem mais um motivo para cair na estrada com seu show. Isso porque, na sexta-feira, a banda gaúcha foi surpreendida com uma novidade por seu empresário.

– Quando a gente viu, chegaram com o ônibus buzinando. Está adesivado com a nossa foto – contou o vocalista Saimon Kovalsky ao Diário.

Apelidado carinhosamente de Bola Móvel, o ônibus será usado na turnê da banda, que começou na semana passada, com um show no Bar Opinião, em Porto Alegre. **(CAROLINA ROCHA)**

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 14 de julho de 2014, p. 19.

Figura 14 – Grupo do Bola SuperStar



Gaúchos fizeram bonito

GRUPO DO BOLA EMPOLGOU O PÚBLICO E OS JURADOS

Em mais uma etapa do SuperStar, a gauchada do Grupo do Bola garantiu, na noite de ontem, vaga para a próxima fase do programa.

Nove bandas se apresentaram e apenas uma foi eliminada, a Melody, de Porto Alegre com 49%. A banda, com o trio de vocalistas Alina, Taisi e

Maitê, interpretou a faixa Emotions, da banda Bee Geese.

Já os pagodeiros do Grupo do Bola, de Gravataí, comandados pelo carismático vocalista Saimon, apostaram na canção Garotota Nacional, do Skank, e alcançaram 62% dos votos. No próximo domingo, oito bandas seguem na disputa.

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 9 de junho de 2014, p. 19.

Figura 15 – Grupo do Bola SuperStar II

Gravataí com moral no SuperStar



Grupo do Bola com Fernanda Lima: bah!

Tem pagode de Gravataí no SuperStar: o Grupo do Bola. Fazendo uma homenagem a

Charlie Brown Jr. e a Chorão, morto em 2013, a turma está na próxima fase do programa.

Com integrantes da Morada do Vale I, de Gravataí, o grupo esteve na seção Estrelas da Periferia do *Diário Gaúcho*, em 2010. Liderados pelo vocalista Saimon, os pagodeiros soltaram a voz em uma inusitada versão de Papo Reto. Fábio Jr., como jurado, empolgou-se: – Moçada, mandou muito bem! Mas o Grupo do Bola ficou com Dinho

Ouro Preto como padrinho. No palco, Saimon comemorou: – Provamos que tem samba no Sul!

O assunto já foi notícia no Diário



23/3/2010

Fonte: *Diário Gaúcho*, 15 de abril de abril de 2014, p. 17.

É possível notar a diferença de tratamento que o jornal dispensa ao grupo depois da participação no programa, que deixou os músicos de Gravataí conhecidos no restante do Brasil. O vocalista, porém, não credita ao jornal, diretamente, e à matéria publicada a ida para o *SuperStar* ou o começo do sucesso. Segundo Saimon (2016), o grupo foi selecionado para o programa por meio de olheiros espalhados pela internet, que assistiram a alguns clipes do Grupo do Bola no YouTube e se interessaram pelo trabalho dos gaúchos. Mais uma vez, é possível notar que a matéria teve uma espécie de importância social, de reconhecimento para os pagodeiros, mas não diretamente resultados práticos, que pudessem ser medidos.

A matéria acaba sendo algo a mais. Já vi grupo que não conseguiu se sustentar no mercado, mesmo depois de ter saído em grandes jornais ou revistas. O que sustenta é a divulgação dia a dia, gravação de bons clipes, boa produção, organização, uma turnê forte de *shows*. Claro que uma matéria em um grande jornal é importante, mas o grupo tem que saber levá-la adiante. Ela, sozinha, não resolve. (SAIMON, 2016)

Segundo matéria publicada em outubro de 2014, o grupo, após a participação no *SuperStar*, passou a fazer *shows* em lugares que nunca havia feito, como São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, e passou a ter um acréscimo de qualidade em questões técnicas nas apresentações, conforme afirma o vocalista Saimon, em entrevista ao jornal, no dia 27 de junho de 2014:

Não só aumentaram os *shows*, mas a qualidade deles, em estrutura de palco, som, luz, iluminação. E a reação do público também. Antes, a galera curtia nosso som, dançava, cantava. Mas agora, tem gente que grita, esperneia, até chora, coisa de fã mesmo (SAIMON, 2014)

Em outra entrevista, em junho de 2014, o vocalista afirma que o Grupo do Bola virou uma banda nacional.

O grupo sempre teve uma boa quantidade de *shows*, não podíamos reclamar. Mas a gente ficava naquele circuito Cidade Baixa e Região Metropolitana. O que mudou é que, antes, éramos uma banda local. Agora, somos nacionais. (SAIMON, 2014)

Um dos grandes momentos do grupo foi em janeiro de 2015, na praia de Tramandaí, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, se apresentando para um público de 80 mil pessoas, na beira da praia. Na época, o feito já ganhou divulgação de meios de comunicação do país, como o *site* Gshow, do grupo Globo de Comunicações.

Figura 16 – Grupo do Bola no Gshow

Grupo do Bola grava primeiro DVD e recebe público de 80 mil pessoas

O lançamento do DVD está previsto para início de março

Sabrina Morais
Do Gshow, Rio

10/02/2015 às 08h31
Atualizado em 10/02/2015 às 08h31



Fonte: MORAIS, 2015.

Figura 17 – Grupo do Bola no Gshow II

"Se eu quiser tudo pode acontecer", é com essa frase que Simon, vocalista da banda, inicia a conversa com o site do **SuperStar** ao se referir à gravação do primeiro DVD do **Grupo do Bola**. O ano não poderia começar melhor! Desde a participação no programa, os meninos vêm colhendo ótimos frutos, e para a banda é apenas o começo de muitas coisas boas que estão por vir. Entre shows, eventos e viagens veio a realização de um grande sonho: a gravação do DVD. "Muita alegria poder construir e realizar esse sonho junto de pessoas que eu amo, foi uma noite de muita música, emoção e festa", comemora o percussionista Léozinho.



Fonte: MORAIS, 2015.

Em março de 2011, a seção Estrelas da Periferia ganhou espaço na *Rádio Cidade* (92.1 FM), também do Grupo RBS. Semanalmente, nas terças-feiras, das 12h às 13h, dentro do programa, os mesmos artistas que naquele dia tinham sua história contada nas páginas do *Diário Gaúcho* ganhavam espaço na rádio, segunda colocada, na época, na audiência, segundo o Ibope, no segmento FM, na Região Metropolitana.

Durante o programa, os artistas tinham trechos de suas músicas executadas ao vivo e os ouvintes também podiam conhecer um pouco de suas histórias. Neste ponto, notou-se outro problema. Como os áudios dos artistas, muitas vezes, não tinham a melhor das qualidades (alguns eram até caseiros), a execução na rádio foi uma iniciativa que não gerou os resultados esperados.

A *Cidade*, acostumada a executar músicas com boa qualidade sonora, exigia que as gravações também tivessem.

Com esse problema, foi possível notar que a seleção de artistas passou a ter um foco maior na qualidade da gravação da música do artista e em gêneros que tivessem ligação com a rádio. Nesse ponto, é importante situar que a *Rádio Cidade* e o *Diário Gaúcho* têm alguma similaridade no que diz respeito ao público, mas não dividem 100% o mesmo segmento.

Alguns exemplos: gêneros como *funk*, *pop*, pagode e samba tocavam na rádio e tinham espaço na seção Estrelas da Periferia. Porém, ritmos fortes como baile, sertanejo e música nativista não tinham espaço na programação da emissora. No período de março de 2011 a janeiro de 2012, portanto, esses gêneros foram praticamente excluídos de matérias da seção Estrelas da Periferia, prejudicando músicos e simpatizantes dos gêneros.

A partir da matéria publicada no dia 1º de maio de 2012, houve outra alteração na seção. Até então, quem estivesse interessado em contratar, por exemplo, o artista ou dupla que tinha sua história contada ali não tinha como fazer contato com ele. A partir deste dia, passou a ser publicado um número de telefone de contato do artista. Neste momento, é possível notar certo assistencialismo da matéria em relação ao entrevistado e ao leitor. Como lembra Amaral (2006), o músico parece ser uma espécie de vítima, que precisa ser ajudada, embora, ressalte-se, a autora faça essa análise com uma leitora que, pelo *Diário Gaúcho*, pediu uma festa de aniversário de 15 anos e acabou ganhando de um doador.

Desta forma, o jornal (e a seção), além de dar um espaço generoso para um artista em início de carreira, ainda publica um número de telefone para que os interessados entrem em contato com o artista – além do *e-mail* do jornalista que assina a matéria, o que já seria suficiente, caso o leitor, ou contratante, tivesse interesse de contatar o músico ou banda.

Outra mudança, acontecida na matéria publicada no dia 24 de abril de 2012, é a instituição de uma espécie de *box*, intitulada Pitaco de Quem Entende, já citada. O objetivo da iniciativa, segundo a editora de Variedades,

Flávia Requião, era dar maior credibilidade para a matéria e, conseqüentemente, ter uma avaliação externa mais rigorosa de fontes do meio musical. Em cinco linhas, o especialista consultado dá sua opinião sobre a música ou vídeo do artista que lhe foi enviado pelo repórter responsável pela seção, via *e-mail*. A estreia foi de um produtor ligado ao meio musical, que avaliou o trabalho da dupla Marcus & Fabiano.

Figura 18 – Pitaco sobre Marcus & Fabiano

**Estreias da
Parfenia**



O sonho de cantar sertanejo!

RESUMO DA NOTÍCIA

Marcus e Fabiano saíram de uma banda de baile e criaram a sua dupla sertaneja. A ousadia tem dado resultado: agenda de shows é concorrida.

OSÉ AUGUSTO BARROS
www.diariogaucha.com.br

Desde a época em que inauguraram a Banda Múlia – de 2005 a 2009 –, conhecida por apresentar-se em bailes do Povo Alegre e Flopêlo Meridional, os amigos de infância Marcus e Fabiano tinham o sonho de formar uma dupla sertaneja. Com o tempo, amadureceram a ideia e, em 2009, saíram da banda e mudaram de gênero musical.

– Sempre falávamos sobre nossas gostas e tentávamos o achávamos que nos complicaríamos no palco. Logo no

começo, o público nos aceitou bem – comenta Marcus, morador do Bairro Santa Fé, em Gravataí.

A dupla já conseguiu alcançar a média de 15 shows mensais, em casas como Alameda, em Novo Hamburgo, Voltano, em Cachoeirinha, o Sagrado, na Capital.

– Nosso sonho era investir no sertanejo. Temos sorte, porque o ritmo virou uma febre, todo mundo quer. Somente no noite de domingo passado, tocamos em quatro lugares diferentes! – comenta Fabiano, do Bairro Rio Branco, em

UM PITACO DE QUEM ENTENDE

Quase, da dupla com Caion, é o comitê desta semana para dar o seu pitaco sobre o trabalho de Marcus & Fabiano:

– Já tive a oportunidade de ver o show em formato acústico. São cantabilidades e fazem com o que o público se sintá à vontade nas suas apresentações. Quanto às músicas, estão bem acentos às

Cachoeirinha.

● **Mus. brn. canções próprias**

A influência musical de Marcus é familiar. Seus pais gostam do gênero e um só é cantar sertanejo.

– Desde desde pequeno e o sonho era formar a dupla, seguir no sertanejo – relembra Marcus.

Nos shows, a dupla faz um misto de canções de nomes como Chacabinho & Xororó e Fernando & Sorocaba.

– Nosso show é nosso CD, que está quase pronto, são um mix disso. Mesuram o novo com o antigo – relembra Marcus.

O disco terá canções próprias como Cabo de Vinho e Ai, Que Saudade me Dá. E o primeiro DVD será gravado até o fim de 2012.



Marcus (de esquerda) & Fabiano

www.diariogaucha.com.br

Confira a performance da dupla em www.diariogaucha.com.br/marcusfabiano

● Para contatar Marcus & Fabiano, ligue para o telefone 9220-3001.

● Mostre o seu trabalho, de sua dupla ou grupo nesta seção. Mande um paguinho histórico, músicas em MP3 e um telefonema de contato para o e-mail barros@diariogaucha.com.br.

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 1º de maio de 2012.

Entre 2013 e 2014, os “pitacos” mostraram alguma originalidade, trazendo nomes nacionais que opinassem sobre artistas locais. Porém, antes e depois deste período, notou-se uma repetição muito frequente nos músicos e especialistas na área que eram chamados a opinar, o que não colaborou na pluralidade de opiniões sobre os artistas iniciantes. Um exemplo é a participação frequente, quando o assunto é *funk*, de MC Jean Paul. Em seus “pitacos”, como o reproduzido abaixo, no qual deu sua opinião sobre a funkeira MC Dudinha, ele mais elogia a jovem cantora, de apenas 14 anos, do que aponta pontos fracos e sugere melhorias. Por atuarem no meio musical local, a impressão que fica é que os músicos têm receio de omitir opiniões mais fortes, por, muitas vezes, conhecerem o novo artista em questão, mesmo com a nítida falta de qualidade de alguns músicos.

Figura 19 – MC Dudinha



JOSÉ AUGUSTO BARROS
jose.barros@diariogaucha.com.br

Eduarda Vanzin, a MC Dudinha, é um ótimo exemplo de como a internet tornou-se um grande meio para a divulgação de trabalhos musicais. Com somente 14 anos, a guria da Vila Monte Cristo, no Bairro Vila Nova, na Zona Sul da Capital, gravou o seu primeiro vídeo, da

música Rolê de R1. Ela postou o clipe há dois meses no facebook, e ele tem mais de 6 mil curtidas.

● **A mãe dá o maior incentivo para a filha**

Incentivada por amigos, Dudinha, que é fã do funk ostentação, gravou a primeira faixa – Vem, Novinho – e começa a

colher frutos: já fez shows na Fami's, na Capital, em Esteio e na sua comunidade. Em novembro, ela apresenta-se com MC Dino, que já brilhou nesta seção e é um dos principais nomes do gênero, no Estado.

– Tá acontecendo tudo muito rápido! – diz ela.

Ao lado do DJ Jean, que a acompanha nos palcos, Dudinha tem proposta para fazer show em

Minas Gerais. Andréia, a mãe da artista, está sempre por perto da filha e atenta:

– Vou com ela nos shows, dou incentivo!

Entre os planos da menina, que é fã de MC Pocahontas, estão gravar mais músicas, que já foram compostas, e aparecer no cenário funkeiro nacional.

– Não há muitas funkeiras, é um diferencial – aposta a jovem.

Pitaco de quem entende

MC Jean Paul
fala sobre MC Dudinha:
– Ela é a voz das mulheres no funk ostentação, que está em alta. Dudinha tenta um lugar ao sol e está conseguindo, fazendo shows pela região. A música Vem, Novinho foi produzida pelo DJ Mart, um dos maiores produtores de funk da atualidade. Dentro dessa linha, ela está no caminho certo.

● Para participar da seção, mande um pequeno histórico da sua banda, dupla ou do trabalho solo, músicas em MP3 e um telefone de contato para o e-mail jose.barros@diariogaucha.com.br ou via site diariogaucha.com.br, no link Fale com o DG.

● Para falar com MC Dudinha, ligue 8542-5965.

Em diariogaucha.com.br escuta essa, ouça um trecho da música Vem, Novinho

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição de 30 de outubro de 2013, p. 15.

Outro problema encontrado nas análises é que, em suas opiniões, os músicos davam mais mensagens de apoio do que dicas e críticas aos estreantes para que estes pudessem evoluir e para que a matéria evoluísse como um todo. Notam-se elogios e pequenas dicas, parecendo mais uma característica do assistencialismo, como já referido antes com Amaral (2006). Problema esse identificado pelos editores do jornal, conforme apurado em entrevistas:

Acredito que esse seja um dos pontos que a seção apresente problemas. Muitas vezes, não sei bem se por receio, se por conhecerem os músicos locais ou para não “se queimar”, os convidados do Pitaco de Quem Entende acabam sendo condescendentes, e não fazem aquela crítica, que pode expor problemas do artista em questão, a crítica construtiva. (REQUIÃO, 2016)

Até 2014, notou-se uma boa divisão entre os gêneros nas matérias publicadas. Por se tratar de um jornal popular, era de se esperar que gêneros como *funk*, pagode e sertanejo aparecessem com maior frequência. Porém, a boa frequência de grupos de *rock*, que, em uma espécie de censo comum, não é um ritmo comum na periferia, surpreendeu os editores.

Porém, depois disso, o *funk* parece ter dado um salto à frente, com algumas histórias semelhantes e artistas, de certa forma, repetidos. A proporção de matérias de *funk*, neste momento, chega a duas matérias deste gênero por uma dos outros. As histórias, geralmente, são muito parecidas. Contam a trajetória de meninos de periferia, que moram em locais assolados pela criminalidade, que sonham com o sucesso e com a riqueza, a exemplo de funkeiros de sucesso como MC Guimê, com canções de *funk* “ostentação”.

Mesmo com esse predomínio do *funk*, é interessante constatar que gêneros que, geralmente, não são associados a núcleos de periferia, como o *rock*, apresentam um número interessante de representantes em bairros periféricos. Entre 2015 e 2016, por exemplo, o bairro Lomba do Pinheiro, tradicional reduto de grupos de pagode e de funkeiros, “revelou” aos leitores três grupos de *rock*. Conforme Requião (2016), “não existe, e nem deve existir,

preconceito para que os leitores sejam surpreendidos ao saber que existem bandas de *rock* no Rubem Berta ou na Lomba do Pinheiro, por exemplo”.

Figura 20 – Rock Santo Forte

NA LOMBA DO PINHEIRO, O SANTO DO **ROCK** É FORTE!

Banda investe em um som mais leve para dar outras opções à comunidade, além dos predominantes funk e pagode.

A Lomba do Pinheiro, na Zona Leste da Capital, tem por tradição revelar grupos de pagode e funkeiros. Mas foi nesse cenário, tentando apresentar uma proposta diferente, que surgiu a Rock Santo Forte, em 2011.

– A gente sabe da predominância destes gêneros aqui. Mas, com todo o respeito e sem nenhum tipo de discriminação, não podemos subestimar o público. Muitas vezes, o cara curte aquele tipo de som porque é o que o meio oferece. Por isso, resolvemos tentar o rock na periferia – afirma o vocalista JC.

Postura

O grupo mantém, na Lomba, um estúdio de onde saem suas canções. Para JC, um dos motivos que levaram a turma a conquistar a simpatia da comunidade é o som mais leve e uma postura menos agressiva.

– Quando se pensa em rock, se imagina aqueles caras loucoes, de preto, gritando no palco. Nossa linha é outra, um rock mesclado com pop, estilo Titãs – define

o músico.

Em 2011, eles já tocavam juntos, mas ainda sem uma banda oficialmente constituída. Quando decidiram levar o projeto adiante, começaram a pensar no nome. E esse início foi marcado por perrengues.

– Uma vez, furou o pneu do carro a caminho do show, mas chegamos a tempo. Em outra, o amplificador estragou, mas também conseguimos resolver. Dai, pensamos: “Está aí um nome legal, já que temos um santo muito forte (risos)” – relembra JC.

Tocando em eventos beneficentes da Lomba e em casas da Região Metropolitana, a Rock Santo Forte tem 18 canções próprias, como Acreditei, com uma letra bem atual:

– Foi composta para esse momento que vivemos no país, de não desistir, apesar das dificuldades e de acreditar nos sonhos.

Ainda integram a banda Beto (bateria), Ricardo (baixo) e Dudu (guitarra).



JC, Beto, Ricardo
e Dudu vêm com tudo

Pitaco de Quem Entende

Barbosa Jr., produtor musical, dá o toque para a galera da Rock Santo Forte e faz suas ponderações:

– Ouvi Dia Nublado e Acreditei. São músicos de qualidade, mas precisam investir em letras que tenham uma identificação com o público. Achei a de Dia Nublado um pouco confusa. Já Acreditei é melhor, tem uma identidade bem legal e muito potencial.



Barbosa

Participe também!

/// Para falar com a Rock Santo Forte, ligue para 9190-5906.

/// Em diariogaucha.com.br/retratosdafama, confira a performance da banda em vídeos.

/// Se quiser brilhar na seção, mande um histórico da sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 ou clipe e um telefone de contato para jose.barros@diariogaucha.com.br.

Fonte: *Diário Gaúcho*, edição 19 de julho de 2016.

Figura 21 – Absinto



TADDEU VILANI

Grupo, que tem integrantes de Viamão e da Lomba do Pinheiro, começou fazendo cover da Tequila Baby. Hoje, investe em um rock pesado, no bairro dominado pelo funk.

Formado em 2006, na Lomba do Pinheiro, o grupo Absinto – a Fada Verde nasceu da paixão dos integrantes por uma banda que é símbolo do rock pesado feito no Rio Grande do Sul: a Tequila Baby. Os primeiros três anos do grupo foram dedicados a releituras dos roqueiros famosos.

– A Tequila era nossa influência, e a nossa ideia era fazer covers e releituras. Uma vez, fizemos show com o Duda Calvin (vocalista da Tequila), na Cidade Baixa. Foi demais – relembra Dieison Barres, vocalista da Absinto, que, atualmente, também tem integrantes de Viamão.

Na época, recordam os músicos, a Lomba era um

celeiro de bandas de rock, coisa que não se repete nos dias atuais, quando o cenário é outro.

– Aconteciam pequenos festivais, nos finais de semana, na Lomba, com bandas de rock daqui. Hoje, o funk predomina – constata Jean Carlos, baixista do grupo.

Amadurecimento

Com os covers, o grupo começou a chamar a atenção do circuito roqueiro da Capital, e passou a ampliar seu repertório. Rapidamente, dedicaram-se a releituras de grupos como Replicantes, Ratos de Porão e Legião Urbana. Até que, aos poucos,

introduziram canções próprias, compostas de maneira coletiva pelos integrantes, como Anarquia Consciente e Protesto.

Com a expansão do funk na região, o cenário roqueiro na Lomba ficou restrito. Mesmo assim, a agenda de shows continua boa: no sábado passado, apresentaram-se na Cidade Baixa. No dia 12, tocarão em Viamão, e, no dia 19, em Tapes.

– A banda amadureceu, e a mistura de influências de cada integrante fez bem ao grupo. Acreditamos no nosso som e



Roqueiros famosos

foram a motivação

no rock de qualidade – afirma Dieison, orgulhoso.

Ainda integram a Absinto – a Fada Verde Jean Clauber (guitarra), José Augusto (guitarra) e William Ramos (bateria).

Pitaco de quem entende

Markinhos, vocalista do grupo Virus do Samba, fala do grupo Absinto:

– Rock pesado de muita qualidade! Boa harmonia, e o vocalista é bom demais! Tem uma trilha de anos 80 e 90 com uma pegada de rock atual. Parabéns, muito sucesso!



Mostre o seu trabalho!

/// Para falar com a Absinto, ligue para 8464-8109.

/// Para participar da seção, mande um pequeno histórico da sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 ou clipe e um telefone de contato para jose.hamos@diariogaucha.com.br.



Em diariogaucha.com.br retratosa fama, ouça a canção Anarquia Consciente.

Os editores acreditam que, além de uma função enquanto jornal, a seção cumpre algo social ao dar espaço para esses artistas:

Eu acho que até o jornal tem até um papel social nesse sentido. A gente está falando em periferia, mas parte boa da periferia, de gente da periferia sair num espaço positivo do jornal, e não na editoria de Polícia. Tu fala de coisas boas que estão sendo produzidas na periferia. E o jornal dá uma baita vitrine para essas pessoas, tanto no impresso quanto no site. A partir disso, podemos ajudá-lo a sair de um reduto de criminalidade, por exemplo. A música pode abrir portas para ele. (REQUIÃO, 2016)

Thomas (2015) vai mais adiante e afirma que “os cantores, bandas e duplas jamais teriam espaço se não fossem as reportagens do *Diário Gaúcho*”.

Sete anos não é pouco tempo, ainda mais em um jornal de grande circulação, como o *Diário Gaúcho*, um “canhão”. Então, com tanto tempo assim, e sabendo que a seção ganhou relevância junto aos leitores, com esse papel social, e de dar espaço para novos grupos, a seção deve estar sempre se reinventando. Esse é um dos desafios para 2016, ainda, ou 2017: o que podemos fazer de diferente? Ela já ganhou espaço no site, na contracapa. Mas o que pode ser diferente? (REQUIÃO, 2016).

Em 2014, outra mudança em Estrelas da Periferia: a seção passa a ocupar a contracapa do jornal, em um espaço maior que o anterior. Requião (2016) explica que essas mudanças tornam o desafio de manter a seção no jornal ainda maior. Entre 2014 e 2016, foi possível notar uma melhoria na apuração e no rigor de algumas matérias. Por exemplo, a reportagem publicada com o grupo Amigos do Santo, de Alvorada, publicada no dia cinco de abril de 2016, embasa os avanços do grupo que a chamada anuncia: “Pouco tempo de estrada e já muito a comemorar”. Ao analisar a matéria, é possível notar que, mesmo com pouco tempo de “estrada”, o grupo já apresenta números de avanços significativos, como, por exemplo, já ter feito *shows* em São Paulo e ter regravado uma canção do músico paulista Oscar Tintel, conhecido no meio do pagode. O grupo, ainda, anuncia que gravará seu primeiro CD naquela semana.

Figura 22 – Amigos do Santo

POUCO TEMPO DE **ESTRADA** E JÁ MUITO A COMEMORAR

Grupo Amigos do Santo, de Alvorada, foi formado há três meses, mas fez show em São Paulo e gravará seu CD neste domingo.

Com integrantes do Bairro Paredão do Foinj, em Alvorada, o grupo Amigos do Santo, em pouco tempo de estrada, já chama a atenção na região. Formada a partir de uma ideia do produtor Richard Duarte e do seu vocalista, Mathheus Moreira, com músicas de repertório no pagode, a banda, both pouco mais de três meses de formação, conseguiu alguns toques dignos de artistas com anos de estrada.

— Já fazemos show em São Paulo, abrimos para o grupo Pedrinho Bts. E o nosso clipe, que vai ser gravado nesse semestre, será de uma faixa de Oscar Tintel, a música 'Tou Amor' — revela Mathheus, empolgado.

Com essas credenciais, a turma dos Amigos do Santo corregiol bom em um mercado concorrido. Em média, os pagodeiros têm foto de 100 e 12 shows mensais, sendo que o principal é no local que

deu origem ao nome do grupo.

— Quando montamos a nossa formação, alguns integrantes estavam parados. Ai, criamos a banda da casa do Santo Botoquim, um bar aqui de Alvorada — explica Mathheus.

Promete

Investindo em um pagode inspirado em nomes como Imaginasmba e Samba Livre, cujo hit 'Batainar' é um dos destaques do repertório dos

Amigos, o grupo já prepara a gravação do seu primeiro CD, neste domingo, no Santo Botoquim. Além de releituras dos ídolos, eles incluíram a faixa própria 'Se Liga Ai'.

— Será um bazo importante: gravar um CD e incluir as nossas músicas — ressalta o vocalista.

Ainda integram a banda Cristiano Santana (trabalto), Carlos Caetano (pandeiro), Vitor Lacerda (percussão) e Carlos Henrique (saxto).



Bateria agilizada
come na frente

Pitaco de Quem Entende

Nards, do Zueira, curtiu o som dos Amigos do Santo:

— Tem um cantor bom e um futuro promissor. A percussão mista pagada. Eles tocam holandinho, é a harmonia é melhor ainda. Acredito neles. Acho que, em pouco tempo, serão uma assessoria legal. Uma dica é misturar no trabalho autoral e gravar uma música para dar uma avançada. Recomendo!



Nards

Mande seu trabalho e apareça por aqui!

¶ Para falar com os Amigos do Santo, ligue para 0169-0120.

¶ Em diariogaucha.com.br/formasdeafirma, assista ao vídeo com a faixa Batainar.

¶ Para participar da seleção, mande um pequeno histórico de sua banda, dupla ou do seu trabalho solo, músicas em MP3 ou clipe e um selotino de contato para josu.bastos@diariogaucha.com.br.

Fonte: Diário Gaúcho, edição de 5 de abril de 2016.

Entre 2014 e 2016, notou-se uma melhor distribuição das matérias no site do jornal *Diário Gaúcho*. As fotos apresentam mais qualidade, acompanhando os avanços tecnológicos e as matérias têm *hiperlinks* para que o internauta possa ler outras histórias de músicos de Estrelas da Periferia. Ainda, as reportagens publicadas no site apresentam complementos de vídeos

mais elaborados, tanto vídeos de clipes publicados pelos artistas no YouTube, que o internauta pode assistir na própria página da matéria, quanto vídeos de boa qualidade, produzidos pelo próprio jornal, nos quais o entrevistado conta um pouco de sua história e canta um trecho de uma música própria. Um exemplo é a matéria com a banda de *rock* Infuria, do bairro Partenon. Mesmo tendo sido feito em um lugar artesanal, a casa de um dos integrantes, o vídeo tem boa qualidade, dando ao leitor uma ideia audiovisual do que é o grupo.

Figura 23 – Infuria no Site do *Diário Gaúcho*

The image is a screenshot of a news article from the website 'Diário Gaúcho'. At the top right, the word 'Entretenimento' is written in a large, pink font. Below it, a navigation bar shows 'Diário Gaúcho' with a right arrow, 'Entretenimento' with a right arrow, and 'Notícias' in a dark purple box. The article's byline reads 'Estrelas da Periferia 17/05/2016 | 07h02 Atualizada em 17/05/2016 | 14h04'. The main headline is 'Conheça os roqueiros que se destacam em uma região que predomina o funk, o rap e pagode'. Below the headline is a sub-headline: 'Banda Infuria, do Morro da Polícia, no Bairro Partenon, aposta no gênero, começa a ganhar reconhecimento no meio e prepara lançamento de segundo EP'. To the right of the sub-headline are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Google+, and Email, with the word 'Compartilhar' above them. The main image shows three men standing on a paved path outdoors. The man on the left is wearing a green t-shirt and black pants, holding drumsticks. The man in the middle is wearing a black t-shirt and black pants, holding a drumstick. The man on the right is wearing a black jacket and blue jeans, holding a black electric guitar. They are standing in front of a background of trees and a building.

Fonte: BARROS, 2016.

Figura 24 – Vídeo Infúria

Conheça outras histórias de Estrelas da Periferia

Estratégia

Com o passar do tempo, os parceiros sentiram que precisavam dar uma suavizada no seu som, para conseguir entrar no concorrido mercado roqueiro de Porto Alegre.

— Por isso, estamos em um estilo mais tranquilo, inspirado em nomes como Queens of The Stone Age — define Magrão.

Como boa parte dos grupos independentes, os músicos se viram nos 30 para sobreviver. Para gravar uma das canções da banda, em um estúdio particular, gastaram cerca de R\$ 600 há dois anos.



Fonte: BARROS, 2016.

Figura 25 – Vídeo Infúria II



Estrelas da Periferia: conheça o grupo Infúria

No começo, pegaram pesado e faziam um rock mais alternativo com uma pegada metaleira. Com um visual diferente na área, logo chamaram a atenção da vizinhança.

— Todo mundo nos conhece como os roqueiros do bairro. Acho que somos o único grupo de rock, não conheço outro. E mantemos uma relação legal com a galera dos outros gêneros. Vamos a eventos comunitários organizados por eles — garante Magrão.

Conheça outras histórias de Estrelas da Periferia

Fonte: BARROS, 2016.

Abaixo, vejamos a tabela que demonstra, ano a ano (de 2009 a agosto de 2016), os artistas e seus gêneros em Estrelas da Periferia:

Tabela – Ilustração de Estrelas da Periferia

Ano	Numero de bandas	Estilo
2009	27	Sertanejo (7). <i>Funk</i> (5). Pagode (4). Rap (4). Samba (3). <i>Rock</i> (2). Nativismo (2).
2010	51	Sertanejo (13). Pagode (8). <i>Funk</i> (7). Rap (6). Samba (5). <i>Rock</i> (5). Baile (3). <i>Pop</i> (2). Nativismo (1). <i>Reggae</i> (1).
2011	51	Pagode (12). Rap (9). Sertanejo (5). <i>Rock</i> (5). Samba (4). <i>Pop</i> (3). <i>Reggae</i> (2). Baile (2). <i>Funk</i> (2). <i>Dancehall</i> (1). Nativismo (1). <i>Indie rock</i> (1). MPB (1). <i>Charm</i> (1).
2012	49	Sertanejo (9). Pagode (8). Rap (7). <i>Funk</i> (7). <i>Reggae</i> (5). <i>Pop</i> (4). Nativismo (2). Baile (2). Samba (3). Metal (1) e Forró (1).
2013	51	Sertanejo (12). Pagode (9). Samba (7). <i>Funk</i> (6). Rap (5). Baile (3). <i>Rock</i> (3). Nativismo (1). Gospel (2). <i>Pop</i> (2). <i>Reggae</i> (1).
2014	52	<i>Funk</i> (12). Rap (8). Pagode (8). Sertanejo (8). Nativismo (4). <i>Rock</i> (4). Samba (3). <i>Pop</i> (2). Baile (2). <i>Reggae</i> (1).
2015	52	<i>Funk</i> (20). Pagode (7). <i>Rock</i> (6). Rap (5). Sertanejo (3). Samba (3). <i>Pop</i> (5). <i>Charm</i> (1). DJ (1). MPB (1).
2016 (até a edição do dia 9 de agosto)	32	<i>Funk</i> (6). <i>Rock</i> (6). Sertanejo (6). Rap (4). Pagode (3). Samba (2). Baile (1). <i>Pop</i> (1). Nativismo (1). Samba rock (1). Gospel (1).

Fonte: O autor.

6 CONCLUSÃO

É sabido que o jornal, além de sua função enquanto meio de comunicação, cumpre um papel social nas comunidades onde circula e tem penetração. Na pesquisa que analisou matérias publicadas na seção Estrelas da Periferia, destinada a novos artistas de regiões periféricas de Porto Alegre e da Região Metropolitana, foi possível notar que o jornal tenta se aproximar ainda mais de suas comunidades, ao publicar histórias de artistas que tenham relevância naquele determinado bairro, ou região, mas que ainda não são conhecidos no resto da cidade. E podem nem vir a ser, diga-se de passagem.

Mais do que contar a história de um novo talento, que pode vir a ficar conhecido no país inteiro, creditando ao jornal uma espécie de “formação” ou “lançamento” deste artista, a impressão que fica é que a seção tenta cumprir um papel social, de dar espaço para quem não tinha nenhuma atenção em uma mídia musical extremamente competitiva.

O *ethos* discursivo de vários dos artistas aqui analisados demonstra que eles estavam completamente à parte da sociedade, não só enquanto músicos, mas também enquanto cidadãos, pois alguns divulgavam seu trabalho de graça, sem ter a mínima ideia se teriam algum retorno, algum dia, como no caso de MC Dino, e ainda tinham a “oferta sedutora” de enveredar para o mundo da criminalidade, por exemplo.

Na análise das matérias, é impossível negar a importância do veículo na melhoria do *ethos* discursivo de vários destes artistas. Seria ingenuidade achar que um artista que jamais tenha sido objeto de uma matéria em um grande veículo da imprensa, seja ela falada, escrita, televisiva ou internética, siga sua vida de maneira exatamente igual depois de ter sua história contada em um dos maiores jornais do país. Entretanto, a pesquisa nos mostrou que existem mais elementos fundamentais para que um artista chegue ao sucesso do que simplesmente uma matéria publicada no *Diário Gaúcho*. Saimon, do Grupo do Bola, corrobora esta afirmação, ao dizer que a matéria do jornal “não mudou a vida do grupo, não aumentou o número de *shows*”. Logo em seguida, porém,

ele ressalta que aquele grupo, que era querido por todos em seu bairro, em sua comunidade, tinha “chegado lá”: ou seja, alcançou um feito importante, teve sua história contada em um grande jornal.

Mesmo com tamanha repercussão, ele revelou, por exemplo, que a matéria não teve nenhuma influência na escolha do grupo para participar do programa *SuperStar*, da TV Globo. Aí, entram outros fatores, e outras mídias, principalmente, que mostram sua força. Saimon revelou que a produção do programa entrou em contato com o grupo após ter assistido alguns clipes do Grupo do Bola no YouTube. Ou seja, o Grupo do Bola demonstrou evolução depois que teve sua história contada? Com certeza. A mídia teve sua relevância evidenciada por conta disso? Certamente. Porém, o *Diário Gaúcho* atuou muito mais no *ethos* discursivo do Grupo do Bola do que propriamente em resultados específicos, que possam ser mensurados, como aumento de *shows*, por exemplo.

Hoje, mesmo sem sair constantemente no *Diário Gaúcho*, o Grupo do Bola segue ativo, fazendo *shows* pelo país, usando outras mídias para se divulgar, de resultado mais efetivo e menos social, digamos assim.

O mesmo exemplo pode ser aplicado ao funkeiro MC Dino. Ele também apresentava um *ethos* discursivo de estar à margem da sociedade. Fazia *shows* sem cobrar cachê, tentava divulgar suas músicas pela internet; era desconhecido. Duas de suas declarações, por exemplo, mostram bem como ele se via antes da matéria. Em uma delas, disse que “quando o Dino não era ninguém, o *Diário Gaúcho* lhe abriu as portas”. Em outra, disse que a seção é importante, pois ajuda a desviar os jovens do mau caminho, inclusive ele.

Em contrapartida, Dino não sabe afirmar qual a importância da matéria para que ele tenha atingido 80 mil acessos em um dos seus clipes, por exemplo. Hoje, ele tem clipes que ultrapassam um milhão de acessos e não teve nenhuma matéria no jornal em 2016. Ou seja, a importância do jornal na revelação destes músicos é muito mais social, uma oportunidade para quem está começando, do que propriamente acompanhar toda a sua carreira, como um *reality show* musical.

Para se ter um exemplo, o já citado *SuperStar*, da TV Globo, tem uma estrutura completamente diferente, que se propõe a acompanhar o artista iniciante em várias etapas. O prêmio final, inclusive, além de dinheiro, é um contrato com uma gravadora. Além de não ser uma iniciativa nesse sentido, é importante ressaltar que o jornal falha no acompanhamento de alguns artistas, não sendo possível conferir a real situação de alguns deles nos meses e anos seguintes à publicação de suas matérias.

Tal falha também acontece quando o jornal pretende mostrar o que mudou em suas trajetórias e, em alguns casos, como os mostrados nesta pesquisa, não sustenta de maneira consistente a tal evolução de alguns artistas que participaram da matéria que fazia o balanço da seção naquele ano.

Outra falha, ou exemplo de como a iniciativa exerce um papel muito mais social do que jornalístico, é no Pitaco de Quem Entende. O rigor das avaliações não é semelhante ao que se vê nos *reality shows* musicais, quando se nota críticas, até pesadas, a muitos artistas iniciantes. Ali, o recado é de força aos estreados, com poucas observações que possam ser qualificadas como negativas.

Outro exemplo em que o *ethos* discursivo aparece bem, e que mostra como as matérias exercem um papel mais social do que jornalístico, é o da dupla Jader & Gustavo. Na entrevista, um deles chega a dizer que, após a publicação de sua história em Estrelas da Periferia, levava o jornal com a reportagem na hora de falar com contratantes e radialistas, por exemplo, para mostrar que o trabalho deles era “realmente sério”.

O discurso da dupla mostra que eles estavam completamente marginalizados dentro de um sistema e precisavam de uma espécie de referendo, de um selo de qualidade em suas carreiras, que era a publicação de uma matéria no *Diário Gaúcho*, como se aquilo fosse salvar suas vidas – ou mudar. Hoje, a dupla não estourou no país inteiro, não é conhecida fora de um restrito meio musical, e de comunidades, comprovando que a função da seção e do jornal, nesse caso, como já referido, é muito mais social do que realmente jornalístico.

REFERÊNCIAS

ACQUARONE, Francisco. **História da música brasileira**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1950.

ALZAMORA, Geane. In: AZZOLINO, Adriana Pessate (Org.). **7 propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências. São Paulo: Miró, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **O Réu e o Rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANCHIETA, Isabelle. In: AZZOLINO, Adriana Pessate (Org.). **7 propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências. São Paulo: Miró, 2009.

BARROS, José Augusto de. Conheça os roqueiros que se destacam em uma região que predomina o *funk*, o *rap* e pagode. **Diário Gaúcho**, 17 maio 2016. Disponível em: <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

_____. *Funk ostentação* chega a Porto Alegre. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 24 fev. 2013.

_____. Tempero pra cair no gosto da galera. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 11 set. 2013.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor**: jornalismo cultural na imprensa brasileira. São Paulo, 2006.

BORBA, Mauro. **Prezados ouvintes**: histórias do rádio e do *pop rock*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

BUITONI, Dulcília Schoroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: a história e as histórias da bossa nova. São Paulo: Comp. de Bolso, 2008.

DINIZ, Edinha. **Biografia Chiquinha Gonzaga**: uma história de vida. São Paulo: Zahar, 2009.

ESSINGER, Silvio. **O baú do Raul revirado**. São Paulo: Saraiva, 2005.

ETCHICHURRY, Carlos. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação].

GADINI, Sérgio Luiz. **A cultura como notícia no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Pref. da Cidade do Rio de Janeiro, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. São Paulo: Era Livros, 1995.

GOLIN, Cida. Parâmetros do sistema artístico e cultural no jornal *Diário do Sul* (1986-1988): a centralidade da economia na cobertura da cultura. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 40, p. 36-43, 2009.

GRANDO, Mauri. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, jul. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação].

GRUPO RBS. **Jornal**: *Diário Gaúcho*. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/diario-gaucha/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

JADER & GUSTAVO. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação].

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira dos primórdios ao início do século XX**. Porto Alegre: Movimento, 1976.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista**. São Paulo, Record, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

_____; POSSENTI, Sírio; SOUZA E SILVA, Maria Cecília Péres (Org.). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábolas, 2008b.

MARIZ, Vasco. **Vida musical**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MAX & RODRIGO. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 28 nov. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação].

MC DINO. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, nov. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação].

MORAIS, Sabrina. Grupo do Bola grava primeiro DVD e recebe público de 80 mil pessoas. **Gshow**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/superstar/So-na-web/noticia/2015/02/grupo-do-bola-grava-primeiro-dvd-e-recebe-publico-de-80-mil-pessoas.html>>. Acesso em: 7 ago. 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003.

PETILLO, Alexandre. **Curtindo música brasileira**: um guia para entender e ouvir o melhor da nossa arte. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

REQUIÃO, Flávia. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação].

RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

SALDANHA, Sandro. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 28 dez. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

SAIMON [do Grupo do Bola]. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, out. 2014. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação].

SCHIRMER, Lauro. **RBS**: da voz-do-poste à multimídia. Porto Alegre, L&PM, 2002.

SOUZA, Adriano de [Gangster]. In: Estrelas da Periferia. *Diário Gaúcho*, Porto Alegre, 6 de janeiro de 2014.

THOMAS, Claudio. **Entrevista**. Entrevistador: José Augusto de Barros. Porto Alegre, 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação].

TORRES, Haroldo da Gama et al. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**, n. 17 (47), 2003, p. 97-128.

TRAVANCAS, Isabel. **Suplementos e leitores**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-suplementos-leitores.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

APÊNDICE A – Entrevista com Carlos Etchichurry

Carlos Etchichurry: Editor-chefe do *Diário Gaúcho*.

1) Como avalia a importância da seção Estrelas da Periferia dentro da cobertura de jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Carlos Etchichurry - O Estrelas da Periferia tem alta relevância para a cultura popular da Região Metropolitana e, por via de consequência, para o *Diário Gaúcho*. O espaço permite que artistas populares com pouca ou nenhuma visibilidade sejam valorizados na área nobre (contracapa) de um jornal que vende, em média, 130 mil exemplares por dia.

2) Como acha que ela contribui para o desenvolvimento de artistas de periferia no Rio Grande do Sul?

Carlos Etchichurry - Muito! Não saberia mensurar, mas, como informei acima, os artistas saem em um espaço nobre do segundo maior jornal do Rio Grande do Sul. É uma visibilidade absurda. Nenhum outro veículo gaúcho (talvez nenhum no Brasil, mas isso eu não saberia informar com precisão) possibilita tamanha visibilidade para artistas desconhecidos do grande público.

3) Quais os problemas que a seção apresenta, ao seu ver? Acredita que ela cumpra seu papel?

Carlos Etchichurry - É uma seção inovadora, que cumpre o seu papel de valorizar artistas da periferia – como o nome apropriadamente destaca. Acho que poderia haver mais interação dos músicos com o jornal através do Facebook e também acredito que há um longo caminho na plataforma digital que pode ser traçado. O sucesso de programas como o *The Voice* reforçam a certeza de que ainda podemos avançar.

4) Consegue enxergar resultados com artistas que tiveram suas histórias ali contadas?

Carlos Etchichurry - De todos os artistas “lançados” pelo Estrelas, o Grupo do Bola talvez seja o que está conquistando mais sucesso nacional. É um fenômeno cuja história começou a ser contada pelo *Diário Gaúcho*.

5) Como vê o processo de seleção de artistas para participar da seção?

Carlos Etchichurry - Eu tenho envolvimento praticamente zero na escolha dos artistas. Todo processo é feito pela editoria de Variedades, sob a liderança da Flávia Requião (editora) e do José Augusto Barros (responsável pela seção). Eles levam em consideração a qualidade do trabalho (José Augusto é um especialista em música popular) e a relevância do grupo, entre outros aspectos.

APÊNDICE B – Entrevista com Claudio Thomas

Claudio Thomas: Editor-chefe do *Diário Gaúcho* de 2009 até 2011 e atualmente diretor de imprensa do Governo de Santa Catarina.

1) Como avalia a importância da seção Estrelas da Periferia dentro da cobertura de jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Claudio Thomas - A seção cumpriu um papel importante na apresentação de talentos que raramente tinham espaço na mídia popular ou até mesmo na mídia qualificada. Estrelas da Periferia transformou-se em um canal de revelação de talentos. Os cantores, bandas e duplas jamais teriam espaço se não fossem as reportagens do *Diário Gaúcho*.

2) Como acha que ela contribui para o desenvolvimento de artistas de periferia no Rio Grande do Sul?

Claudio Thomas - Com certeza. Os artistas da periferia passaram a ter um espaço para divulgar suas habilidades. Isso ficou ainda mais evidente quando o Estrelas da Periferia conquistou espaço na Rádio Cidade FM.

3) Quais os problemas que a seção apresenta, ao seu ver? Acredita que ela cumpra seu papel?

Claudio Thomas - Sempre cumpriu com o seu papel de ser o primeiro espaço na mídia para a revelação de talentos.

4) Consegue enxergar resultados com artistas que tiveram suas histórias ali contadas?

Claudio Thomas - Não sei quantificar, mas acredito que todos conseguiram mais apresentações em razão das matérias veiculadas na seção do *Diário Gaúcho*.

5) Como vê o processo de seleção de artistas para participar da seção?

Claudio Thomas - Com bons critérios, porque dá espaço para quem quase não tem espaço na mídia.

APÊNDICE C – Entrevista com a Dupla Sertaneja Max & Rodrigo

Max & Rodrigo: Capivari do Sul.

1) Como era a realidade da banda? Como ela se divulgava antes?

Max e Rodrigo - Quando conseguimos a oportunidade de aparecer no Estrelas da Periferia, estávamos em começo de carreira, nosso projeto tinha por volta de um ano e meio de vida. Foi nossa primeira aparição em um jornal de grande popularidade, e essa oportunidade fez com que, de certa forma, fossemos reconhecidos como uma dupla de verdade. Com isso, aos poucos, as portas começaram a se abrir para nós. começou a se abrir portas para nós. Até então nossa divulgação era feita por meio da internet, mas de forma precária e sem muitos resultados.

2) O que mudou, ou não mudou, depois da publicação da matéria?

Max e Rodrigo - Mudou muita coisa, pois após nossa aparição no quadro, divulgando nosso primeiro CD, conseguimos que nossas músicas fossem tocadas em algumas rádios de nossa região, o Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Inclusive, algumas grandes rádios de Porto Alegre e do Interior começaram a tocar nossa música.

3) As coisas aconteceram na velocidade que vocês imaginavam?

Max e Rodrigo - Não, claro que não, pois, na medida que você vai evoluindo com seu projeto, no nosso caso um projeto de dupla com banda completa, você começa a entender que o sonho da música não é fácil e que o processo é muito mais difícil do que se imagina, pois se não trabalhar como uma empresa de verdade, você não chega a lugar nenhum. Por isso, o mais rápido possível, fomos atrás de pessoas que entendiam desse negócio para nos ajudar.

Primeiro, fomos atrás de uma produtora de artistas que nos abriu os olhos para o mundo dos negócios da música, depois disso ficou um pouco mais fácil entender que, querer ser artista talvez seja o sonho mais difícil do mundo a ser realizado.

4) Como achas que a seção contribui para o desenvolvimento do jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Max e Rodrigo - Acreditamos que Estrelas da Periferia tem um potencial enorme dando oportunidade aos novos talentos do nosso estado. Hoje, praticamente, não se vê esse tipo de iniciativa nos meios de comunicação, nós e muitos outros somos exemplos vivos disso, pois se não fosse este quadro, não saberíamos se as portas iriam se abrir pra nós.

5) O que efetivamente mudou para a dupla (aumento no número de shows, exposição na mídia, reconhecimento dos fãs, lançamento de clipe, CD, DVD), hoje, passados 3 anos da publicação da matéria?

Max& Rodrigo - Mudou tudo! Apesar de não termos uma carreira nacional ainda, podemos dizer que já alcançamos muitos de nossos objetivos. Alguns exemplos disso: hoje, temos uma média de 10 *shows* por mês, estamos rodando nossas músicas nas principais rádios do Rio Grande do Sul, em algumas do Brasil e também em uma rádio de La Paloma, no Uruguai. Hoje, somos reconhecidos em várias cidades por onde passamos, gravamos alguns programas de televisão, como o Jornal do Almoço da cidade de Rio Grande, entre outros. Ainda, lançamos uma canção com a produção do cantor, compositor e produtor Sandro Coelho, chamada Amor de Verão.

APÊNDICE D – Entrevista com Sandro Saldanha, do Projeto John Folk

Sandro Saldanha: Canoas.

1) Como era a tua realidade, e do teu projeto, antes de sair na seção Estrelas da Periferia? Como vocês se divulgavam?

Sandro - A matéria no jornal foi uma das primeiras divulgações da banda. Ainda não havia lançado o primeiro disco. Era um projeto cheio de ideias, metas e planejamentos, porém, era um trabalho novo em folha, sem nenhuma história além do primeiro clipe de divulgação e da promessa do disco.

2) O que mudou, ou não mudou, depois da publicação da matéria?

Sandro - A publicação da matéria elevou as expectativas do lançamento, gerou uma grande curiosidade do público em geral e incentivou a mídia em apostar numa nova banda.

3) As coisas aconteceram na velocidade que tu imaginava?

Sandro - Não posso mentir que não imaginava tal velocidade. Sou muito otimista e tenho muita crença. Acredito no foco e no planejamento. Por ser "hiperativo" (não diagnosticado) eu espero que tudo seja para ontem. Trabalho todos os dias como se fosse o meu último dia da vida. Sou *workaholic* por opção.

4) Como achas que a seção contribui para o desenvolvimento do jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Sandro - Eu tenho certeza que a seção contribui muito para o jornalismo cultural. É um dos espaços mais democráticos da mídia atual. Leva artistas de

todos os cantos para a leitura diária da população gaúcha. Tratando-se de um jornal de grande circulação, dissemina a crença para novos artistas e possibilita aos leitores conhecer e apostar em novos talentos.

5) O que efetivamente mudou para ti, e para o projeto (aumento no número de shows, exposição na mídia, reconhecimento dos fãs, lançamento de clipe, CD, DVD), hoje, passados 1 ano e sete meses da publicação da matéria?

Sandro - Passados 1 ano e 7 meses da publicação da matéria, acredito que ela realmente fez parte do meu crescimento profissional. Um tijolo importante nesta construção diária. A exposição na mídia fomentou outros canais, atraiu o público e o reconhecimento do trabalho. Desde o começo, pensei em levar minha música ao lugar mais longe possível, sabendo que necessitava do apoio da grande mídia de rádios, jornais e TV para alcançar este feito. Sei de toda dificuldade de se construir uma carreira artística, mas acredito que sempre haverá espaço para novos artistas que lutam e vão atrás de seus sonhos. As dificuldades são enormes como em qualquer profissão, porém, com força, foco e persistência é possível alcançar seus objetivos. Dois anos se passaram e muita coisa mudou.

APÊNDICE E – Entrevista com MC Dino

MC Dino: Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre.

1) Como era a tua realidade antes de sair na seção Estrelas da Periferia? Como te divulgava?

Dino - Acho que a primeira vez que saí em uma mídia que não fosse de internet foi na seção. Fora isso, sempre me divulguei pela internet ou pedindo pra cantar de graça, também levando um CD com minhas musicas e pedindo pros DJs tocarem.

2) O que mudou, ou não mudou, depois da publicação da matéria? Tu teve uma evolução notável. Relaciona isso, de alguma maneira, a matéria ou não?

Dino - Pra mim, mudou bastante coisa. De lá pra cá, tudo evoluiu muito, e sou muito grato pela oportunidade que me deram de aparecer quando ainda era anônimo aos olhos de todos.

3) As coisas aconteceram na velocidade que tu imaginava?

Dino - Quem me conhece sabe que sempre quero mais, minha carreira decolou mas sou um cara que sempre que conquisto algo nem chego a comemorar pois já estou pensando em conquistar outros objetivos.

4) Como achas que a seção contribui para o desenvolvimento do jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Dino - Eu acho a seção muito importante, pois ajuda a desviar muitos jovens do caminho errado, inclusive eu.

5) O que efetivamente mudou para ti (aumento no número de shows, exposição na mídia, reconhecimento dos fãs, lançamento de clipe, CD, DVD), hoje, passados 4 anos da publicação da matéria?

Dino - Graças a Deus, mudou muito, todas as coisas aumentaram de quatro anos pra cá, e ainda vão aumentar mais em 2016. Sou muito grato a Seção Estrelas da Periferia do *Diário Gaúcho*, que há quatro anos, quando o Dino não era ninguém, lhe abriu uma porta.

APÊNDICE F – Entrevista com a Dupla Sertaneja Jader & Gustavo

Jader & Gustavo: São Leopoldo.

1) Como era a realidade da dupla antes de sair na seção Estrelas da Periferia? Como vocês se divulgavam?

Jader e Gustavo - A realidade era bem menor do que é hoje falando-se de tudo. Desde a divulgação, que era mais por meio de internet, amigos e pelos shows que fazíamos; musicalmente falando éramos mais inferiores do que somos hoje, a matéria, sem dúvidas, deu um "up" na nossa carreira.

2) O que mudou, ou não mudou, depois da publicação da matéria?

Jader e Gustavo - Ficamos mais conhecidos. Ganhamos mais seguidores nas redes sociais e nas ruas também, pois antes a galera que nos conhecia de vista passou a nos acompanhar, viu que a gente fazia um trabalho sério.

3) As coisas aconteceram na velocidade que vocês imaginavam?

Jader e Gustavo - Aconteceram rapidamente nos primeiros dias mesmo. Tivemos uma grande procura por pessoas que queriam conhecer mais nosso trabalho.

4) Como acham que a seção contribui para o desenvolvimento do jornalismo cultural no Rio Grande do Sul?

Jader e Gustavo - A seção tem papel importante, pois a cultura em nosso estado é muito rica. O Rio Grande do Sul tem muitos talentos e não só na música, e esses talentos precisam ser vistos, o nosso estado carrega uma tradição que a gente encontra só aqui.

5) O que efetivamente mudou para a dupla (aumento no número de shows, exposição na mídia, reconhecimento dos fãs, lançamento de clipe, CD, DVD), hoje, passados 3 anos da publicação da matéria?

Jader e Gustavo - Antes de sair no Estrelas da Periferia, tínhamos um projeto de gravar um CD, pois pensávamos que, assim, teríamos mais chances de ganhar mais público e também que os shows aumentariam devido ao CD, que todo mundo sempre pedia. Depois que a entrevista com a dupla foi publicada, o primeiro CD em breve acabou surgindo, as músicas de trabalho começaram a ser tocadas na rádio, pois, em cada rádio que a gente ia, levávamos a matéria junto. Acreditamos que o trabalho se torna mais sério a partir do momento que você se expande assim! A agenda de shows aumentou de um show por semana para até três, muitas vezes. Isso, claro, devido ao nosso trabalho, ao nosso CD e a matéria, esses três fatores somados foram importantes. E claro que tudo também dependeu bastante do nosso esforço e de nossos fãs e amigos, pois temos uma galera que nos acompanha e é leal ao nosso som. Na nossa região aumentou o número de seguidores nas redes sociais, Ex: antes na nossa página no "Facebook" tínhamos 300 seguidores, hoje estamos com 3.000, como já disse tudo se engloba a matéria, o esforço, fãs comprometidos, trabalho sério, CD e etc.

6) Como vocês se viam antes da matéria? Marginalizados, "no sentido de estar a margem", ou achavam que tinham potencial para crescer?

Jader & Gustavo - Quando montamos nossa dupla, já montamos com o pensamento de crescer. Logo, já pensávamos em muitas coisas, montar banda, gravar CD, tocar música nas rádios. Então, quando veio a matéria, ela deu um impulso para que a gente corresse atrás ainda mais do nosso objetivo. Até hoje, lembramos que, em qualquer lugar que íamos pedir um apoio, levávamos junto o jornal, para mostrar para o pessoal ver que nosso trabalho era sério, e isso, com certeza, dava um olhar diferente para quem nos via. A matéria somou muito pra gente.

APÊNDICE G – Entrevista com Saimon, do Grupo do Bola

1) Como a banda se divulgava antes de sair em Estrelas da Periferia?

Saimon - Pela internet e muito no boca a boca, já éramos conhecidos no Bairro Morada do Vale e na cidade. O pessoal tinha um carinho muito grande pelo grupo, sabia que a gurizada era da “correria”, que se virava.

2) O que efetivamente mudou para o grupo depois da matéria?

Saimon - Na questão de *show*, não mudou muito, não e a reportagem não mudou nossa vida. A gente já fazia bastante show, naquela época, show de “quebrada”, em barzão de pagode. O que mudou muito para nós foi a questão de ser conhecido. Tipo “Bah, aquele grupo lá de Gravataí, os guris tão no jornal. Esse grupo que eu te falava”. Foi nosso primeiro contato com mídia. Normalmente, ninguém conhece o rosto dos grupos de pagode. A repercussão aqui em Gravataí foi muito boa, Aqui em Gravataí foi bom, os guris conseguiram, todo mundo tem carinho por nós. A gente sempre foi muito dedicado, foi um troféu, todo mundo ficou feliz. Me lembro que na época eu fazia um estágio no Hospital Cristo Redentor, e tinha um mural em um dos setores. Quando a matéria saiu, a minha chefe ia de setor em setor para mostrar que a gente tinha saído no Diário Gaúcho. Foi nosso primeiro contato com jornal, com mídia. Inclusive, emolduramos essa matéria na minha casa. No dia que a matéria foi publicada, o jornal se esgotou em uma padaria que fica perto da minha casa.

3) Em 2014, o grupo participou do SuperStar, teve exposição nacional e passou a fazer shows em todo o país. Como chegaram até lá? Alguma relação com Estrelas da Periferia?

Saimon - Fomos convidados porque acharam nosso material na internet, pelos cliques. Quando já estávamos lá, participando do programa, ficamos sabendo que eles têm pessoas que pesquisam bandas em redes sociais, no YouTube. E foi lá que nos acharam. Então, nossa ida para o programa não teve nada a fazer com entrevista.

4) E qual a diferença em relação ao que aconteceu com vocês pós-Estrelas da Periferia e pós-SuperStar?

Saimon - A reportagem foi uma parada que mostrou que “esses caras existem”. Uma coisa meio “tem um grupo em Gravataí”. Foi muito legal aqui em Gravataí, o pessoal queria nos ver, porque todos têm um carinho muito grande pela gente na cidade. E graças ao jornal a gente ficou conhecido, grupo de pagode não tem rosto, geralmente. Para a galera da cidade, foi um troféu a gente ter saído no jornal. O que o Superstar fez com a gente, foi pular 10 anos de carreira para o grupo, algo completamente diferente, mudou nossa vida de um dia para o outro.

APÊNDICE H – Entrevista com Flávia Requião

Flávia Requião: Editora de Variedades do Jornal *Diário Gaúcho*.

1) Como funciona a editoria de Variedades e Entretenimento do Diário Gaúcho?

Flávia Requião - A estrutura da editoria funciona com um editor e 3 repórteres, todos podem fazer de tudo, matérias de música, de novelas, mas a gente tenta dar uma segmentada, sim, nos conteúdos, porque acreditamos que, setorizando mais, a gente consegue ter um conteúdo diferenciado do que rola na internet, mesmo a gente estando em Porto Alegre e os músicos e famosos estando no eixo Rio-São Paulo-Bahia.

Então, todos os jornalistas da editoria têm que estar preparados para escrever sobre tudo da área do entretenimento. Mas, ao mesmo tempo, temos a preocupação de fazer matérias mais reveladoras, que tragam algo a mais, que podem ser feitas justamente por repórteres especializados, mais setorizados.

2) Quais são os cuidados para que a seção Estrelas da Periferia não se desvirtue de seu objetivo, tendo em suas páginas matérias de bandas que não sejam exatamente destas regiões?

Flávia Requião - Os cuidados já começam quando a gente forma o repórter, especialista, que conversa com a periferia. É o primeiro filtro que a gente faz. O segundo cuidado é quase automático. Temos um filtro automático com nosso leitor, que é muito fiel. É difícil que um músico do Higienópolis, do Moinhos de Vento, por exemplo, olhe a chamada da seção e envie material.

Pode acontecer, não estou dizendo que não acontece, mas é raro. Até porque o Diário Gaúcho é lido pelas classes C, D e E e pouco pela B, muito menos pela A. Mas estamos alinhados com o repórter, para que não existam surpresas nesse sentido. E, por outro lado, trabalhamos para que não exista

preconceito e para que os leitores sejam surpreendidos ao saberem que existem bandas de rock no Rubem Berta ou na Lomba do Pinheiro, por exemplo.

3) Qual grupo, na tua avaliação, ganhou maior projeção?

Flávia Requião - Rapidamente, eu lembro do Grupo do Bola que, coincidência ou não, depois de sair no Diário, parou no Superstar. Não estamos dizendo diretamente que o Estrelas da Periferia foi responsável pelo Grupo do Bola estar na TV Globo. A gente sabe que a seção não foi diretamente a responsável por fenômenos como esse, mas uma porta de entrada, que se abre para outra, e para mais outra. Mas uma porta vai se abrindo, a outra vai se abrindo. Sabemos que se um jornal como o Diário Gaúcho publica uma história de um grupo como esse, é uma porta que vai se abrindo. O artista até pode ser talentoso, mas, se não tiver uma vitrine, nunca será reconhecido.

4) Qual o papel do jornal na publicação destas matérias, na tua avaliação?

Flávia Requião - Eu acho que o jornal tem até um papel social nesse sentido. A gente está falando em periferia, mas parte boa da periferia, de gente da periferia sair num espaço positivo do jornal, e não na editoria de Polícia. Tu fala de coisas boas que estão sendo produzidas na periferia. E o jornal dá uma baita vitrine para essas pessoas, tanto no impresso quanto no site. A partir disso, podemos ajudá-lo a sair de um reduto de criminalidade, por exemplo. A música pode abrir portas para ele.

5) Em algumas matérias avaliando os artistas, depois que saíram em Estrelas da Periferia, aparecem algumas inconsistências, como a falta de embasamento que sustente o crescimento de alguns, propalado na matéria. Como avalia isso?

Flávia Requião - Na maior parte dos casos, quando a gente mostrou a evolução dos artistas, foi com embasamento, como no caso do Guinter ou de alguns outros que gravaram CD, EP, foram morar fora, tentar a carreira em outros Estados. Esse cuidado o jornal sempre teve. De não deixar passar a idéia de que o artista queria vender o seu peixe mas que nem sabia direito o objetivo. Mas claro, pode ter acontecido de deixar passar, de não ter “perna” para acompanhar um que tenha se destacado mais. Mas quando acompanhamos, acompanhamos à altura, com concretude.

6) Quais os problemas que enxerga na seção?

Flávia Requião - Acredito que o Pitaco de Quem entende seja um dos pontos que a seção apresente problemas. Muitas vezes, não sei bem se por receio, se por conhecerem os músicos locais ou para não “se queimar”, os convidados do Pitaco de Quem Entende acabam sendo condescendentes, e não fazem aquela crítica, que pode expor problemas do artista em questão, a crítica construtiva, e acabam não tocando nas partes negativas. Mas notei uma melhoria nos últimos dois, três meses.

7) Como surgiu a seção?

Flávia Requião - Foi por ocasião da morte do Michael Jackson, em 2009. O objetivo era ter uma cara mais Diário Gaúcho na cobertura da morte do Michael Jackson. Ao ver aquele personagem, que era tão conhecido na Restinga, mas desconhecido de todos nós, que não somos de lá, e de milhares de outras pessoas, começamos a imaginar quantos outros artistas, estrelas, não deve haver em outras comunidades e que não estamos tanto dando valor, que não estamos prestando atenção. Achávamos que eles deviam ter músicas compostas, e até gravadas, seja em casa, de maneira mais artesanal ou em algum estúdio da região, que cartazes avisassem de shows por ali, em lugares populares na comunidade, mas pensamos que eles podiam não ter penetração ou muito alcance fora de suas respectivas regiões. E deu resultado

imediatamente. Quando publicamos a primeira história, já surgiram interessados.

8) E o futuro, o que planeja para a seção?

Flávia Requião- Sete anos não é pouco tempo, ainda mais em um jornal de grande circulação, como o Diário Gaúcho, um 'canhão'. Então, com tanto tempo assim, e sabendo que a seção ganhou relevância junto aos leitores, com esse papel social, e de dar espaço para novos grupos, a seção deve estar sempre se reinventando. Esse é um dos desafios para 2016, ainda, ou 2017: o que podemos fazer de diferente? Ela já ganhou espaço no site, na contracapa. Mas o que pode ser diferente?

APÊNDICE I – Entrevista com Mauri Grandó

Mauri Grandó: Empresário do ramo musical e diretor musical da Rádio Cidade (92.1 FM).

1) Em 2013, o que significava para um artista estreante ter 80 mil acessos em um clipe, como no caso do MC Dino?

Mauri Grandó - Para o Dino, eu acredito que esse número foi muito bom. Porém, depois disso, ele teve um clipe que chegou a dois milhões (de visualizações). O meu parâmetro é que se o artista conquistar, em um clipe, mais de 50 mil, visualizações, está ótimo. Claro que atualmente, nomes fortes como a Anitta passam de dois milhões de visualizações em dois dias. 80 mil para um artista consagrado, é pouco. Mas 80 mil para um artista estreante, em 2013, era bastante.